

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS –
IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

OFÍCIO DE FÉ: REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO DE
OLIVENÇA-AM

Mestranda: Gilcirley Santana
Penaforte.

Bolsista: Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado do Amazonas-
FAPEAM

Orientador: Prof. Dr. Michel
Justamand.

Tabatinga-AM
2021

GILCIRLEY SANTANA PENAFORTE

**OFÍCIO DE FÉ: REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO DE
OLIVENÇA-AM**

Dissertação de Mestrado, apresentado à banca examinadora, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas-PPGSCA/UFAM.

Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob orientação do professor Doutor Michel Justamand.

**Tabatinga-AM
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P397o Penaforte, Gilcirley Santana
Ofício de fé: rezadeiras no Município de São Paulo de Olivença-
Am / Gilcirley Santana Penaforte . 2021
134 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Michel Justamand
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Mulheres. 2. Rezas. 3. Saberes Tradicionais. 4. Ofício de fé. I.
Justamand, Michel. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

GILCIRLEY SANTANA PENAFORTE

**OFÍCIO DE FÉ: REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO DE
OLIVENÇA-AM**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADO À BANCA EXAMINADORA, DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA DA
AMAZÔNIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. LINHA DE
PESQUISA: SISTEMAS SIMBÓLICOS E MANIFESTAÇÕES SOCIOCULTURAIS,
SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR MICHEL JUSTAMAND.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Michel Justamand – Presidente

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof^a Dra. Iraildes Caldas Torres – Membro

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof^a Dra. Gilse Elisa Rodrigues – Membro

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dedico a cada um integrante da minha família, as rezadeiras que participaram da dissertação.

Dedico a rezadeira e minha avó Darcy (in **memoriam**), meu avô Martiro (in **memoriam**) e meu bisavô Noginel Barreto Seabra (in **memoriam**). Dedico também ao meu avô Onofre, minha avó Helena, minha mãe Cirlei, meu pai Gilberto. Ao meu filho Heliel Mártire Penaforte Martins. Ao meu namorado Francisco Ângelo Farias da Silva.

Aos meus irmãos Gilmarxe Santana Penaforte, Gilberxe Santana Penaforte, Gilcirlene Santana Penaforte e Gilciely Santana Penaforte que sempre acreditaram em mim.

Aos meus tios Jorge Teixeira Penaforth, Paul George Seabra Santana, Maria Timan Seabra Santana, Reinerio Soares, Leonila Teixeira Penaforth, Dilcinha Teixeira Penaforth.

Agradecimentos

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha caminhada no mestrado, a Professora Doutora: Iraildes Caldas com seu olhar aguçado sobre as mulheres, me fez vir além, sobre as mulheres rezadeiras.

Heloísa Helena, obrigado pela dedicação, mostrando os primeiros passos para desenvolvimento do projeto de pesquisa.

Raquel Wiggers obrigada pela sua contribuição, na disciplina de Família e Gênero, onde forneceu uma reflexão crítica sobre a família e gênero, enfatizando os processos históricos dos conceitos como patriarcado, opressão das mulheres, papéis de homens e mulheres na família e na sociedade.

Iraildes Caldas Torres e Renilda Costa, obrigado pela dedicação e apoio, incentivando-me a nunca desistir do meu objetivo, as suas contribuições da Epistemologia e das Ciências Sociais na análise, interpretação e compreensão da sociedade foram essenciais, facilitando o entendimento sobre o pensamento complexo.

Gláucio Campos, Marilene Corrêa da Silva Freitas obrigada por me fazer refletir sobre o processo civilizador no contexto do Amazonas e suas comunidades, onde trouxe autores, ideias, conceitos e noções no campo do pensamento social sobre a Amazônia.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, Salaniza, uma verdadeira irmã, Marta, Junior Peres, Nelly, Frâncio Costa, e do Doutorando: Selomi, Antônia Marines.

Aos meus primos Jhonatan, Jhonderson, Jhanoly, Jhamily, Ricky Brendon, Eduardo Felipe, karolen, Laenny, Diôff, Walter que está presente na educação e todos meus primos.

Agradeço ao meu tio Manoel Pereira, rezador já falecido, minha tia Mafalda.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio financeiro para a realização deste estudo.

Agradeço ao meu orientador Michel Justamand, pelo empenho, dedicação. Esta dissertação tem todo um valor simbólico para as Rezadeiras e o senhor fez parte disso. Também as professoras Gilse Rodrigues e Iraildes Caldas Torres, Renilda, cujas apreciações críticas, fizeram parte da dissertação.

Não deixando de mencionar o de maior importância, ao meu bom Deus, o qual proporcionou o dom da vida e atingir o meu objetivo que era defender essa dissertação, e as interlocutora Darcy, já falecida, a Mazia e Maria Isabel, obrigado por serem estas mulheres aguerridas, que tem a reza como primordial força que rege suas vidas.

Rezadeira

Deixa o menino jogar, porque é sexta-feira, pra proteger é que existe a rezadeira
(Projota)

RESUMO

Este estudo está estruturado tendo como temática: Ofício de fé: Rezadeiras no município de São Paulo de Olivença-AM. O objetivo geral é: Apontar os aspectos simbólicos e de fé presentes no ofício de Rezadeiras, dando especial relevo ao papel social exercido por essas mulheres, no município de São Paulo de Olivença, no Amazonas. Tem como objetivos específicos: a) Analisar a benzeção como um dom oferecido por Deus às rezadeiras, dando destaque ao seu papel social e ao perfil dessas mulheres; b) Identificar os tipos de rezas e a utilização de ervas utilizadas pelas rezadeiras, apontando o perfil das pessoas que procuram o trabalho das rezadeiras e c) Reconstruir trajetórias de rezadeiras no exercício de seu dom, pontuando os aspectos de fé e trabalho praticados no ofício de benzeção. O estudo foi feito por meio de narrativas de vida das rezadeiras, das pessoas que procuram as rezadeiras, e também pelas narrativas do padre do município e de um médico, para isso foi feita a pesquisa em campo, através de entrevistas, fazendo-se compreender a imensidão e a riqueza do conhecimento empírico, sendo debatido com o científico. Pudemos constatar, que além de ser uma resistência, dessas mulheres praticarem suas rezas, sem nenhum pudor, crendo veemente em seus poderes de cura, sendo procuradas por pessoas da sociedade paulivense e de outros municípios, elas resistem não por praticarem algo coercitivo e sim pelo fato de suas ações, repercutirem nas vidas das pessoas, nisso elas demarcam o lugar da mulher, além de demonstrar a força da mulher. Trazendo no bojo de suas ações, conhecimentos ecológicos, sendo elas mais aguçadas para selecionar as melhores folhas, raízes, interagir com os espíritos da floresta, e serem orientadas para escolherem as melhores plantas. E pelo o que elas narraram, podemos concluir que, essa prática ainda continuará a existir, pois elas não deixarão de rezar enquanto em vida tiver força e sabedoria, isso só enriquece a cultura popular, além de ser um alívio para as pessoas que precisam de seus cuidados, ressaltando que mesmo em pleno período pandêmico da Covid-19, duas rezadeiras ainda continuaram rezando nas pessoas. Podemos observar que existe um hibridismo, que mesmo existindo Unidades Básicas de Saúde (UBS) e o próprio hospital, as pessoas ainda procuram as rezadeiras, a Medicina Institucional não interfere na prática dessas médicas populares. Essa pesquisa traz algo exótico, ao explicar sobre a força da oração, por trazer a reza ritualística do Acidente Vascular Cerebral (AVC), além de abordar sobre a religião, antropologia, ecologia e sobre as mulheres amazônicas.

Palavras-chave: mulheres, rezas, saberes tradicionais, ofício de fé.

RESUMEN

Este estudio está estructurado con el tema: Oficio de fe: Rezadeiras en el municipio de San Pablo de Olivença-AM. El objetivo general es: Señalar los aspectos simbólicos y de fe presentes en la oficina de Rezadeiras, con especial énfasis en el papel social que desempeñan estas mujeres, en el municipio de San Pablo de Olivença, en Amazonas. Sus objetivos específicos son: a) Analizar la bendición como don ofrecido por Dios a la oración, enfatizando su rol social y el perfil de estas mujeres; b) Identificar los tipos de oraciones y el uso de hierbas que utilizan los dolientes, señalando el perfil de las personas que buscan el trabajo de los dolientes y c) Reconstruir trayectorias de las rezadeiras en el ejercicio de su don, puntualizando los aspectos de fe y trabajo practicado en el oficio de benzeccion. El estudio se realizó a través de narrativas de vida de las rezadeiras, de las personas que buscan las rezadeiras, y también a través de las narrativas del padre del municipio y de un médico, para ello, se realizó la investigación de campo, a través de las entrevistas, haciéndose entender, la inmensidad y riqueza del conocimiento empírico, en discusión con los científicos. Pudimos constatar que, además de resistencia, estas mujeres practican sus oraciones, sin pudor, creyendo con vehemencia en sus poderes curativos, siendo buscadas por personas de la sociedad paulivense y de otros municipios, resisten no porque practiquen algo coercitivo, sino por el hecho de que sus acciones repercutan en la vida de las personas, en esto demarcan el lugar de la mujer, además de demostrar la fuerza de la mujer. Aportando en sus acciones, conocimientos ecológicos, siendo más afines a seleccionar las mejores hojas, raíces, interactuar con los espíritus del bosque y dejarse guiar por las mejores plantas. Y de lo que narraron, podemos concluir que esta práctica seguirá existiendo, ya que no dejarán de orar mientras tengan fuerza y sabiduría en la vida, esto solo enriquece la cultura popular, además de ser un alivio para las personas que necesitan su cuidado, enfatizando que incluso en medio del período de la pandemia de Covid-19, dos rezadeiras aún continuaban orando en las personas. Podemos observar que hay un hibridismo, que a pesar de que existen Unidades Básicas de Salud (UBS) y el propio hospital, la gente sigue buscando la oración, la Medicina Institucional no interfiere en la práctica de estos médicos populares. Esta investigación aporta algo exótico, al explicar la fuerza de la oración, por traer la oración ritualista del Accidente Vascular Cerebral (AVC), además de abordar la religión, la antropología, la sociología, la ecología y la mujer amazónica.

Palabras clave: mujeres, oraciones, conocimientos tradicionales, oficio de fe.

Lista de Figuras

Figura 01: Mazia rezando com pião branco.....	21
Figura 02: Mazia rezando com espada branca.....	21
Figura 03: Maria Isabel rezando numa mulher.....	23
Figura 04: Maria Isabel rezando numa criança.....	23
Figura 05: Darcy rezando um senhor idoso.....	24
Figura 06: Localização das rezadeiras.....	28
Figura 07: Mapa do município de São Paulo de Olivença.....	29
Figura 08: Local em que Mazia opera suas curas.....	105
Figura 09: Altar de Maria Isabel.....	112
Figura 10: Plantas contidas no quintal de Maria Isabel.....	112

Lista de tabela

Tabela 01: Idade e número de filhos das rezadeiras.....	29
--	----

Lista de quadros

Quadro 1: Perfil das rezadeiras.....	30
Quadro 2: Perfil das pessoas que procuram pelas rezadeiras.....	83

LISTA DE SIGLAS

AVC- Acidente Vascular Cerebral

CASAI- Casas de Apoio do Índio

CTL- Coordenação Técnica Local

FUNAI- Fundação Nacional do Índio

STA- Salva Tua Alma

RDMS- Recordação da Santa Missão

UBS- Unidades Básicas de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 AS MULHERES E A REZA COMO PRÁTICA TRADICIONAL.....	15
1.1 A reza como dom de Deus	15
1.2 Rezadeiras, quem somos.....	27
1.3 O papel social das rezadeiras.....	43
CAPÍTULO 2 AS REZADEIRAS COMO MEDIADORAS DA CURA E SEUS BENEFICIÁRIOS.....	65
2.1 Saberes Tradicionais e o Xamanismo.....	65
2.2 Rezas e ervas utilizadas na benzeção.....	73
2.3 O perfil das pessoas que procuram a rezadeira.....	82
CAPÍTULO 3 TRAJETÓRIAS NO OFÍCIO DE REZADEIRA.....	93
3.1 Darcy, Mulher de fé e xamã.....	93
3.2 Mazia, vida e trabalho na benzeção.....	102
3.3 Maria Isabel, aprendiz de rezadeira.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICES.....	130

INTRODUÇÃO

Em pleno coração da floresta Amazônica, mais precisamente no município de São Paulo de Olivença-AM, estão as mulheres rezadeiras, que ainda insistem em suas práticas tradicionais, com seus rituais de xamanismo.

A floresta amazônica já foi mencionada em várias histórias, as quais ouvi na minha infância, tais como rezadores que utilizavam as raízes do açaí para curar picadas de serpentes, histórias de pessoas capazes de dialogar com os animais do fundo do rio e lagos, como a “cobra grande, arraias gigantes”, tidas como donos de rios e lagos.

A partir das idas e vindas, feitas ao campo da pesquisa, compactuamos em dar voz a essas mulheres rezadeiras, na tentativa de descortinar, suas rezas secretas, ervas confidenciais e os pactos xamânicos outrora feitos por elas. É perceptível o saber adquirido ao longo da vida, e quanto os dias foram árduos, porém cheios de aprendizados.

As rezadeiras se superam a cada reza, a cada cura, tudo sempre é um aprendizado, são as maiores riquezas locais, a cultura torna-se poesia, através de suas mãos hábeis e seus sussurros repletos de fé. Um saber mítico, que não diz tudo, apenas o necessário, pois não se pode revelar tudo que se sabe.

As rezadeiras são mulheres apreciadas, veneradas por existirem nestas localidades. O que esses olhos já viram? Quais as lamúrias que já escutaram? Quais fatos já presenciaram? Elas são a resistência dos conhecimentos tradicionais, a manutenção de todo manancial intelectual, proveniente dos povos da floresta, conhecimento que reverbera na continuidade da vida das pessoas.

As rezadeiras podem ser ensinadas, ou já trazem de berço esses conhecimentos, que são aperfeiçoados ao longo dos anos, são especialistas no quesito da reza e de indicarem chás, remédios e banhos, àqueles que as procuram, segundo elas, isso é um “dom” que Deus as deu.

O estudo tem como temática “Ofício de fé: Rezadeiras no município de São Paulo de Olivença-AM”, a presente dissertação apresenta como Objetivo Geral: Apontar os aspectos simbólicos e de fé presentes no ofício de Rezadeiras, dando especial relevo ao papel social exercido por essas mulheres, no município de São Paulo de Olivença, no Amazonas. Tem como objetivos específicos: a) Analisar a benzeção como um dom oferecido por Deus às rezadeiras, dando destaque ao seu papel social e ao perfil dessas mulheres; b) Identificar os tipos de rezas e a utilização de ervas utilizadas pelas rezadeiras, apontando o perfil das pessoas que procuram o trabalho das rezadeiras e c) Reconstruir trajetórias de rezadeiras no

exercício de seu dom, pontuando os aspectos de fé e trabalho praticados no ofício da benzeção.

Este estudo tem o propósito de pensar, de que forma o papel das rezadeiras é visto na sociedade paulivense¹, buscando-se perceber essas práticas sociais no âmbito dos saberes tradicionais. Trata-se de um diálogo no campo interdisciplinar, envolvendo a Antropologia, Sociologia e Ciência da Religião, numa tentativa de compreensão da resistência deste ofício no tempo contemporâneo, pois se trata de um saber-fazer milenar, secular, praticado ainda nos dias atuais, como é o caso das rezadeiras da área urbana do município de São Paulo de Olivença².

O interesse pela temática surgiu por meio das indagações e observações, do fato de que as rezadeiras possuem conhecimentos ancestrais dignos de serem transmitidos às demais gerações. Elas resistem no meio social, com suas práticas ritualísticas, confrontando a medicina oficial, a partir do momento que curam as doenças das pessoas, e confrontam a religiosidade oficial, quando fazem a intermediação com as entidades divinas, para exercerem a cura.

Também muitos indivíduos desconhecem o que é rezar por isipla³ e outras doenças curadas pelas rezadeiras, com isso salientamos que as mesmas são especialistas sobre as propriedades de cura através de plantas medicinais, praticam suas rezas a partir da oralidade, ou seja, da informalidade de suas rezas, que vão além da cura, tornando-se literaturas de aprendizado para as pessoas.

E se fazem merecedoras de terem suas histórias relatadas e escritas, tornando-se um legado às pessoas que se interessam pelo campo da reza e da fé, mas também para que não se percam no esquecimento e na memória dos habitantes do município, tais atos de bondade e compaixão pelo próximo, pois, transmitem confiança e solidariedade, pois, mesmo existindo a medicina oficial, as pessoas ainda continuam procurando-as, para serem curadas, através de suas práticas tradicionais, milenar e secular.

Além disso, sou neta de rezadeira cujo nome é Darcy Teixeira Penaforth, da etnia Kaixana e trago nas minhas memórias de infância, a imagem dela rezando, ou quando me

¹ Paulivense: É o nome gentílico do município.

² São Paulo de Olivença está situado no Alto Solimões, interior do Amazonas, e esta temática foi tratada na região por: TRINDADE, Deilson do Carmo. **As Benzedeadas de Parintins: práticas, rezas e simpatias**. Manaus: Edua, 2013. E aprofundada na cidade de Campinas, São Paulo por: OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: Um estudo sobre o ofício da benzedeadora em Campinas**. Campinas, 193. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281765/1/Oliveira_EldaRizzode_M.pdf. Acesso em 23 de maio de 2020.

³ Isipla: Doença de pele, forte irritação. Chamada popularmente pelos rezadores de isipela.

rezava, e eu ouvia aquele som de prece sussurrada. Isso foi uma das mais surpreendentes experiências religiosas que tive a oportunidade de presenciar e pretendo me aprofundar ainda mais sobre o que dizem as rezadeiras e os teóricos, pois, sendo mulheres, apresentam diferenciais específicos, dentro de uma sociedade e por isso são dignas de serem objetos desta pesquisa.

Salientando que em algumas partes da dissertação terá meu posicionamento, falando como neta de rezadeira, alguém de dentro, a qual durante anos testemunhei de perto, pessoas sendo rezadas, curadas e os comportamentos da rezadeira Darcy, a qual sempre se demonstrou uma mulher virtuosa, solidária e seguidora dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Realizamos a pesquisa de campo, fizemos as entrevistas com as rezadeiras e com as pessoas que as procuram e também com o representante do catolicismo oficial e da medicina institucional. As narrativas de vida que estas possuem, foram imprescindíveis para a realização da dissertação. As entrevistas tanto com as rezadeiras, como também com as pessoas que procuram as rezadeiras, padre e com o médico, foram gravadas no aparelho celular, e transcritas de maneira meticulosa, com a finalidade de trazer densidade na dissertação.

O recorte da pesquisa de campo comportou numa amostra de 03 rezadeiras, para sabermos como elas se veem no ofício da reza. Foram ouvidas sob a técnica de entrevista semiestruturada. Elas foram escolhidas por serem bastantes conhecidas dentro do município, ou seja, na área urbana, como também são conhecidas pelos ribeirinhos, das comunidades indígenas do município e por pessoas de outros municípios, mas também por se dispuserem a serem entrevistadas em pleno momento pandêmico. Ouvimos também 03 sujeitos que foram atendidos por rezadeira e um 01 representante da igreja católica, sendo mais específico, o padre, e também um representante da Medicina Institucional, para ser preciso, um médico, para sabermos suas opiniões a respeito das práticas de reza, que foram debatidas por teóricos especialistas no assunto. Todos foram ouvidos sob a técnica de entrevista semiestruturada. Ao passo que a partir das respostas dos entrevistados, aproveitava o ensejo para pergunta-los de maneira mais profunda e reflexiva sobre o fazer das rezadeiras, como ocorreu na entrevista com o médico.

No local da pesquisa de campo posicionei-me como um eterno aprendiz, ou seja, aprendendo a ouvir, a observar de maneira mais aguçada, por ter a incumbência e o privilégio

de dar voz, a essas mulheres. As visitas foram feitas em cenário pandêmico do Covid-19⁴, tomei o máximo de cuidado, seguindo o protocolo de segurança, utilizando máscara, o distanciamento social e muita fé, minhas principais limitações foram ter uma internet muito limitada, dizendo em outras palavras, muito ruim, que não proporcionava baixar PDFs de autores especialistas no assunto, e também para pesquisar o nome científico de plantas, frutas, dentre outros, além disso, a internet só tem melhoria na madrugada.

Foi muito satisfatório fazer a pesquisa em campo, uma vez que me propiciou compreender as lutas diárias dessas mulheres, tanto no campo físico quanto no espiritual, observando os cuidados que derramam nas pessoas, o ambiente que as cercam, a farmácia que possuem em seus próprios quintais, também aprendi a observar a natureza, e os saberes ecológicos, repassados aos longos das gerações, o campo dita e direciona o trabalho proposto, sendo um privilégio dar vozes a essas mulheres rezadeiras do município de São Paulo de Olivença, tema gerador dessa dissertação.

Desenvolveu-se neste trabalho uma reflexão sobre a forma como as rezadeiras no seu aspecto histórico e cultural têm sua importância dentro do cenário social. Para isso foi feito um levantamento da literatura a respeito do tema escolhido. Dentre os autores pesquisados os de maior relevância para este trabalho foram: Lévi-Strauss (1975), Oliveira, E. (1983), Eliade (1992), Costa (2000), Durkheim (2000), Maués (1994-2005), Mauss (2003), Torres (2005), Alexandre (2006), Geertz (2008), Santos, F. (2009), Horochovski (2012), Nascimento e Ayala (2013), Trindade (2013), Simões (2014), Júnior; Menezes; Neves (2015), Silva e Pereira (2015) e Jesus et al (2016), Lewitzki (2019), dentre outros, possibilitando maior entendimento da temática abordada.

Esta dissertação dividiu-se em três partes: na primeira pretendeu mostrar as mulheres e a reza como prática tradicional. A segunda traz as rezadeiras como mediadoras da cura e seus beneficiários. Na terceira parte, se analisou trajetórias no ofício de rezadeira, dando sequência as considerações finais, que arremetam o trabalho.

⁴ Covid-19: Também chamado de o novo Coronavírus, é um vírus contagioso, que acarreta sérios riscos à saúde, que de uma epidemia, tornou-se uma pandemia e que no Brasil já ceifou mais de 580.525 pessoas e os índices estão crescendo, seus sintomas são: gripe, tosse seca, perda de olfato e paladar, diarreia, falta de ar, dor de cabeça, vômito, dentre outros.

CAPÍTULO 1 AS MULHERES E A REZA COMO PRÁTICA TRADICIONAL

1.1 A reza como dom de Deus

A reza é um dom em que se passa energia positiva, às pessoas que procuram as rezadeiras, essas pessoas saem aliviadas das casas das rezadeiras, porque a fé que possuem das rezadeiras lhes curarem, é grande. A natureza é um paradigma onde as mulheres rezadeiras se apropriam das plantas, raízes e ervas, que auxiliam-nas no processo de cura do paciente. Quem cura não é a rezadeira, mas sim Deus, a fé do doente, juntamente com a força vindo da natureza, estas são as palavras pronunciadas pelas rezadeiras para seus clientes.

A rezadeira é uma grande expoente e conhecedora da diversidade florestal que a envolve, sabendo utilizar as árvores que se tornam remédios, conseguindo coletar e manusear as cascas, raízes e folhas, utilizadas para tratar a saúde das pessoas do meio social (LEWITZKI, 2019, p. 58).

As rezadeiras ao falarem sobre as causas que implicam a continuação de rezarem nas pessoas, e sobre o motivo do tamanho amor pelo próximo, espírito de compaixão, empatia e quererem a todo custo minimizar as dores ou curar a doença do paciente, implicando todas essas motivações, chega-se ao dom, que é um dos principais motivos de toda essa doação carnal e espiritual.

O dom, segundo as rezadeiras da pesquisa é algo divino, pois as diferem de outras pessoas, levando-as ao nível de interação com o sagrado, faz com que tenham que cumprir a sua missão aqui na terra, e assim como Jesus curou muitas pessoas, sem cobrar nada por isso, é nessa lógica que as mesmas fundamentam suas ações práticas de reza.

Sobre essa concepção de dom, e sobre ter empatia e amor pelo próximo, muitas vezes as rezadeiras, a partir de conversas informais, elas citam Jesus e crescendo nesse campo espiritual e ambiente de reza, penso que esse Jesus, não é somente do catolicismo e tampouco dos evangélicos, porém é o Jesus de todas as raças, de todos os credos, aquele que não só acolhia prostitutas e leprosos, mas também os tratava de maneira afável, e os chamavam de amigos. Era acessível aos ricos e aos pobres, aos publicanos e pecadores, que tinha na sua essência, somente fazer o bem, não importando a quem.

Esse fator primordial que é o dom as leva a fazerem suas práticas, mesmo tendo afazeres domésticos, sendo mães, porém, isso não as impedem de fazer o bem, mulheres que muitas vezes vivem no anonimato de seus ofícios, praticantes assíduas do catolicismo popular, denominadas também de “médicas populares”, são admiradas por tamanha

generosidade, fazem do dom adquirido, práticas do bem, não importando a classe social financeira, o gênero e a crença da pessoa.

Para a autora Patrocínio (2016), o dom desde a fase inicial, a partir do momento que rezaram pela primeira vez, operando a primeira cura, até o momento presente, já foi aperfeiçoado, construído e reconstruído, pratica essa que com o passar dos anos, traz vigor físico e também espiritual. Podendo ajudar as pessoas, fazendo-as serem especiais no meio social. No contexto da benzeção, se restringe que somente àqueles que são hábeis para se tornarem benzedores são os que têm o dom, pois já nasce com ele, e se desenvolve no decorrer do tempo (PATROCÍNIO, 2016, p. 60).

Entretanto, a comunidade deve ser a principal força, capaz de reconhecer as rezadeiras como pessoas especiais, podendo curar e favorecer o bem-comum, tornando-se referências no campo do benzimento, pessoas que são capazes de ter uma vida devotada para fazer o bem, esperando que sua paga seja proveniente de Deus, tecendo relações interpessoais, que durarão para o restante da vida. Também podemos constatar que mais adiante, na fala das pessoas que procuram as rezadeiras, elas são reconhecidas no meio social, como praticantes de boas ações.

A autora Patrocínio (2016) continua afirmando que os poderes de cura das rezadeiras, não depende somente do descobrimento da existência do dom em sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde elas moram, onde atuam, seus vizinhos, seus familiares, as pessoas que lhes são chegadas, reconheçam o seu dom. É necessário que essas pessoas queiram que tal dom lhes ajudem de alguma forma, que elejam o rezador como uma pessoa especial, que admitam que são capacitados, dotados de poderes espirituais (IDEM, 2016, p. 38).

Nas palavras de Trindade (2013), as rezadeiras têm suas práticas como um dom, o qual é capaz de uni-las ao campo espiritual e que por isso operam a cura nas pessoas que anseiam por elas, um dom capaz de fazê-las ter uma missão em suas vidas, o dom, portanto, está relacionado diretamente às práticas de benzeção, é um elo com Deus. A palavra dom deriva do latim *donum*, que significa “oferta feita aos deuses”. No caso das benzedoras, o seu dom é visto como algo divino que lhe foi dado gratuitamente, uma dádiva recebida de Deus (TRINDADE, 2013, p. 91).

Para exercer o ofício da benzeção, não basta somente ter o dom, é preciso ter amor pelo próximo, empatia e dedicação naquilo que faz, pois muitas pessoas têm o dom da cura, contudo, não o executam, pelo fato de que são sabedoras que isso não as farão ricas e porque no mundo globalizado, com a correria do cotidiano e suas vertentes, o prazer de servir ao

próximo no amor incondicional, é abortado, “percebemos que ter o dom, portanto, não é o bastante, embora este seja um requisito necessário haver um aprendizado com a pessoa que reconhecidamente apresente esse carisma” (IDEM, 2013, p. 96).

O dom além de ser algo muito valioso, e quem o possui, não quer perdê-lo, mostra-se insuficiente à pessoa digna de ser chamada de boa rezadeira, dado que, outros adjetivos estão inclusos nele, esses precisam ser vistos na ação, daquelas no qual o dom é atribuído.

Para se ter o dom de cura não basta somente aprender a rezar, é imprescindível se ter certas habilidades, além das qualidades, que devem ser de uma boa índole, ética e moral, ser caridosa, deve temer a Deus, porém não se cobrar pelas rezas (SANTOS, 2009, p. 25).

Vivemos em um mundo em que as práticas de amor pelo próximo estão se esgotando, sobressaindo o individualismo e, a perda dos antigos valores, como ser solidário, ter empatia, não se cobrar por um trabalho, está cada vez mais se intensificando, por isso a importância dessas mulheres rezadeiras, que a partir do dom em suas vidas, vivenciam o espírito de amor pelo próximo, a exalar generosidade e fé.

Mulher é ser mãe e por isso inspira cuidados, em todas as suas formas de agir, é com dedicação e amor, e com as mulheres rezadeiras isso não é diferente, as pessoas que as procuram são muito valorizadas e tidas como únicas.

O dom fez com que essas mulheres rezadeiras agissem, por meio de um “coração puro e bom”, tirando as vendas e a maquiagem social, enxergando não somente a doença, mas também seu valor humanitário, que assim como aos “olhos de Deus” somos todos irmãos, deve-se agir, equitativamente nesse amor fraternal.

Embora a sociedade esteja mais voltada para o mundo capitalista, a prática da reza, ainda continua, e não se cobrar por tais serviços, está ligado indubitavelmente ao dom que as mulheres rezadeiras adquiriram em suas vidas, quer seja a partir da maternidade, quer seja a partir da vida adulta.

Após abordar sobre o dom, faz-se mister relatar como essas rezadeiras adquiriram o dom, além do mais, é importante navegar sobre esse universo místico, dando voz a essas mulheres, que mantiveram até os dias atuais, esses conhecimentos tradicionais. E sobre como adquiriu o dom, a rezadeira Darcy aborda sobre um evento extraordinário e desde esse dia, a reza que aprendeu, serve até os dias atuais para curar outras pessoas, e a mesma relata que

Adquiri o dom da cura através de um sonho, onde um homem encantado em forma de boto apareceu, antes de eu ter tido esse sonho que aprendi as rezas, o meu filho tava muito doente e todos os dias que ia à beira do rio lavar louça ou roupa, um boto ficava boiando na minha frente. Teve um dia

que fui dormir pensando no meu filho e como faria para ele ficar bom, nesse dia eu sonhei, no sonho aparecia um homem feio, mostrando o fundo do rio, o local era muito bonito, ele perguntou se eu lembrava dele, e eu respondi que não, e o boto falou: sou eu o boto, que aparece todo dia para você na beira do rio, eu perguntei o que ele queria comigo? Ele respondeu que queria me ajudar, ele sabia que eu tava muito preocupada com meu filho, e que iria ensinar uma oração para curar, então ele ensinou a oração e com essa oração o meu filho foi curado, (DARCY, 80 anos, entrevista, 2019).

Nas palavras de Santos (2009) algumas rezadeiras afirmam ter recebido o dom de curar as pessoas por meio de seres sobrenaturais, tais como seres fantásticos, anjos, caboclos, visões e vozes, sinais que nos remetem a outras dimensões, as que obtiveram os saberes das rezas a partir desse aprendizado com os seres de outros mundos, acabam destacando tal acontecimento para fortalecer sua atuação perante a comunidade (SANTOS, 2009, p. 25).

Nota-se que Darcy adquiriu o dom a partir da vida adulta, passando por uma situação em que seu filho se encontrava doente, desde esse momento aprendeu outras rezas, não somente para rezar em seus familiares, mas também para favorecer outras curas na comunidade, ressalta-se que esse evento ocorreu no município de Tonantins, quando ela tinha 26 anos. Conforme Darcy (80 anos) “*ela foi uma escolhida por Deus, onde Ele deu o dom para ela através do sonho*”, ela aprendeu as orações e até os dias de hoje, continua praticando o ofício da benzeção, pois já salvou muitas pessoas com o seu dom, tanto através da reza como através dos chás, garrafadas, banhos preparados por ela, para dá aos seus pacientes que precisam (PENAFORTE; PENAFORTE, 2019, p. 68).

Ao passo que Mazia, umas das rezadeiras que compõe essa pesquisa, aborda sobre como adquiriu o dom, discorrendo que

Quando eu era criança, de uns quatro anos, eu brincava sozinha, mas para mim tinha outras pessoas que brincavam comigo, pensava que era minha imaginação. Mas não era, eu olhava e falava com essas crianças, minha mãe perguntava com quem eu falava e eu dizia, está aí ela, do seu lado, foi passando o tempo e eu falava que tal coisa vai acontecer e acontecia, eu via através da visão de tal acontecimento, ouvia alguém me chamar. Com dez anos veio alguém em meu sonho e disse que eu iria cuidar de um campo, eu até brinquei, será que eu vou ser fazendeira? Aí foi quando veio uma voz dizendo que eu iria rezar, eu me concentrei a Deus, Deus é por tudo e entre tudo, quando acordo me apego em Deus e quando durmo também. Mas só a partir dos 25 anos que comecei a rezar, porque antes eu tinha vergonha e medo, não aceitava o meu dom, mas com 25 anos que comecei a fazer o meu próprio banho e a rezar nas pessoas, sou médium (MAZIA, 46 anos, entrevista, 2020).

À origem de suas práticas em algumas pessoas isso se deu através das gerações precedentes, com a transmissão oral das rezas através das mães e avós. As demais contaram histórias de descobertas desses dons, surgidos espontaneamente como um sinal divino, geralmente, transmitidos através da revelação de um sonho (ALEXANDRE, 2006, p. 79).

Segundo a fala de Mazia, percebe-se que a mesma compreendeu seu dom, a partir da infância, mas só passou a praticar assiduamente a reza, com vinte e cinco anos de idade.

Enquanto que Maria Isabel narra de maneira primordial, a maneira como adquiriu o dom, contando que

Eu desde a minha infância, que eu ouvia as vozes né, aí o meu pai, ele rezava, acho que todo mundo conheceu quem era Gerson Batalha, pois é, então, ele que foi me indicando e me informando o que era, que as vezes eu mesmo dizia que eu não aguentava mais né, quando eu já estava para completar 13 anos, eu sentia assim pessoas perto de mim, eu via conversar, mas eu queria entender como? Por que era aquilo né? Para mim era uma influência minha, não era, é que sempre todo mundo que reza sabe quem é médium e quem não é e quem é para trabalhar né, e eu era para trabalhar né, negócio de seara, só que meu pai, como diz outro, fez a minha linha só para mim rezar mesmo, que o que eu sentia dentro de mim, só era para mim rezar, assim porque em outros trabalhos, eu acharia muito pesado, que é pesado para quem é pai de Santo, mãe de Santo, então meu pai e a comadre Luzia, ajeitaram a minha linha só para mim rezar, mas eu desde a minha infância, eu assim tinha aquilo, quando chegava uma pessoa, eu dizia o fulano tá doente, o fulano está com isso, assim, parece uma coisa dentro de mim que dizia, só que eu não sabia ainda rezar né, e aí quando as pessoas que vinham para serem rezadas, que vinham para o papai e eu dizia: papai essa criança tá com quebranto né, essa daí, com doença né, e aí o papai olhava para mim e dizia: minha filha se cuide, aí meu pai rezava e meu pai fechou o meu corpo tudinho e aí a comadre Luzia que ajeitou a linha só para mim ficar rezando, porque tinha horas assim, que eu não queria, porque que Deus o livre, eu acho que seria assim, eu sentia assim que eu ia ser uma pessoa que não iria levar desafor entendeu, eu ia ser daquelas como diz a comadre Luzia, porque ela queria que eu ajeitasse a minha linha para mim trabalhar, só que eu tinha dentro de mim, assim por exemplo, se alguém, me visse com raiva sabe, aquilo me levaria a fazer uma coisa que não deveria fazer, aí então, aquilo foi indo, foi indo, e pronto e eu dediquei a rezar, quando eu vinha de lá, que a comadre Luzia ajeitou a minha linha todinho e ajeitou o meu corpo, assim que foi, eu ouvia as vozes (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Geralmente o conhecimento particular e especializado de uma rezadeira é transmitido por meio de parentes próximos que dominavam ou dominam a sapiência das rezas, geralmente pelos avós, mães e tias (SANTOS, 2009, p. 10). E no caso de Maria Isabel, ela já vem de uma geração de rezadores, aprendeu com o pai, juntamente com sua comadre, denominada Luzia, que ajeitaram sua linha somente para rezar.

É notório como a rezadeira aborda sobre o fato de se fazer escolhas, quando diz que não queria trabalhar em seara, visto que, poderia causar mal às pessoas, e suas escolhas se tornaram decisões de vida, sua personalidade fez com que sua trajetória merecesse ser escrita, trazendo à tona, o quanto é especial seu saber-fazer.

É muito interessante ver no semblante dessas pessoas ao entrevista-las sobre o dom adquirido, como elas navegam no passado e narram com riquezas de detalhes, os acontecimentos de muitos anos atrás, aflorando no presente, coisas que foram vivenciadas no passado e como o dom foi lapidado com o passar dos anos.

Ainda afloram em suas memórias, o quanto de especial foi adquirir o dom, ao passo que nos dias atuais, desfrutam do reconhecimento da população, porém, não esquecendo, que desde a fase da iniciação e o caminho que percorreram, o quanto isso serve de aprendizado e como a vida foi construindo o caráter delas, sendo sabedoras que são seres humanos diferenciados e melhorando as suas formas de interagir com as pessoas, tendo motivos de continuarem rezando, pois, o dom é dado por Deus e isso norteia as suas vidas.

A reza além de um dom, que favorece a cura, é a maneira que encontraram para fazerem a ação social, as quais como indivíduos puderam mudar a maneira de pensar, agir e interagir, não somente por causa de benefícios monetários, uma vez que o dinheiro não paga o que elas fazem, e mesmo elas não cobram por isso, mas sim praticam o ofício da reza, por se sentirem bem, rezando nas pessoas e favorecendo a cura.

Ao se expressar como adquiriu seu dom Darcy (80 anos, entrevista, 2020) relata que o ser fantástico boto apareceu em sonho para ela, no qual interagiram por meio de um diálogo, descrevendo que: *“eu perguntei o que ele queria comigo? Ele respondeu que queria me ajudar, ele sabia que eu tava muito preocupada com meu filho, e que iria ensinar uma oração para curar, então ele ensinou a oração e com essa oração o meu filho foi curado”*. O dom pode aparecer tanto na transmissão desse conhecimento, quanto por meio de evento sobrenatural, como sonho ou superação de uma grande dificuldade (HOROCHOVSKI, 2012, p. 6). E no caso de Darcy, ela estava passando por uma situação de desespero, uma vez que seu filho ficava cada dia pior e não via meios para curá-lo, pois não havia postos de saúde, já que morava numa comunidade ribeirinha e seu marido estava pescando, buscando sustento para a família, todavia a partir do sonho, ela aprendeu a oração para curar o filho.

Ao passo que Mazia (46 anos, entrevista, 2020) relata que *“mas só a partir dos 25 anos que comecei a rezar, porque antes eu tinha vergonha e medo, não aceitava o meu dom, mas com 25 anos que comecei a fazer o meu próprio banho e a rezar nas pessoas, sou*

médium”.

A capacidade de comunicação entre os espíritos desencarnados sejam de luz ou de trevas, sejam ainda guias médicos, médicos ou advogados do espaço e o corpo, receptor, o cavalo ou aparelho, é o móvel para o fenômeno corporal da possessão (OLIVEIRA, 1983, p. 431). Conforme já vimos, por ser médium, podemos chegar a interpretação, do motivo de Mazia brincar com outras crianças na sua infância, mesmo ela brincando a sós.

Enquanto que ao explicar sobre o dom, Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) externa que: *“eu desde a minha infância, eu assim tinha aquilo, quando chegava uma pessoa, eu dizia o fulano tá doente, o fulano está com isso, assim parece uma coisa dentro de mim que dizia, só que eu não sabia ainda rezar né”*. Embora não soubesse rezar, contudo já possuía habilidades que diziam a respeito do universo da reza.

Alguns métodos sociais e seus atores operantes têm seu significado corrompido ou encoberto por preconceitos e outros sinais do senso comum. Como o caso das benzedeiras, que mesmo sendo marginalizadas exercem um forte simbolismo na área da fé e do folclore regional, influenciando em grande medida o comportamento do corpo social e o desenho do seu imaginário, um imaginário que vai além do fator temporal, pois muito dos seus dizeres são de coisas que vão ocorrer no futuro, coisas que deixam pessoas que não possuem fé, perplexas com o que dizem e acontece no mundo real (JÚNIOR; MENEZES; NEVES, 2015, p. 3). Abaixo nas figuras 01e 02, a rezadeira Mazia está na prática de suas rezas.



Figura 01: Mazia rezando com pião-branco.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.



Figura 02: Mazia rezando com espada branca.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

Podemos observar que a rezadeira apresenta várias imagens, que por mais que a mesma se declare católica, no entanto, estas imagens demonstram que a mesma é pertencente a religião umbanda, isso é perceptível por meio das iconografias presentes nas figuras.

Em princípio existem quatro gêneros de espíritos que compõem o panteão umbandista: podemos agrupá-los em duas categorias: a) espíritos de luz: caboclos, pretos-velhos e crianças, eles formam o que certos umbandistas chamam de “triângulo da Umbanda”; b) espírito das trevas, os exus. Esta divisão corresponde à concepção cristã que estabelece uma dicotomia entre o bem e o mal: enquanto que os espíritos de luz trabalham unicamente para o bem, os exus, em sua ambivalência, podem realizar tanto o bem quanto o mal, mas representam sobretudo a dimensão das trevas (ORTIZ, 1999, p. 71).

A figura 01, mostra Mazia rezando com pião branco (*Jathophas curcas*), numa criança que se encontrava febril e com dor de cabeça, crianças também fazem parte do público da rezadeira.

Enquanto que a figura 02, mostra Mazia rezando com a espada branca, isto é, a espada denominada por ela, que é esse pano branco, que serve para a restauração da saúde, e essa restauração pode ser tanto física quanto espiritual, e o pano ao apertar a cabeça da pessoa serve para reorganizar os pensamentos, para fazer a pessoa pensar em coisas positivas e que tudo vai dar certo em suas vidas.

O pano representa uma simbologia, por outro lado, é a rezadeira que faz com que os pensamentos seja alinhados, que a força de suas palavras sejam profetizadas e que ocorram a transformação no mundo real, para que as pessoas obtenham felicidade, adquiram a cura, concretizem seus planejamento e objetivos.

Ao abordar sobre a mulher e como esta construiu seu espaço no meio social, tornando-se importante, tanto para homens, mulheres, jovens e crianças, narrar a relevância que a mulher rezadeira, vencendo as labutas árduas da vida, construiu uma imagem positiva para a maioria das pessoas, não podendo omitir que para alguns, elas sejam vistas de maneira negativa, passíveis também de sofrer discriminações.

As benzedeadas atendem a todos que as procuram, são caridosas, solidárias, humanas, não cobram por seus serviços, estes sempre guiados por rezas (OLIVEIRA, 1985b; VAZ, 2006; SANT’ANA, 2012). Seu saber é um presente de Deus, que como tal não pode ser comercializado (VASCONCELOS, 2009b).

As figuras abaixo mostram Maria Isabel rezando.



Figura 03: Maria Isabel rezando numa mulher.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.



Figura 04: Maria Isabel rezando numa criança.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

A rezadeira, reza com álcool misturado com folhas de arruda (*Ruta graveolens e Rutahortenses*), na figura 03 ela está rezando uma mulher, ao passo que na figura 04 ela já está rezando numa criança, as pessoas não deixam de procurar as rezadeiras. Pontuamos que essas imagens foram capturadas em período pandêmico.

Benedeiras levam consigo a tradição de orações, rezas, simpatias, ensinamentos divinos carregados de fé e que lhe são atribuídos através de um dom (VAZ, 2006). E esse é o caso de Maria Isabel, que vem de uma geração de rezadores, esse saber-fazer da rezadeira, todo seu carisma e todas as atribuições do dom, leva-a ter todos esses cuidados com as vidas humanas, que mesmo em período pandêmico, não se negam a rezar nas pessoas que as procuram.

Ser benzedeira significa emergir da pobreza, isto é, da exploração econômica e da expropriação do trabalho, e ter sido capaz de cultivar a bondade e a capacidade de autodeterminação (OLIVEIRA, 1983, p. 474). É perceptível isso, em virtude de, nas figuras em que aparece a rezadeira Maria Isabel, podemos observar uma mulher, que mesmo na sua simplicidade, vivenciando um período de pandemia, isso não a impediu de rezar nas pessoas, pois, ela é uma verdadeira riqueza, uma pessoa dotada de um dom, que a determina exercê-lo mesmo em momentos extremos, levando as pessoas a reconhecerem seu ofício, sendo uma pessoa cheia de espiritualidade religiosa e que faz o intermédio entre o mundo terreno e espiritual para proporcionar a cura.

Abaixo na figura 05, temos a rezadeira Darcy em sua prática ritualística xamânica.



Figura 05: Darcy rezando um senhor idoso.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

A rezadeira Darcy, indígena da etnia Kaixana, já favoreceu a cura de muitas pessoas do município de São Paulo de Olivença, todo o seu desempenho e sua espiritualidade, fundamentam-se no divino, uma pessoa que desde os 26 anos de idade, pratica um ofício de fé, e intercede por seus parentes e aderentes. A figura 05 mostra que ela está rezando com sara tudo (*Byrsonima malpighiaceae*), mãos que tocam profundamente, saberes adquiridos em uma vida de devoção.

As rezadeiras justificam seus perfis da prática de reza, como um ato de amor, inspirados pelas boas ações narradas na Bíblia, em especial no novo testamento, na frase em que Jesus veio ao mundo, fazendo seus atos benéficos, curando pessoas de diferentes moléstias sem nada cobrar por tais obras (SANTOS, 2009, p. 10).

Jesus Cristo é uma fonte inesgotável de inspiração para as rezadeiras, pois seus feitos, e a maneira como tratava as pessoas, não somente os seus discípulos, mas também os excluídos da sociedade, como é o caso dos leprosos e das prostitutas, tratando-os de maneira gentil e valorizando mais as pessoas, do que os erros que elas cometeram, servindo de inspiração para as rezadeiras.

Pessoas como as prostitutas, tidas com recinto de pecados, outras e da aparência física depreciada, como no caso dos leprosos, dado que a lepra nesse contexto era uma doença sem cura e as pessoas que tinham essa enfermidade eram excluídas do meio social, elas viviam em cidades que continham apenas leprosos, as demais pessoas nem se aproximavam com medo de pegar a doença, e pelos motivos de Jesus Cristo ser solidário, não cobrar pelas curas que

fazia, é o que serve de referência para as rezadeiras, não cobrarem pelas curas obtidas.

As rezadeiras participam de um grupo seletivo de pessoas, que amam o que fazem e que mesmo vivendo no mundo real, elas são privilegiadas por interagir com o sagrado, esse mundo sobrenatural, que muitas das vezes acontecem fatos sem explicação, que só pode ser compreendido no campo da fé, “tratamos a benzeção como uma espécie de ofício, uma vez que os princípios e as regras de funcionamento são de conhecimento restrito a um grupo de especialistas, isto é, de profissionais da medicina popular” (MOURA, 2009, p. 31).

À proporção que elas partilham um *status* estrutural juntamente com outras categorias de oprimidos, ser rezadeira é um dado social, mais além do que cultural. Ser rezadeira significa um modo popular de fazer a cura por meio do ofício da bênção e de combater à dominação. Ser rezadeira significa praticar o bem, isto é, doar. Doar significa dispor, possuir. Possuir em bondade, praticar favores, ser dedicado, em bênções (OLIVEIRA, 1983, p. 474).

No entanto, essa doação, diz respeito muita das vezes em dar prioridade em atender as necessidades das outras pessoas, antes das suas e se dedicar ao máximo, deixando seus interesses de lado, renunciando outras coisas que não dizem respeito à reza.

A rezadeira favorece a cura, conseguindo ver além do corpo de quem as procura, sendo boa ouvinte, dando conselhos e fornecendo amizade, inspirando confiança, mulheres que extrapolam seus ofícios, sendo uma questão social importante aos preconceitos sofridos pela mulher num meio social patriarcalista (SILVA; PEREIRA, 2015, p. 11).

A citação acima, expressa laços que são criados com o passar dos anos, entre rezadeiras e rezados, que denotam como as rezadeiras, são vistas como pessoas de confiança, que inspiram a vida, que fazem o máximo para que as demais pessoas que as solicitam, não desistam da vida, não desistam de prosperar, pois dias melhores sempre virão.

Por mais que seus conhecimentos sejam fundados no divino, elas são modestas, pois reconhecem que a reza não é o suficiente para se tratar algumas enfermidades, por isso falam para os pacientes, não apenas se apoiar na rezadeira, mas também, buscar ajuda médica (HOROCHOVSKI, 2012, p. 7).

Na cidade de São Paulo de Olivença, ainda prevalece às indicações de remédios caseiros, que podem ser indicados por uma rezadeira ou por alguma pessoa que passou por uma doença semelhante, daquele que lhe pediu indicações, como por exemplo, a maioria das pessoas do município é sabedora que a folha do boldo (*Pneumus boldo*), serve para fazer o chá para dor de estômago, é um saber tradicional.

Compreendemos que esses conhecimentos se inter cruzam ao ofício de rezadeira, e o domínio sobre estes saberes de cura, encontram-se no mesmo plano dos demais saberes tradicionais e populares, pois se conservam na memória coletiva, de lembranças do passado e que vem à tona sempre que são procurados, ou relembrar de alguém que ensinou algum chá, banho ou garrafada, ou uma pessoa que indicou a casa de alguma rezadeira, a qual proporcionou a cura do doente (NASCIMENTO; AYALA, 2013, p. 15).

E por terem esse contato mais humano e fazerem o elo com o sagrado, conseqüentemente faz exercer essa força que leva as pessoas a procurá-las e terem fé nas rezadeiras, como sendo somente elas capazes de curar ou minimizar os problemas físicos e espirituais.

Por outro lado, as rezadeiras se caracterizam por possuírem um contato mais humano, mais místico e afetivo com as pessoas que atendem. Além de tratarem, também tocam, ouvem, aconselham os seus pacientes que acreditam entrar em contato com uma providência superior da qual a rezadeira é apenas uma intermediária (ALEXANDRE, 2006, p. 61).

As rezadeiras ao contrário do médico oficial, não atendem à demanda populacional, elas atendem às necessidades de quem as procuram, independentemente de classe social financeira, tradição e nível cultural, muitas das vezes independentemente do horário, elas sempre buscam fazer o bem, aliás, benzedoras não atendem à “demanda”, atendem às necessidades de quem as procura. Não há hora agendada, nem data, nem dinheiro envolvido. Há apenas a necessidade” (SIMÕES, 2014, p. 105).

O dom que as rezadeiras dizem possuir, assim como todos seus arsenais de rezas e conhecimentos apurados sobre o manuseio de plantas medicinais, permitem-nas interagir com o sagrado, fazendo suas preces, pela intercessão do doente.

As pessoas que recorrem aos serviços das rezadeiras são sabedoras daquilo que vão encontrar, uma vez que acreditam que os agentes da benzeção, são capazes de fornecer uma explicação de caráter oculto para o mal que os aflige, além de indicar tratamentos da medicina tradicional, sabendo utilizar ervas, raízes e simpatias (MOURA, 2009, p. 32-33).

O dom aperfeiçoado com o passar dos anos serve como imperativo de rezar nas horas mais precisas e nos momentos mais cruciais, permitindo que tanto as rezadeiras quanto os rezados, tenham um benefício mútuo, as rezadeiras por estarem cumprindo sua missão que é fazer o bem e o rezado porque obtém a restauração da saúde física ou espiritual, que favorece dá um passo a mais no campo da fé.

1.2 Rezadeiras, quem somos

São Paulo de Olivença é um município brasileiro do interior do Estado do Amazonas, Região Norte do país. Pertencente à Mesorregião do Sudoeste Amazonense e Microrregião do Alto Solimões, situa-se ao sudoeste da capital do Estado, Manaus, distando desta cidade, cerca de 1.235 quilômetros. Ocupa uma área de 19.745,808 km², representando 1.2571% do estado do Amazonas, 0.5124% da Região do Norte e 0.2324% de todo o território brasileiro. Desse total 2,6279 km² estão em perímetro urbano. Sua população no último censo fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) 31.422, população estimada em 2019, 39.299 pessoas (IBGE, 2019), população católica apostólica romana 15.969, enquanto a evangélica: 13.694.

O município possui quatro etnias: Tikuna, Kokama, Kambeba e Kaixana, os quais residem na área urbana e rural. A economia do município tem como principais bases, o bolsa família, aposentadoria, salário defeso do pescador, sendo a empresa prefeitura também responsável pelo setor de empregabilidade, e quem não está inserido no bolsa família, aposentadoria ou com um emprego na prefeitura, sobrevive do extrativismo, caça, pesca e da agricultura familiar, como a roça, consumindo uma parte dessa produção e vendendo o excedente para arrecadar dinheiro.

Abaixo na figura 06, mostramos a localização das rezadeiras, que são muito solicitadas na cura de doenças, indivíduos cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Elas são procuradas pelo fato de serem boas rezadeiras, ótimas ouvintes, muitas pessoas atravessam a cidade, pois, têm clientes que residem em outros bairros, ou comunidades ribeirinhas, até casos de pessoas provenientes de municípios vizinhos, a fé que essas pessoas possuem nas rezadeiras, servem como guia para chegar na rezadeira a qual são fiéis.

Por mais que seja um mapa baixado no Google Maps, no mundo virtual, esses endereços já estão internalizados na mente das pessoas, cada qual com suas preferências, uma vez que sabem a maneira como são tratadas, e as formas de cura com as quais podem contar, além também de saberem para quais doenças as rezadeiras podem rezar e curar.

As pessoas para chegar à casa da rezadeira, podem ir a pé ou utilizando moto táxi, são as maneiras encontradas, não importando o mau tempo, chuvoso ou sol quente, o importante é chegar no local desejado e ser atendido pela rezadeira.

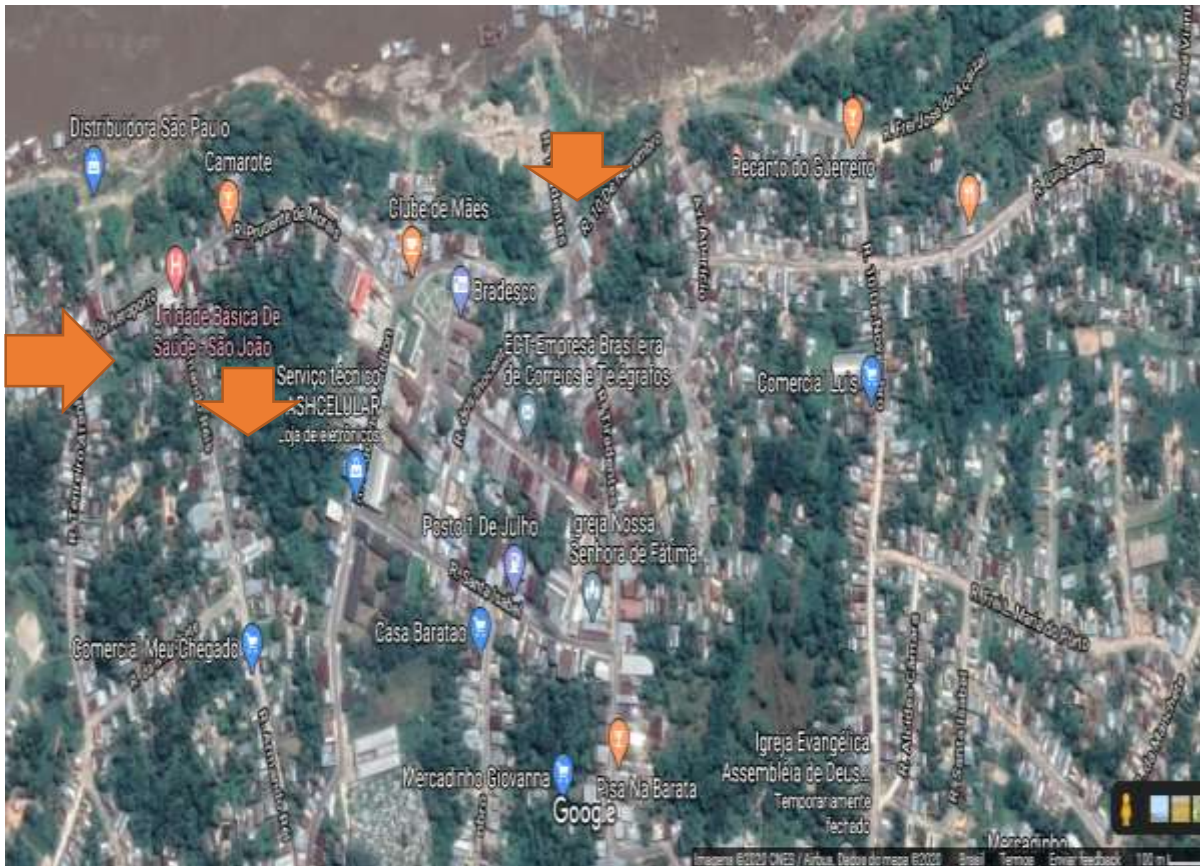


Figura 06: Localização das rezadeiras.

Fonte: <https://www.google.com/maps/@-3.4622625,-68.9451138,405m/data=!3m1!1e3>

A rezadeira Darcy reside na rua Jazão Alves dos Santos, no bairro de Santa Terezinha, sendo o maior bairro do município, próximo à beira da rua, sendo um local bem acessível, enquanto que a rezadeira Maria Isabel, reside na rua Alcides Câmara Raposa, no bairro de São João, também próximo à beira da rua, bem acessível para o atendimento de seus clientes, já a rezadeira Mazia, reside na rua Luiz Rodrigues Balieiro, também situado no bairro São João, para chegar na sua residência, tem que descer pelo um caminho de barro, que quando chove, fica um tanto escorregadio, no entanto, as pessoas não hesitam em desbravar esse caminho, para serem curadas .

Para chegar à casa das rezadeiras, não se recorre apenas ao seu endereço, informado por ruas, números e bairros, é de suma importância a referência da rezadeira no seu ofício da prática de cura, isso só se sabe, a partir do momento em que as pessoas que as procuram, sabem de suas especialidades e a localização de sua residência, bem como a forma de rezar, de atender seus visitantes, e a eficácia de suas práticas (LEWITZKI, 2019, p. 42).

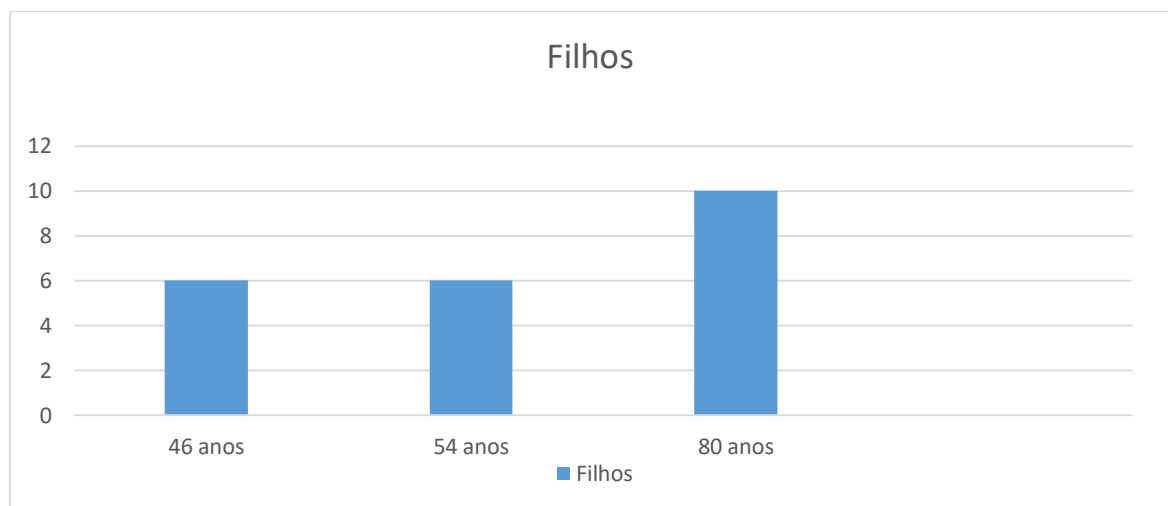
A figura 07 mostra o mapa do município de São Paulo de Olivença.



Figura 07: Mapa do município de São Paulo de Olivença.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_de_Oliven%C3%A7a#/media/Ficheiro:Amazonas_Municip_SaoPaulodeOlivenca.svg.

Abaixo se encontra a tabela com o gráfico, contendo a idade e o número de filhos das rezadeiras. **Tabela 01:** Idade e número de filhos das rezadeiras.



Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

O quadro 1, abaixo, mostra tanto o nome, quanto a escolaridade, naturalidade e os males que as rezadeiras presentes na dissertação, dizem curar. Além de servirem como referências para quem as procuram.

Quadro 1: Perfil das rezadeiras.

NOME E IDADE	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	NATURALIDADE E TEMPO QUE RESIDEM NA CIDADE	MALES QUE CURAM E MEDICAMENTOS QUE RECOMENDAM
Dona Darcy 80 anos	4ª série do ensino fundamental	Ordem Cruzada Apostólica Evangélica	Santo Antônio do itá 38 anos Reside em São Paulo de Olivença	Reza para: Cubrelo, isipla, dor de íngua, espanto, quebranto, doença do ar, peito aberto, rendidura, desmentidura, mau-olhado, vento caído, dor de dente, dor nos ovários, oração para tempestade. Receita banhos, chás, garrafadas. Usa ramos como: pinhão-roxo, vassourinha e sara-tudo.
Dona Maria Isabel 54 anos	9º ano do ensino fundamental	Católica	São Paulo de Olivença 54 anos Reside em São Paulo de Olivença	Reza: Mau-olhado, quebranto e acidente vascular cerebral (AVC). Receita banhos, chás, garrafadas. Usa Vassourinha, pião-roxo, arruda e álcool preparado.
Dona Mazia 46 anos	Ensino médio completo	Católica	Tabatinga 18 anos Reside em São Paulo de Olivença	Reza: quebranto, espanto e vento caído, enpinhela caída, trilhadura, mau olhado. Dor de cabeça e feitiçaria. Receita banhos, chás e garrafadas. Usa vassourinha, pião roxo, arruda.

Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

O próprio quadro diz que duas delas são católicas e nos perguntamos, será que elas são só católicas? Uma vez que, Maria Isabel, ela é de uma linhagem de rezadeiras espíritas, enquanto que Mazia é uma umbandista, pois utiliza pião roxo, que também é usado na umbanda, ela também se caracteriza médium, porque se incorpora. Enquanto que a rezadeira Darcy é da Irmandade Cruzada, que é independente do catolicismo, possui seu próprio ethos, uma ética muito específica, que interfere muito na vida das pessoas, porém, Darcy não é somente da Cruzada, mas também indígena e xamã.

Utilizando as palavras de Ortiz (1999), pode se ter uma conclusão importante dos dados analisados: a religião católica é que se encontra na condição de maior fornecedora de clientes para o culto umbandista, sendo através de conversões, ou por meio da dupla

religiosidade, pondo um problema de estratégia da Igreja diante deste novo culto que se desenvolve em escala nacional (ORTIZ, 1999, p. 64). Cabendo esta citação para as rezadeiras Maria Isabel e Mazia.

Quando elas dizem que rezam para cubrelo⁵, também chamado na localidade de fogo selvagem, isipla, também denominado de vermelha no município, espanto⁶, dentre outras doenças, elas estão criando nomes para doenças, podemos dizer que são seus termos técnicos, seus códigos específicos, algo do senso comum, termos comuns presentes no cenário das rezadeiras. Segundo Lima (2012, p. 67) para explicar suas ações e ritos os/as rezadores/as criaram códigos, nomenclaturas de doenças que não são explicadas pela medicina. Esses códigos acabam afastando a possibilidade de um diálogo entre saberes e práticas terapêuticas referentes a estas duas dimensões da saúde.

O termo rezadeira foi escolhido no trabalho, pelo fato, que desde criança, ouvia minha mãe e pessoas mais “velhas” falarem, quando seus filhos encontravam-se doentes, dizerem: vou levar meus filhos na rezadeira, ou também, vou procurar uma rezadeira para curar o mau-olhado⁷, as pessoas do município de São Paulo de Olivença, utilizam o termo rezadeira, quando se referem à pessoas que rezam, ou praticam o ato da benzeção e não o termo benzeadeira, dessa forma, utilizo na pesquisa o termo rezadeira, para valorizar a denominação que as pessoas utilizam no município, para aquelas que praticam o ato da reza nas pessoas.

Em algumas localidades, pode existir vários termos para designar às mulheres que rezam, contudo isso sempre nos remete ao mesmo denominador comum, podendo elas serem chamadas de “benzeadeiras”, “curandeiras”, como também rezadeiras, como é o caso do lugar denominado de Cruzeta/RN (SANTOS (2009, p. 10). Enquanto que para Alexandre “a rezadeira ou benzeadeira é uma figura histórica singular que fala e atua em nome de uma religião popular, voltada para solucionar os problemas da vida cotidiana. A maioria desses agentes de cura é constituída por mulheres” (2006, p. 75).

Faz-se necessário relatar sobre a formação social da cidade, para poder compreender sobre os pensamentos que envolvem a cidade e sobretudo sobre a formação da Amazônia, para poder se compreender sobre a mulher amazônida e especificando, para tentar compreender a mulher rezadeira do município de São Paulo de Olivença.

⁵Cubrelo: Na medicina-Herpes zoster. Doença dolorosa de pele, manchas de bolhas doloridas. Segundo rezadores se a doença preencher todo braço ou barriga do paciente, ele pode falecer.

⁶Espanto: Quando a criança leva um tombo, ou se espanta com alguma coisa, a noite não dorme, fica agoniada.

⁷ Mau olhado: Sucede por pessoas invejosas, nos olharem com raiva, seu sintoma mais comum, é a forte dor de cabeça.

O município não tem um movimento militante de gênero, também é destituído de mulheres exercendo, cargos importantes dentro do cenário da prefeitura, não se tem uma mulher como secretária, não se possui uma mulher representante na câmara municipal, haja vista que agora que as mulheres estão buscando empoderamento. E o que causa esse empoderamento é o fato dessas mulheres, serem efetivas nos concursos, tanto do município, quanto à nível estadual.

Entretanto, a resistência da mulher rezadeira, e como isso se preservou com o passar dos anos, é algo que precisa ser vislumbrado, mulheres que nas suas singularidades, fazem com que seu público seja também constituído por homens, mulheres determinadas na vida, e que tem como hábito rezar nas pessoas, além do mais, mesmo sendo esposas, as suas práticas se mantêm intactas, “nesse trajeto, a benzedeira quanto uma referência para a prática de cura constitui-se a partir de sua procura pelas pessoas que carecem de benzimento e a propagação realizada por essas em relação ao seu modo de ser, viver e benzer” (LEWITZKI, 2019, p. 43).

São mulheres que fazem o uso da cidade, conquistaram seus espaços, que rezam não somente na comodidade de suas casas, mas também nos lares das pessoas que as procuram. O termo cidade pode ser usados por elas com toda veemência, como “minha cidade”, em virtude de favorecerem o bem de todos.

A própria cidade é uma obra, e esta característica afronta a orientação irreversível na direção do dinheiro, do comércio, das trocas, dos produtos. Com efeito, a obra é o valor de uso e o produto é valor de escambo. O uso primordial da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, colossais riquezas em objetos e em dinheiro) (LEFEBVRE, 2011, p. 12).

É existente o sentimento de pertencer à cidade, contudo, é necessário observar que há sempre diferenças contidas nisso, mas isso faz com que o espírito de se fazer parte da cidade, seja uma maneira de continuar lutando por pertencer a ela, “os violentos contrastes entre a riqueza e a pobreza, os conflitos entre os poderosos e os oprimidos não impedem nem o apego à Cidade, nem a contribuição ativa para a beleza da obra. No contexto urbano, as lutas de facções, de grupos, de classes, reforçam o sentimento de pertencer” (IDEM, 2001, p. 13).

O direito à cidade são os direitos em que todos possam ter, tais como: a liberdade de expressão, poder transitar de maneira que não seja estereotipado, livre de preconceitos marginais, ter direito à educação, a moradia, à saúde e se apropriar da educação para poder conseguir emancipação.

Entretanto, perante a sociedade em que estamos inseridos atualmente, isso é um sonho utópico, mas não podemos deixar de lutar por isso, “o direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade” (IDEM, 2001, p. 134).

O direito à saúde, torna-se um direito primordial na vida das pessoas, embora esses direitos sejam limitados, ora por falta de comprometimento da parte do pessoal da saúde, pois, algumas vezes o que muito se observa é médico chegando atrasado, Agentes Comunitários de Saúde (ACS), que não visitam casas de pessoas idosas, ou que apresentam alguma comorbidade, como diabetes e hipertensão arterial, pessoas aguardando na fila desde a madrugada, esperando em pé, porque, não tem banco para sentar, como também atendentes de postos e hospitais, que preferem mexer no celular, ao invés de atender com humanidade a pessoa que procura pelo serviço de saúde, outro entrave é a distribuição de fichas para atendimento, podendo ser apenas dez fichas no máximo, vinte diariamente por posto, mas, o direito à saúde é imprescindível para cada cidadão, os usuários em sua maioria reclamam que falta mais humanização nesse espaço.

No entanto, servindo como hipótese, do que foi dito acima, algumas pessoas acreditam mais no sistema de crença do que no sistema de saúde, todavia, as rezadeiras sempre tiveram um papel importante no meio social do município, as pessoas as procuram, pois, desde pequenas seus pais as levavam para serem rezadas por elas, e isso tornou-se comum, agora essas pessoas já levam seus filhos, é uma estrutura simbólica enraizada na “mente” das pessoas do município, elas possuem o livre arbítrio de optar pelo qual sistema querem ser assistidas.

Entretanto, se todos os direitos fossem reconhecidos e estabelecidos não somente em lei, mas na prática, posto que a legislação quando não cumpre os direitos do cidadão, esses direitos não passam apenas de “papel, tinta e palavras”, sendo a principal causa de lutas sociais, dado que, as pessoas lutam por melhorias, quando esses direitos são infringidos, ou não estão sendo aplicados na prática.

Direitos mal reconhecidos tornam-se poucos costumeiros antes de se inscreverem nos códigos formalizados. Mudariam a realidade se entrassem para prática social, tais como: direito ao trabalho, à instrução, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida. Também entre esses direitos em formação, figura o direito à cidade, não à cidade arcaica, mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do

tempo, o qual permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais, a proclamação e a realização da vida urbana como uso da troca, do mercado e da mercadoria, e inscrevem nas perspectivas revolucionárias sob a superioridade da classe operária (LEFEBVRE, 2011, p. 138-139).

Ao explicar sobre a formação do pensamento que está ligado à Amazônia e como isso ecoa ao longo dos séculos e ainda é vista até pelos próprios brasileiros, como uma região com uma maior pujança de indígenas, faz com que esse pensamento seja motivo de orgulho para os grupos indígenas aqui existentes, os quais resistiram e ainda resistem, diante das modificações sociais e das cidades, mantendo suas culturas, ritos e tradições milenar e secular, sendo as especificidades, o que as diferem de outros grupos étnicos.

Muito embora, os relatos dos pensamentos epistemológicos, que ajudaram a criar uma imagem deteriorada das pessoas que vivem na Amazônia, como um lugar tenebroso, de muitos rios, igarapés, muita mata e pouca cultura e desenvolvimento, de pessoas incapazes de inovações e desprovidas de pensamentos eloquentes e perspicazes.

Numa perspectiva, a formação do pensamento que construiu a Amazônia como um espaço natural e cultural, que vem ao longo dos últimos cinco séculos, produzindo e reinventando, por meio de ideologias, as percepções que se tornaram as mais persistentes, no bojo do quadro mais amplificado e diversificado da geografia do Novo Mundo (PINTO, 2005, p. 97).

Isso nos leva a entender que o processo de conquista do Brasil foi pautado nos argumentos de que para os derrotados, só restava serem escravizados, mortos e dignos de todas formas de barbáries e atrocidades, sem o direito à liberdade e a demais formas de exercer seus cultos e rituais, até mesmo de falar a própria língua.

Um dos momentos heurísticos da história, sobre as ideias do Novo Mundo, certamente é a famosa disputa entre Sepúlveda e Las Casas em torno do direito que possuiriam, os europeus em particular, os espanhóis de estabelecerem legitimamente a escravização das populações indígenas, fundando-se, sobretudo, nos argumentos aristotélicos, segundo os quais os povos derrotados na guerra, estariam coercitivamente reduzidos a escravos. De modo semelhante estaria também a ideia de que existem populações que, em razão de sua inferioridade racial, estariam fadados a serem submetidos e levados à situação da escravidão (PINTO, 2005, p. 97).

Na visão eurocêntrica, a Europa era o berço da cultura e da civilização, centro do universo, fazendo com que os europeus agissem de maneira etnocêntrica, como cultura superior, ao passo que o restante do mundo é tido como inferior, ou culturas inferiores.

Ao chegar ao Brasil, praticaram toda forma de etnocídio, glotocídio (morte da língua), escravizaram os indígenas e ainda os denominaram de sem Deus, desalmados, bárbaros e dignos de serem escravizados e mortos, isso não foi um fato isolado que ocorreu somente com os indígenas, mas também com os negros.

No decorrer de um longo e complexo processo de formação dos países e povos do Novo Mundo, os ideais de superioridade branca e europeia sobre a fragilidade dos povos indígena e também dos negros e mestiços, estão presentes em diferentes gradações, que realimentam não somente nosso senso comum, contudo, envolvem as temáticas de pesquisadores e especialistas, em particular no que vem sendo identificado como o terreno da formação sociocultural da América indígena, negra e mestiça (IDEM, 2005, p. 98).

Um falso romantismo social que apenas serve para fins de diferenciar as pessoas como inferiores, de fazer com que as políticas públicas, como direito à educação e saúde, cheguem esmiuçados, e não atinjam em aspecto qualitativo, mudando a visão crítica das pessoas, sendo apenas com o intuito de minimizar e não de maximizar, como sendo algo vantajoso na vida dessas pessoas.

A Amazônia com um dos espaços mais característicos do Novo Mundo esteve, desde o início da construção filosófica do mundo moderno, presente nas reflexões em torno de temas como o surgimento da sociedade e do Estado, do reconhecimento da desigualdade entre os homens e os povos, das novas geografias, e continua a fornecer alimento, para a recriação de novas polarizações, como a recriação do bom selvagem, em ideias com a de “povos da floresta” e de “ribeirinhos”, portanto, de um inovador romantismo social (IDEM, 2005, p. 98).

Ao referir sobre os povos da Amazônia, afloram pensamentos que trazem nos discursos, permitindo a interpretação de que, as pessoas aqui existentes não precisam de equipamentos modernos, tais como celulares, computadores, que não precisam de hospitais estruturados e com equipamentos de última geração, de escolas com acesso à internet para os alunos fazerem pesquisas, que os ribeirinhos e indígenas estão acostumados com essa vida, vivendo a *sus generis* e que a modernidade implicaria na mudança de suas vidas, as quais nunca acontecem grandes acontecimentos, sendo sempre tranquila e serena.

Trazendo para esse diálogo, as regiões do Amazonas, parece que as políticas públicas do governo do Estado, só são executadas em Manaus, inexistindo o restante dos municípios

do Amazonas, como também percebe-se que somente existem indígenas no Rio Negro, pois, é mais nessa localidade, que são exercidos projetos para indígenas, pois para a região do Alto Solimões, isso quase não acontece.

Retornando a ideia de que os ribeirinhos e os povos da floresta, apenas necessitam da floresta e não de políticas públicas, que repercutem realmente em suas vidas, é como tampar os ouvidos e não escutar os anseios que esses indivíduos têm a dizer e concluir precipitadamente e erroneamente que, o destino das populações locais, é deixar viverem como estão, porque se sobrevivem dessa forma, não cabe mexer no que já está bom.

Apenas ilustrando, hoje, quando se fala em Amazônia. Encontramos diante da produção de um novo senso comum sustentado pelas noções de meio ambiente, biodiversidade, sociodiversidade, desenvolvimento sustentável, populações ribeirinhas, povos da floresta, que são as expressões correntes e presentes em praticamente todos os escritos que são produzidos sobre a região, e que concentram o imobilismo social e conservadorismo romântico, quando se trata, sobretudo, de lidar com a situação e o destino das populações locais (IDEM, 2005, p. 99).

Chegar a determinadas localidades e fazer conclusões, sem antes enxergar os fatos com os “olhos da cultura”, é não compreender que o indígena, não denominava o que praticava como algo errado e tampouco como selvageria e sim fazia algo que era praticado por gerações anteriores, mantendo a cultura viva, ao lembrar de algum ancestral com quem aprendeu essas práticas, aquilo que rege sua vida, é tido como anormal e selvagem, mas pode ser compreendido como normal por outra pessoa, cada um enxerga o mundo a partir de sua cultura e educação, permitindo chegar as suas próprias interpretações.

Ao se retratar sobre os grupos indígenas da Amazônia, Buffon é atraído, sobretudo, por identificar esses grupos como portadores de costumes selvagens. Segundo o ponto de vista evolutivo, são classificados como povos mais primitivos. Servindo como referência da civilização, o homem branco europeu. E a cor de pele, quanto mais escura, mais se distancia do padrão civilizado. Sua visão é voltada para alguns costumes tribais, tais como o da guerra, da antropofagia e da produção por parte desses povos de algumas deformidades corporais, como é descrito em relação aos indígenas Omágua que mantinham a prática de achatam as cabeças das crianças (IDEM, 2005, p. 100).

Mesmo que autor tenha abordado sobre a Amazônia, num contexto vivenciado há séculos, décadas ou anos atrás, deve-se tomar o devido cuidado para não cair na raia do engano, deve-se fazer investigações mais acuradas e precisas, para não tomar por

entendimento, coisas ditas há séculos ou décadas atrás, por mais que o teórico seja, referência no assunto, tem que se ter em mente, que a cultura não é estática e imutável, ela sofre modificações, sendo reconstruída ao longo dos anos, até mesmo porque as pessoas mudam, ganham novos gostos e hábitos, são influenciadas e influenciam o meio social que participam.

Buffon, portanto, caracteriza a Amazônia como uma forma experimental da natureza ainda em formação, porém que apresenta condições desfavoráveis ao pleno desenvolvimento das formas de vida naturais e humanas. Essas ideias viajaram e foram, de certa maneira adotada por autores até o presente e contribuindo para cimentar as ideias mais correntes do senso comum sobre a região (IDEM, 2005, p. 10).

A construção da cidade e suas formas de melhorias ocupacionais e maneiras pelas quais a população é distribuída e a rentabilidade econômica, são coisas que deveriam ser pensadas e planejadas antes de se construir as cidades, e isso caberia aos governantes. Contudo o autor Pinto aborda de maneira singular, sobre uma cidade planejada, ao citar João Daniel.

Para João Daniel a criação das cidades deveria seguir, na medida do possível, o distanciamento que existe entre as cidades portuguesas, como modo de evitar o surgimento indesejável de grandes cidades, ou seja, de assegurar um sistema mais eficiente de ocupação econômica e de uma equilibrada distribuição populacional, tendo como preferência a construção de cidades, em locais mais elevados e arejados, como medida de segurança contra inundações ocorridas nas cheias e vazantes, com o que se garantiria também melhores condições sanitárias, pois essa localização também buscava evitar a proximidade de águas paradas e charcos, fontes de proliferação de doenças. As cidades também deveriam manter o costume indígena de fixação à margem dos rios, paranás e igarapés, como um meio eficaz de facilitar a navegação, a comunicação e o transporte (IDEM, 2005, p. 108).

A Amazônia é um cenário de riquezas e diversidades de muitas etnias que convivem e interagem, e nem por isso deixa de viver a desigualdade, existe pessoas ricas e pobres, uns que usufruem de privilégios que a riqueza pode proporcionar, enquanto outros batalham arduamente para não deixar faltar o alimento do cotidiano, “a Amazônia põe questões singulares, é certo, mas nunca isoladas. Como um espaço de diversidades e de desigualdades, os fundamentos organizativos da sociedade regional são também uma dimensão da sociedade brasileira” (SILVA, 2004).

É uma constante pensar sobre a Amazônia e analisar o jugo que passou a Amazônia. Falar sobre como a colonização deixou suas cicatrizes, que nem mesmo o tempo foi capaz de

apagar, e das estratégias utilizadas pelos europeus para impedir a prática da cultura, impedindo o indígena de falar a própria língua, a captura de indígenas era feita, até mesmo por outros indígenas, que estavam ao lado, quer seja dos espanhóis, quer seja dos portugueses, tanto o primeiro quanto o segundo estavam “cegos” por ideais de riqueza e a buscavam a todo custo.

As populações indígenas e as sociedades caboclas ganham grande portfólio de conhecimento e um arsenal de interpretações das culturas, das comunidades, dos processos de mudança cultural. A luz dos autores Moreira, Neto, Carmen Junqueira, Eduardo Galvão, Casemiro Beckstá, dentre outros que puseram a nu os etnocentrismos de toda ordem, ao alisarem internamente as sociedades tribais, articulando-as à realidade da expansão capitalista. Esses estudos mostram que a Amazônia propõe uma questão cultural específica (SILVA, 2004).

As pessoas que compõe a vida social na Amazônia estão postas numa espécie de natureza esbelta, simultaneamente os indígenas são vistos como bons e maus e o “paíz do Amazonas” era tido como uma “criança problemática”, por ser uma região longínqua, peculiar e bem distante da civilização, e de outros Estados brasileiros que vivenciavam o progresso, uma vez que esses Estados tinha inovações tecnológicas, centros acadêmicos, as cidades evoluíam industrialmente e o Amazonas deveria chegar ao mesmo nível de civilização dos demais Estados, seus constituintes deveriam sofrer punições e seguir regras severas, que os colocassem no eixo, e com os ideais positivistas de progresso, assim como as demais regiões se encontravam, o Amazonas também deveria estar, mesmo sendo por meio da coercitividade, derramamento de sangue ou outras formas de desumanidade.

A maravilha da natureza, a docilidade ou a selvageria dos povos indígenas, as características das populações caboclas, são também descrições da Amazônia que a literatura romântica ajudou a criar. Lourenço Araújo da Silva e Amazonas antecipou-se a Oliveira Viana quando, em Simá (1857) propôs um modelo de mestiçagem e relação entre Nação e a Região Norte, que passava pela reconsideração dos métodos para civilizar as nações bárbaras do Paíz do Amazonas (IDEM, 2004).

Por serem pessoas que não deixaram se abater pelas regras, e não quererem compactuar com os interesses políticos vivenciados na época, e não aceitarem viver subordinados a um governo que só visava seus próprios interesses e não da população, acabou ocorrendo o movimento da Cabanagem.

Somente pessoas, que mesmo sabendo que sofreriam repressão e como consequência, pagariam com a própria vida, seus ideais de liberdade, uma vez que não se sentiam fazendo parte de uma nação, nação em que os dominantes ditam as regras, isso fez com que lutassem por uma vida mais humana e digna, isenta de coerção e que privilegiasse a liberdade de expressão, foi o que motivou combater as ofensivas demandadas pelo governo.

A apreciação de Henrique Handelmann (1860) sobre a Cabanagem pode ser lida como um diagnóstico pioneiro das lutas regionais em suas manifestações de interesses opostos entre os segmentos sociais dominantes e dominados. Os estudos nacionais sobre a Cabanagem, a partir de teóricos como Caio Padro Júnior, Werneck Sodré, José Honório Rodrigues, Renato Guimarães entre outros, situam-nas nos movimentos nativistas, separatistas e insurrecionais, ocorridos entre a Independência e o período regencial (IDEM, 2004).

Várias são as maneiras e os predicativos utilizados para falar do homem amazônico e rebaixá-lo, isso causa implicações na formação social, pois clima e ambiente, não influenciam na maneira das pessoas serem inteligíveis, capazes de alcances intelectuais notórios, porém, busca-se apenas a oportunidade para demonstrarem seus valores.

Os indígenas Amazônico, são detentores de conhecimentos tradicionais exacerbados, vivem em conexão com a natureza, mantêm a floresta quase intacta, são capazes de produzir artesanalmente seu arcos e flechas, potes e cestarias, enxergam a natureza como detentora de toda a sua alimentação e sustento, e não serão olhares preconceituosos que os farão deixar de darem continuidade em suas práticas culturais, ritualísticas e tradicionais.

Assim como também, a mulher Amazônica tem uma imensurável importância dentro desse contexto cultural, uma vez que a mesma já serviu como protagonista, no que tange trazer ao mundo, importantes lideranças indígenas locais e nacionais, sendo indiscutível suas importâncias como parteiras e rezadeiras, no entanto, algumas vivem no holofote preconceituoso e machista, de uma sociedade arraigada sobre o olhar patriarcal, que trata a mulher como mero instrumento sexual, que não possui outra serventia, isso são falácias argumentativas, de quem desconhece o verdadeiro universo da mulher, suas particularidades e encantos místicos.

Tanto o determinismo geográfico do clima quente, sendo um fator que tornava as pessoas preguiçosas e lascivas sexuais, quanto às doenças tropicais e mesmo o paraíso terrestre, que concebeu a Amazônia como o jardim das delícias, pondo o homem amazônico em parêntese ou em suspensão, desarticulado da realidade histórica que o formou, isso são fatores que permitem alegações de que o homem Amazônico é mais desprovido

intelectualmente de sapiência, que os vivem em outras regiões do Brasil (TORRES, 2008, p. 171).

Ao cogitar sobre gênero e sobre a mulher, implica falarmos sobre o quanto ela é guerreira, representa o vigor físico, a solidariedade e o quanto a mesma pode ser frágil e forte, simultaneamente, representando uma ameaça para o homem, “a possibilidade de reversão dos papéis sexuais representou uma ameaça ao mundo masculino no período renascentista. As amazonas encarnam o único tipo de mulher que goza de liberdade e condições de igualdade com o homem na literatura imaginária da Alta Antiguidade Clássica” (TORRES, 2008, p. 176).

Os textos que foram escritos no período do patriarcado, fruto de uma sociedade conservadora e patrimonial, que tinha a mulher somente como enfeite e destituída de uma porção de direitos, esses textos só serviram para enaltecer os homens e inferiorizar as mulheres, é por isso que nos dias atuais, o machismo ainda impera na mente de alguns homens, não cabendo generalizar todos, descrevendo a mulher como um ser inferior, que serve tão somente, para ser dona de casa.

Era exótico em relação ao Novo Mundo, o que algumas mulheres praticavam, tal como o ritual antropofágico, que recaía sobre a mulher que se regalava no preparo da vítima e chegava no ápice da realização da vingança, ao devorar o inimigo, ainda que ao ingerir a carne humana, deixasse marcas densas na sua fisionomia, tais como rugas, perda dos dentes e odores (IDEM, 2008, p. 179).

Na visão da autora Lewitzki (2019, p. 67) afinal, as mulheres que detêm o dom de benzer não foram isentas das violências de gênero relacionadas ao papel da mulher na sociedade, principalmente no espaço doméstico, em que muitas tiveram restrições em benzer impostas por seus companheiros.

A autora Torres fala sobre o quanto ainda pesa sobre as mulheres, os dizeres do período colonial e que também foram ampliados e alinhavados pela inserção da mulher na industrialização.

A imagem da mulher indígena, um ser exageradamente sexual, foi disseminada pela política pombalina, na sociedade colonial da Amazônia, e agora é reatualizada pelo capital nas amarrações da industrialização. Pesando sobre a mulher amazonense a fama de mulher oferecida, ao passo que a colonização forjou a imagem da índia que “solta a franga”. Isto é uma enorme injustiça, um indicador vulgar que aumenta e insulta aquela que foi requisitada

para participar de uma política de governo colocada em curso pela coroa (TORRES, 2008, p. 181).

A autora vai além, ao dizer que, as mulheres indígenas não podem ser discriminadas pelo papel que exercem dentro de suas realidades, uma vez que, nas suas realidades, a mulher além de ser sacrificial, atualmente exerce cargos de caciques, isto é, lideranças sociais, mulheres politizadas, buscando melhorias para suas comunidades.

É preciso desmitificar a mensagem, cuja tendência é a diminuição e discriminação da mulher, no universo indígena, como se essa construção fosse originária de sua cultura. A pesquisa sobre a mulher indígena, deve valorar a noção de tempo e espaço, mostrando como as relações de gênero são percebidas, a partir da inscrição das categorias sociais no espaço étnico. E do salto qualitativo de certas formações sociais no tempo (IDEM, 2008, p. 184).

Também se faz necessário mencionar o fato de existir mais mulheres do que homens, no campo da benzeção, por mais que existam homens que detêm dons de curar, sendo detentores dos ofícios de benzedor, curador, costureiro de rendidura e remediador, todavia são as mulheres que protagonizam o dom de benzer, sendo elas a referência quando se trata de benzimento, exercendo um importante papel na promoção da saúde, que por sua vez resulta na cura (LEWITZKI, 2019, p. 146).

Por possuírem um toque mais humano, um olhar mais propício para ajudar o próximo, isso faz com que elas sejam detentoras de conhecimentos repassados ao longo das gerações e fazem jus o seu protagonismo.

Dessa forma, as rezadeiras são as guardiãs da cultura indígena, são as xamãs, que têm a reza por meio da ancestralidade, embora essas mulheres rezem nas pessoas, tenham seus afazeres domésticos, atendam as pessoas, cultivem suas plantas ou hortas, trabalhem na roça, ainda são empregadas em instituições de saúde e educação, que ajuda na parte econômica da família.

Darcy é aposentada, porém, Mazia diz que *“trabalho no hospital como serviços gerais e em casa, sou doméstica, porque gosto do que faço, agricultura”* (46 anos, entrevista, 2020). Segundo Maria Isabel *“eu trabalho por contrato na escola, lá na CMEI, de serviço gerais”* (54 anos, entrevista, 2020).

O trabalho não as impedem de exercerem a reza e serem respeitadas pela maior parcela da sociedade. Porém, mesmo praticando o ofício da reza, de fazer o bem, uma das rezadeiras ainda aborda sobre o fato de ser chamada de macumbeira. A rezadeira se sente desconfortável a ser chamada por essa denominação.

Mazia (46 anos, entrevista, 2020) fala que *“sim e muito, até quem eu já curei e depois me chamaram de macumbeira, mas, entrego a Deus tudo isso, quem me procura e tem fé no meu trabalho e em Deus, eu curo”*. Ainda é existente pessoas que são contra, àquilo que as rezadeiras praticam, entretanto para a maioria das pessoas, elas são respeitadas e procuradas.

Tal sentimento é fomentado pelos posicionamentos relacionados à prática do benzimento e ao ofício de rezadeira, que se concretizam na ação de autoridades religiosas e de agentes de saúde, que criminalizam a prática do benzimento, assim como, comentários preconceituosos, difamações e gestos resumidos, como olhares de vizinhos e familiares que não aprovam tal prática de cura das benzedoras. O preconceito, assim como o receio também se entrelaçam nas situações em que seu ofício as tornam próximas ao mundo não cristão/católico, dito de outra maneira, religiões de matriz africana e da magia/feiticeira, cuja principal forma de verbalizar o preconceito, é as nomear de “macumbeiras” e “feiticeiras” (LEWITZKI, 2019, p. 190-191).

Contudo, deve se ter o pensamento refinado, dado que no pensamento das rezadeiras, centro de estudo desta pesquisa, as pessoas que praticam coisas ruins, são denominadas por elas como “macumbeiras”. Mas, é sabido que o termo “macumbeiro”, é proveniente da cultura afro-brasileira, que tem suas próprias categorias, suas próprias formas de interagir com seu público, se ainda existem nos dias atuais, é porque existe uma parcela da população, que procura por seus trabalhos, e para estes praticantes, o que eles fazem, não é visto como algo tenebroso, uma vez que é a sua cultura, a forma de expressar sua identidade cultural, suas tradições, faz parte de seu ofício.

A participação das rezadeiras na Rede Puxirão tem contribuído para desconsertar a noção depreciativa do termo “macumbeira” internamente no Movimento, considerando que muitas rezadeiras compartilham dos preconceitos no que tange às religiões de matriz africana. Esse movimento interno de mudar concepções acerca do candomblé e da umbanda, decorre do dialogismo e troca experienciais com candomblecistas e umbandistas que compõe o espaço de articulação (IDEM, 2019, p. 198).

Sendo uma pena que essa Rede Puxirão é somente existente no Paraná, que tem uma associação de rezadeiras, ao contrário, o município de São Paulo de Olivença é desprovido de uma associação de rezadeira, sendo que a concepção de algumas pessoas, sempre será que, quem pratica a reza como ofício, receberá a nomenclatura de macumbeira.

1.3 O papel social das rezadeiras

Abordar sobre o papel social das rezadeiras, é também falar sobre a cidade, como seus integrantes exercem seus papéis sociais de interação com as demais pessoas, o espaço que elas ganharam no decorrer dos anos, falar sobre suas atribuições nas vidas das pessoas. É trazer à tona, o real valor de suas rezas. Elas somam vários papéis sociais, pois além de benzedeiras são esposas, mães, tias, avós, bisavós, madrinhas, comadres, festeiras, camponesas, faxinalenses, agricultoras, agroecologistas, costureiras, vendedoras, donas de casa e líderes comunitárias (LEWITZKI, 2019, p. 146).

Sem deixar de situar que a cidade é a parte que serve para as pessoas fazerem suas interações, além de praticarem seus papéis, pois na sociedade, a pessoa exerce o papel de mãe, filha, aluna, e também de rezadeira, praticando uma ação social, porque mesmo que agindo individualmente, contribui com a sociedade, a partir do momento que desempenha o bem comum, de curar as pessoas. Mas, a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo (PESAVENTO, 2007, p. 14).

A cidade serve para fazer com que as pessoas saiam do anonimato, façam suas próprias narrativas de vida, tenham conceitos do que elas pensam de si mesmas e de tudo que as envolve, porém também, isso serve para as outras pessoas descreverem o que somos, de acordo com suas percepções, sobre tudo aquilo que repassamos em nossos gestos, falas e ações, servindo para a narrativa de acontecimentos, como por exemplo, uma cura que a rezadeira fez, a qual ela tem a sua versão e a pessoa que foi curada, possui outra.

Assim, cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesmas, ao revelar coisas sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades, que construíram aquela narrativa. Nesse processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta estabilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são consecutivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares (PESAVENTO, 2007, p. 17).

As cidades são construídas e reconstruídas através do pensamento das pessoas, é comum pessoas relatarem sobre o tempo passado, comparando-o com o tempo presente, ao cogitarem sobre a cidade e seu espaço geográfico, sobre os valores educacionais, morais e

culturais, como seus habitantes, buscam maneiras de exaltar o espírito de pertencimento e de identificação com sua cidade, perante pessoas que não residem ali, falando somente do lado positivo de sua terra natal. Nesse processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente. Com isso, acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma *cara* e um *espírito*, um *corpo* e uma *alma*, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a *sua* cidade (IDEM, 2007, p. 17).

Ao se referir às rezadeiras, elas não ficam de fora dos julgamentos das pessoas, têm pessoas que as reconhecem, outras que têm aversão. Por serem identificadas como pessoas que possuem o dom de cura, isso serve de referência para aqueles que buscam auxílio de sanarem suas enfermidades, através de seus saberes populares, além disso, é o julgamento das pessoas que as farão serem reconhecidas ou não, inspirados nas leis e nos preceitos das ciências, à luz das mais recentes teorias e conceitos aplicáveis ao fenômeno urbano, a exhibir números, fatos e classificações, tais discursos têm sua contrapartida nos ditos “saberes populares”, fruto de crenças ancestrais e tradições, expressando outras maneiras de enxergar o espaço urbano, seus habitantes e suas práticas sociais. Nessa medida, o povo também identifica, julga, classifica e qualifica espaços, personagens e ações, vaticinando destinos e promovendo também, por seu lado, movimentos de aceitação e repulsa (IDEM, 2007, p. 19-20).

A realidade social da vida cotidiana é, dessa forma, apreendida num contínuo de tipificações que vão se tornando progressivamente anônimas à proporção que se distanciam do “aqui e agora” da situação frente a frente. Num polo contínuo estão aqueles que frequentemente, entram em ação recíproca em situações face a face, meu “círculo interior”, por assim dizer. Do outro lado, estão abstrações inteiramente anônimas, que por sua própria natureza não podem nunca ser achadas numa interação face a face. Sendo a estrutura social, a soma das tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidas através delas. Assim sendo, a estrutura social é o elemento essencial da realidade da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 52).

O que as rezadeiras fazem é, exercer um papel, que repercute na cura das pessoas, possuem rotinas quase que diárias, de inúmeras pessoas as solicitando para serem rezadas, trazendo também o conhecimento de rezas para diferentes doenças, possuindo conhecimentos sobre ervas medicinais, uma boa comunicação e expressão, para com as pessoas que as procuram, além de serem boas ouvintes. De tal maneira, cada papel abre uma entrada para um

setor específico do acervo total do conhecimento possuído pela sociedade. Aprender um papel não é simplesmente adquirir as rotinas que são imediatamente necessárias para o desempenho “exterior”. É preciso que seja também iniciado nas várias camadas cognoscitivas, e mesmo afetivas, do corpo de conhecimento que é diretamente e indiretamente adequado a este papel (IDEM, 1985, p. 107).

Outro fator importante citado pelos teóricos, é que as pessoas devem saber, quais são os indivíduos que possuem habilidades especializadas, pois ao se sentirem doentes, a busca pela rezadeira implica saber sua residência, para quais doenças ela reza, se não ela possui outra ocupação além de rezar, visto que a mesma no momento de ser procurada pode estar trabalhando em alguma instituição, e se ela se encontra trabalhando, quais são as outras rezadeiras que servem como alternativa. Enquanto os especialistas são definidos como indivíduos que possuem determinadas especialidades, qualquer pessoa deve saber quem são os especialistas no caso de precisarem dessas especialidades. O homem da rua não tem obrigação de saber as complicações da magia da produção da fertilidade ou das bruxarias lançadas contra alguém. O que deve saber, porém, é a que feiticeiros deve recorrer se tem necessidade de algum desses serviços (IDEM, 1985, p. 108).

O processo que diz respeito à rezadeira e a pessoa rezada, necessita da criação de um diálogo, do que a rezadeira pode ou não fazer, a expectativa que a pessoa tem com isso, são formas de tentar compreender a impressão que as rezadeiras causam e como isso confirma o reconhecimento que as pessoas têm por elas. Considerarei a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas (GOFFMAN, 1985, p. 9).

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais, é possuidor do direito moral de esperar que os outros o valorizem, tratando-o de maneira adequada. Ligado a este princípio, há um segundo, isto é, de que o indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que é portador de certas características sociais, deve de fato ser o que pretende. Consequentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os demais, obrigando-os a valorizá-lo e tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. Implícitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser, e, portanto, abre mão de tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros

descobrem, então, que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles devem entender por “é” (IDEM, 1985, p. 21).

Toda rezadeira tem seu público, pois a partir do momento em que reza, fazendo seus rituais cerimonialísticos, passa a criar vínculos de amizade para com as pessoas, que ao se sentirem doentes fisicamente ou espiritualmente, podem as procurar tornando-se fidelizadas a ela. Quando um indivíduo ou um ator desempenha o mesmo movimento, para o mesmo público em diferentes ocasiões, há possibilidade de surgir um relacionamento social.

Definindo o papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma assentada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, podendo ser representado pelo autor numa série de oportunidades, para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas, que resultará na sua performance e na fidelização das pessoas (IDEM, 1985, p. 24).

Quando a rezadeira não atende uma pessoa que a procurou, causa certa ruptura e descrédito nas suas ações, uma vez que as rezadeiras são tidas como pessoas que atendem em qualquer horário do dia e da noite, uma vez que o papel que elas desempenham envolve, não negar a reza, sendo que não atender quem as procuram, significa desapontar as pessoas que são dependentes delas, dependentes de seus rituais míticos e religiosos.

Finalmente, verificamos que o indivíduo envolverá profundamente o seu eu em sua identificação com determinado papel exercido mediante o meio social. Institucional ou grupal, em seu conceito de si mesmo como alguém que não rompe a interação social ou desaponta as unidades sociais, dependentes dessa interação. Quando sucede a ruptura, logo, verificamos que as concepções de si mesmo, em torno das quais foi construída sua imagem, pode ficar desacreditada. Estas são as consequências que as rupturas podem causar, do ponto de vista da personalidade do indivíduo (IDEM, 1985, p. 222-223).

Ao se tratar de ritos mágicos e sacrifícios religiosos, essas rezadeiras se assemelham com os padres, fazendo certa convergência entre o mundo terreno e o celestial, destacando que os padres são os representantes do catolicismo oficial, e estas por sua vez, são representantes do catolicismo popular. Existe uma semelhança entre os ritos mágicos e os sacrifícios religiosos, ao mencionar que

Admite-se claramente que, de fato, os mágicos praticam ritos semelhantes às preces e aos sacrifícios religiosos, quando não são sua cópia ou sua paródia; admite-se também que os padres parecem ter em muitas sociedades uma predisposição notável ao exercício da magia. Mas esses fatos, dizem-nos, testemunham desdobramentos recentes, não havendo motivo para levá-los

em conta na definição; esta deve considerar apenas a magia pura (MAUSS, 2003, p. 50).

É necessário todo um cerimonial que cerca a magia, nas minhas visitas em campo, notei que as rezadeiras acendem velas para os santos de suas devoções, utilizam ramos, panos, tem todo um processo que ocorre antes de se rezar naqueles que as procuram.

Em primeiro lugar, os ritos mágicos e os ritos religiosos têm com frequência agentes diferentes; eles não são efetuados pelos mesmos indivíduos. Quando, excepcionalmente, o sacerdote faz magia, sua atitude não é a atitude normal de sua função; ele dá as costas para o altar, faz com a mão esquerda o que deveria fazer com a mão direita, e assim por diante (IDEM, 2003, p. 59-60).

Para obter mais informações do que o catolicismo oficial pensa, das rezadeiras, coexistindo ao mesmo tempo, em que os padres fazem as intermediações entre Deus e homens, mas que também as rezadeiras dizem fazer, foi importante entrevistar o padre, representante do catolicismo oficial.

Para isso, foi realizada a entrevista com o padre no dia 23 de julho de 2020, o qual permitiu ser identificado no trabalho, assim como também permitiu falar sua idade, origem e formação, narrando com riquezas de detalhes, sobre o que pensa do catolicismo popular; sobre as práticas de benzeção; se conheceu ou conhece alguma rezadeira ou rezador e sobre a busca por benzimentos.

Padre Marcelo Gualberto Monteiro, 38 anos, oriundo de Uruaçu Goiás, formado em Filosofia e Teologia e pós-graduação em Missiologia. Porém, nas transcrições da entrevista, optei por colocar somente padre e não seu nome, que serve para o diferenciar dos demais entrevistados. Ao ser perguntado: Como é trabalhar em comunidades católicas de pequeno porte, na qual se predomina o catolicismo popular. Ele discorreu que:

O padre Marcelo quando chegou em missão, tentou olhar o que já se tem, aqui em São Paulo de Olivença, agente percebe uma riqueza cultural muito grande e essa riqueza cultural, ela tá muito entremeada, vamos dizer assim, junta e bem com a religiosidade e de forma especial, com a religiosidade na fé católica, que tem uma devoção popular aos Santos né, então, hoje, existe ainda muitas famílias que têm a sua devoção aos Santos, e oferece o almoço no dia, ele vai oferecendo esta devoção pessoal, que as vezes, vem da família, então, quando agente chega, agente tenta ver estampada esta religiosidade popular dos Santos, aqui também, o povo de São Paulo de Olivença, agente também percebe, dentro dessa religiosidade popular, uma devoção no sentido do povo gostar das procissões, então, as procissões elas têm sido assim, a oportunidade de eles manifestar publicamente a fé,

embora a própria igreja nos orienta, a riqueza popular, ela deve ser as vezes purificada de algumas coisas, porque agente sabe que, não todas, mas a grande parte de uma devoção, de um Santo, as vezes entra a bebedeira, então, agente tenta olhar a riqueza que é, mas ver a possibilidade de tentar conscientizar que essa religiosidade é bonita, mas que não precisasse desse outro ponto, no caso das bebidas, que ainda agente vai observando que isso é muito forte, isso na cidade (PADRE, 38 anos, entrevista, 2020).

É comum no município de São Paulo de Olivença, fazerem festas em homenagem aos santos, as pessoas darem almoço, fazer novenas, participarem de procissões. Primeiramente ocorre a tiração do mastro, em que as pessoas adentram a mata, escolhem uma árvore específica, denominada no município de “pau de mastro”. Inúmeras pessoas vão todas alegres, com suas velas acesas, e seus terçados e terços nas mãos. Porém, o padre expressa acima o cuidado que se deve ter com a bebedeira, visto que, pode resultar em briga por parte de pessoas embriagadas, mas, festas sem consumo de bebida não vem ser uma tradição cultural no município.

Além do mais, existe a prestação das rezadeiras para os santos e divindades, através de suas devoções, expressas no ato de acender velas, realizar orações e pagar promessas, geralmente por intermédio da celebração de novenas, romarias, dar almoço e festas para cultuar e homenagear os santos protetores (LEWITZKI, 2019, p. 44).

Segundamente, ocorre a festa, as pessoas dançam o forró até amanhecer, saboreiam o Nescau com bolo e bolacha e dançam animadas a noite inteira e no dia seguinte, os donos da festa dão o almoço, que pode ser porco ou galinha, é uma completa animação, uma devoção que se manifesta todos os anos, uma tradição mantida ao longo das gerações, válido destacar que assim como os pais daquela pessoa festejavam, seus filhos dão continuidade.

A participação das pessoas pode chegar a centenas, nem todos precisam ser da família da rezadeira, podendo outras pessoas cumprir o papel de festeiro, contribuindo materialmente para a realização da festa, seja com bens ou serviços prestados (IDEM, 2019, p. 134).

Em alguns casos, as novenas antecedem o festejo do santo, que possui como elementos, as homenagens aos santos com rezas, cantigas, procissões, contendo bandeira, no caso do Divino, erguidas de mastro, já quando a festa é para São João Batista existem queimas de fogos, acompanhada de oferendas de comida, que alimentam os convidados devotos (IDEM, 2019, p. 134).

Os santos mais festejados no município são: São João, no qual o dia do Santo é 24 de junho, São Paulo Apóstolo, 28 de junho, também sendo o padroeiro da cidade e São Francisco

de Assis, dia 04 de outubro, ambos arrastam multidões, nas suas novenas, procissões e no forró.

Cabe também falar dos partidos azuis e vermelho, presentes no festejo de São Paulo Apóstolo, que angariam recursos que são destinados à igreja, para construção, manutenção das obras e custeio da igreja e que faz com que muitos devotos do município e de municípios vizinhos, venha prestigiar esse fato corrente, o qual ocorre no mês junino, também pessoas que moram em Manaus, contudo, pertencentes ao município, vem participar do novenário e do festejo, ajudando um partido específico, podendo ser azul ou vermelho, através de compras de comidas e bingos.

Também faz-se mister relatar sobre a questão, de como uma cidade do interior do Amazonas, tendo a igreja católica, que era a prelazia, uma das cidades mais importantes do Amazonas naquele contexto, dos anos de 1920, que era São Paulo de Olivença, e como o cordão do Africano, tornou-se cultural e resistiu, nos anos em que se tinha uma tradição católica muito forte e a dança do Africano, existe até os dias atuais.

A dança do africano proporciona aos paulivenses terem como identidade cultural e social, essa manifestação popular, atraindo pessoas de outros bairros, comunidades vizinhas, até mesmo de Manaus, para dançarem e prestigiarem a dança de representação negra (GOMES, 2018, p. 102).

A autora Kirna Gomes, aborda que a manifestação da dança do cordão do Africano vem ocorrendo desde 1925, desde esse período vem sendo transmitida por várias gerações de paulivenses. A dança ocorre no mês de junho e ocasionalmente em julho. Seus interlocutores e dançantes abordam: que é nesse período que o município sai da monotonia com as apresentações da dança do africano. Sendo perceptível que, para os praticantes, a preservação da dança, significa também a manutenção de sua própria identidade (IDEM, 2018, p. 93).

A dança do africano teve várias gerações, tendo como pioneiros os senhores Aquidaban, posteriormente passou para o senhor Atangildo, que passou para o senhor Manoel Martins, ao passo que este passou para o senhor Nilo Martins, fazendo com que a tradição cultural não se perdesse, e que os moradores a mantenham viva entre eles (IDEM, 2018, p. 100).

Também é válido mencionar como algo popular e tradicional no município que, no dia 2 de novembro, isto é, dia dos finados, ou dia das “santas almas”, neste dia, existe uma multidão de pessoas que acendem velas para seus entes queridos que já faleceram, simbolizando a fé e que a pessoa falecida está na eternidade ao lado de Deus, começando a

velar pela manhã, acontecendo uma missa em homenagem aos mortos, a partir das nove horas, mas, com o fluxo menor de pessoas, à tarde também tem missa, começando as cinco horas, sendo o fluxo de pessoas maior do que da parte da manhã, entretanto, à noite o fluxo de pessoas é muito grande. Também montam-se barracas para a venda de comidas, sucos, e também coroa de flores, que na localidade é denominada de grinalda, que são sinais de respeito e lembrança.

Por outro lado, os santos populares, nos cemitérios, são aqueles de quem se obtém “milagres” ou “graças” de vários tipos, por meio de promessas, sendo seus túmulos visitados por muitos, que neles acendem velas, colocam flores e às vezes placas de agradecimento por alguma graça alcançada. Esta, aliás, é uma crença que se encontra nos cemitérios das grandes cidades, não só da Amazônia, mas também de outras partes do Brasil (MAUÉS, 2005, p. 261).

E sobre o que pensa das manifestações do catolicismo popular, vejamos o que padre tem a nos dizer:

A religiosidade popular agente, vai tentando orientar, falar sobre essa realidade de modo especial, não utilizar o santo até mesmo para angariar fundos pessoais, é porque a igreja sempre teve isso, pode se fazer a festa do santo? Pode e se é uma devoção sua, então, você pode fazer, você pode dar a comida, agora a partir do momento que você utiliza daquele santo para vender as coisas, o recurso vai para onde? Não, é para nós mesmo, para nossa família e aí acaba que você tira o foco da proposta, que imagina que cada família vai utilizar do santo para angariar fundo, mas, graças a Deus que agente vai vendo que muitas pessoas, aqui em São Paulo, as famílias, a intenção delas é festejar pela graça recebida, alguma coisa do santo, e aí que geralmente não tem atrapalhado no caso de São Paulo, São Francisco, a festa como um todo (PADRE, 38 anos, entrevista, 2020).

Conforme suas palavras, ao dizer que: “*agora a partir do momento que você utiliza daquele santo para vender as coisas, o recurso vai para onde? Não, é para nós mesmo, para nossa família e aí acaba que você tira o foco da proposta*”. Ao passo que a partir do momento que os recursos só servirão para a própria família e não para a comunidade, tira-se o foco de ser uma festa popular, tornando-se individual, visando apenas o interesse financeiro e não o social, que é oferecer a alegria pela graça adquirida por meio do Santo.

A força religiosa é o sentimento que a coletividade inspira a seus membros, mas, projetado fora das consciências que o experimentam e objetivam. Para se objetivar, ele se fixa num objeto que, desse modo, torna-se sagrado, mas qualquer objeto pode desempenhar esse papel [...] o caráter de sagrado que uma coisa adquire não está, dessa forma, implicado nas

propriedades intrínsecas dessa coisa: é acrescentado a ela. O mundo do religioso, não é um aspecto particular da natureza empírica: é sobreposto a ele (DURKHEIM, 2000, p. 238).

A força religiosa, que leva as pessoas a praticarem suas devoções passam a ser narrativas, que só aumentam a fé das pessoas, são relatos que ganham sentido e fazem as pessoas, passarem a festejar, darem almoço, para poderem pagar suas promessas, e dessa forma o catolicismo popular ganha forças e se manifesta no meio social.

Sobre o que pensa da prática da benzeção?

É uma realidade que existe em todo lugar, acredito eu que as benzedoras, os benzedores, eles fazem um papel importante na vivência da cultura do povo, até mesmo porque, nós estamos aqui na Amazônia por exemplo, é algo muito comum, até mesmo lá no Uruaçu levo essa realidade das benzedoras, da realidade de onde venho por exemplo, ixi, muito vão até falar que é até coisa do demônio, mas a realidade aqui na Amazônia, a onde você tem toda uma vivência mística do povo nativo, que já vem do berço, que eles vão por exemplo para o benzedor, muitos a maioria poderia dizer, sem nenhum desejo de fazer mal a ninguém, porque aí agente sabe também que existe de fato, benzedores e benzedoras, que usam para o mal. Como qualquer religião que tem pastor, padre, que também é para o mal, com outras intenções, quando você fala que aquela realidade cultural, e talvez mais que cultural, espiritual mesmo, é uma realidade que é interessante, ainda mais que vem de uma cultura, vem do berço, e também utilizam sem nenhuma maldade, ah se eu tô como uma dor na perna, vamos lá para a benzedora, as vezes o que eu tenho percebido, principalmente numa localidade mais distante, onde os recursos de saúde são menores, parece que é mais forte, pois, o recurso que ela tem, que o indígena tem, é o pajé, ou é a benzedora, ou benzedor. Claro que muitas coisas, vai da fé da pessoa, não é exatamente, eu acredito que as benzedoras, a partir do momento que elas têm essa espiritualidade mesmo, que tenha a intenção de ajudar o outro sem nenhum benefício por exemplo, porque agente também se tem histórias de benzedoras que vão cobrar pelos seus trabalhos e etc., que seria quase como a medicina natural. Eles não têm como chegar lá e eles vão fazendo essa medicina natural, eu vejo como salutar, desde que não fira, não infrinja os valores humanos, eu não digo os valores espirituais ou do catolicismo, que vai contra esses valores, eu acredito que principalmente essas terras mais distantes. Eu até brinco que os papéis das benzedoras por exemplo, aqui na nossa região Amazônica, talvez é o mesmo papel que o pastor e o padre faz em outros lugares que tem acesso muito fácil, que eles vão rezar pela cura, entendendo as benzedoras como pessoas do bem, que querem ajudar e curar as enfermidades físicas e espirituais também. Porque pode-se tomar nomes de benzedoras, porém, com outras intenções, às vezes um trabalho de macumba, para fazer coisa ruim para o outro, eu não vejo como algo salutar. Até algo assim que faz ter um olhar benéfico nesse sentido, eu vejo que as mulheres são mais sensíveis, então, uma benzedora sem sombra de dúvida, voltada ao espiritual, ela tem condições de ter uma sensibilidade maior, seja para uma enfermidade física ou espiritual, então, claro aqui é o que o padre Marcelo pensa e o que a igreja pensa, já é com o bispo, sendo mulher pode tocar mais profundo daqueles que recorrem a ela (PADRE, 38 anos, entrevista, 2020).

Notamos que o padre faz toda uma contextualização sobre a Amazônia, sobre os conhecimentos tradicionais dos povos da floresta, e de como é existente quem cobra por tais serviços de cura, e de locais que não há postos de saúde e são as rezadeiras as responsáveis por favorecer esse atendimento e cura, atentando também para a utilização desse saber, no uso da má fé, isto é, utilizando para o mal, o que ele não acha salutar.

O Padre (38 anos, entrevista, 2020) também fala que: *“eu até brinco que os papéis das benzedeiros, por exemplo, aqui na nossa região Amazônica, talvez, é o mesmo papel que o pastor e o padre faz em outros lugares, que tem acesso muito fácil, que eles vão rezar pela cura, entendendo as benzedeiros como pessoas do bem, que querem ajudar e curar as enfermidades físicas e espirituais também”*. Fazendo o uso das suas palavras, tem certas localidades que elas chegam a exercer o papel do pastor e do padre, no que se refere à religiosidade.

Entretanto, entre as forças mágicas e as forças religiosas, não há diferença de natureza, às vezes, elas são até designadas pelo mesmo nome: na Melanésia, o mágico e suas magias possuem *mana*, da mesma forma que os agentes e os ritos do culto aceitável. A palavra *orenda*, entre os Iroqueses, é empregada da mesma forma. Pode-se, com base nisso, inferir legitimamente a natureza de uma com a base na das outras (DURKHEIM, 2000, p. 201).

Ao ser indagado se conhece ou conheceu alguma rezadeira ou rezador? Ele discorre que foi levado a uma, tendo o propósito de se ter felicidade na vida, relatando que:

Eu me recordo quando criança, minha avó levou uma vez na benzedeira e tal, eu acho que uma boa parte do povo brasileiro, quando criança, já foi levado pela avó ou pela mãe, já foi na benzedeira, não sei se é naquele sentido de, não, vamos levar para receber uma oração, aqui em São Paulo de Olivença, eu não conheço, há fulano é benzedeira, ciclano é benzedeira, eu ouço falar de algumas que têm, mas não cheguei a conversar imediatamente (PADRE, 38 anos, entrevista, 2020).

Em suas palavras Padre (38 anos, entrevista, 2020): *“aqui em São Paulo de Olivença, eu não conheço, há fulano é benzedeira, ciclano é benzedeira, eu ouço falar de algumas que têm, mas não cheguei a conversar imediatamente”*. Percebe-se que ele é sabedor da existência dessas rezadeiras, contudo, ainda não teve um diálogo, mas isso é um ponto positivo para a pesquisa, o ruim seria se ele desconhecesse da existência dessas rezadeiras.

Também, perguntamos como ele explicava a busca por benzimentos na comunidade? Contemplamos o que ele tem a nos dizer

Primeiro eu vejo que pode ser uma busca talvez por desespero, que a pessoa principalmente quando tem alguma enfermidade, a pessoa entra em

desespero, não sabe o que fazer, a primeira coisa que elas pensam é, ah eu vou em tal fulano, pode se tentar um alívio, há eu já fui lá com fulano, fulano rezou para mim e me senti bem, parece que aliviou e tal, também pode ser por esta busca por aliviar esses desejos interiores, ou essas ansiedades que as vezes a pessoa tem, ou talvez acreditar mesmo que vou lá com fulano e vou melhorar, e esse acreditar mesmo que através da benção, da benção, ela vai melhorar e têm aqueles que: nós já tentamos de tudo, e entra nessa questão de desespero, há eu fui em Manaus e de Manaus eu já vim desenganada, eu estou tomando as garrafadas, vamos lá com fulano para benzer. Se nós formos parar para pensar um pouco, a benção é a forma popular que o povo encontrou e que depois a própria igreja, por exemplo toda conotação de sacramento, voltada a Jesus Cristo, chama o padre para dar uma benção aqui, tem as orações, é uma benção, só que não é em todo lugar que você vai ter um padre, querendo ou não em lugares longínquos vai tendo pessoas que vão sendo mais aguçada para perspectiva espiritual e aí então, vamos levar fulano para benzer, como eu digo, se é para o bem, não vejo mal algum (PADRE, 38 anos, entrevista, 2020).

Em suas palavras Padre (38 anos, entrevista, 2020): “*situação de desespero [...] busca de alívio [...]*”, discordamos com essa afirmação, pelo fato de sermos sabedores que é existente o sistema oficial de saúde, e as pessoas utilizam desse hibridismo, sistema de saúde e rezadeira, algumas doenças não são tão complexas, no caso de uma dor de cabeça, dor nas pernas ou lombar, e as pessoas não estão desesperadas quando procuram as rezadeiras, elas apenas confiam e creem que elas podem serem curadas, e também as pessoas não são somente buscam por alívio, porque aliviar vem ser somente minimizar as dores, ao contrário disso, as pessoas saem curadas, ao passar pelas “mãos” das rezadeiras.

É importante também interpretar que, quando o Padre (38 anos, entrevista, 2020) fala que: “*Se nós formos parar para pensar um pouco, a benção é a forma popular que o povo encontrou e que depois a própria igreja, por exemplo toda conotação de sacramento, voltada a Jesus Cristo [...]*”. Em suas palavras demonstra como algo benéfico, sendo uma maneira de se voltar para Jesus Cristo, uma forma de se voltar par Deus.

As pessoas procuram as rezadeiras, porque nas suas concepções, elas são as únicas capazes de sanar as suas dores físicas, emocionais e espirituais, mesmo existindo Santos e divindades para se recorrer, porém as pessoas creem que as rezadeiras a partir de suas rezas, podem lhes restaurar a saúde.

Enfim, não é surpreendente que, mesmo nas religiões em que existem divindades reconhecidas, exista ritos que possuem uma virtude eficaz, em si mesmos, independentemente da intervenção divina. É que essa força pode ligar-se às palavras pronunciadas, gestos efetuados, tanto quanto as substâncias corporais, a voz e os movimentos, podem servi-lhe de

canal, e por intermédio deles, ela pode produzir os efeitos de que é capaz, sem que nenhum deus ou espírito colaborem (DURKHEIM, 2000, p. 203).

O que percebemos ao entrevistar o padre, é que ele não é contra as práticas do ofício da reza, sendo um aspecto positivo para essas mulheres exercerem seus papéis no meio social, tendo o aval de um representante do catolicismo oficial.

Ao retratar como as rezadeiras são vistas na sociedade, pelos indivíduos que as procuram, foram entrevistadas três pessoas, que já foram rezadas pelas rezadeiras da pesquisa e que não hesitarão em procura-las, caso adoeçam novamente.

Essas pessoas corroboram com a pesquisa, em virtude de reconhecerem as rezadeiras como pessoas importantes no meio social, não é apenas um ato de prática comum, e sim um saber feito com autoridade, com rezas assertivas e indicações de remédios específicos, abaixo podemos verificar alguns relatos de pessoas que procuram pelas rezadeiras, podíamos notar em suas faces, o quanto aquilo que abordavam era intenso, num aspecto de gratidão pelas curas obtidas.

Na fala de Isabel (70 anos, entrevista, 2020), que foi rezada por Darcy, ela aborda que: *“ela é muito importante na sua reza, ela rezava para espanto, mau-olhado e quebranto, essa foi o que ela rezou nos meus filhos e era Deus no céu e dona Darcy na terra, ela curou meus filhos com rezas e banhos”*.

A entrevistada ainda acrescenta que

As rezadeiras tem algo de especial, ela traz o dom né, o dom que Deus permitiu desde nascença dela, e ela vem com esse algo de especial na sua vida. São bem vistas, para mim elas são bem vistas, não sei para os outros, que dizem que elas mente e não acreditam né (ISABEL, 70 anos, entrevista, 2020).

O entrevistado Luíz que já foi rezado por Maria Isabel corrobora, ao explicar que:

Eu acredito na cura das rezadeiras, é através da reza que ela cura, e por intermédio de Deus, primeiramente Deus no céu e a rezadeira na terra, a dona Maria Isabel só me rezou, com a reza dela me senti melhor dessa doença, eu tava ficando todo inquietado. A rezadeira tem a oração dela e o médico tem a medicina dele e essa é a diferença (LUÍZ, 76 anos, entrevista, 2020).

Quando o entrevistado Luíz (76 anos, entrevista, 2020) relata que: *“[...] a rezadeira tem a oração dela e o médico tem a medicina dele e essa é a diferença”*. Ele está nos dizendo que, a rezadeira tem o seu saber-fazer, baseado nas suas experiências de rezas, experiências

no manuseio de plantas, sendo isso por meio da empiria, enquanto que o médico tem seu estudo, orientado por outros médicos experientes, mas baseado em dados científicos.

A interlocutora Leonila, a qual Mazia rezou, explicita que:

A rezadeira tem um jeito de fazer, te olhar, pegar onde dói, fazer massagem, contar como você fez, o que aconteceu, ela vai ter o dom dela, o dom da pessoa, Deus já deixou o dom para ser curandeira, ela determinar aquilo, então ela vai sovar e vai ter um jeito de você fique boa, você se sente bem, porque o médico nem olha pra ti, o que tu tem? E passam receita né, e a rezadeira não, ela vai conversar, passar remédio, ela vai buscar, sorvar e vai rezar e muito diferente do médico, as vezes o médico nem olha direito, só faz perguntar, passa e pronto (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

Na fala de Leonila (47 anos, entrevista, 2020) o explicar que: “[...] Deus já deixou o dom para ser curandeira, ela determinar aquilo, então ela vai sovar e vai ter um jeito de você fique boa, você se sente bem, porque o médico nem olha pra ti, o que tu tem? E passam receita né, e a rezadeira não, ela vai conversar, passar remédio, ela vai buscar, sorvar e vai rezar e muito diferente do médico, as vezes o médico nem olha direito, só faz perguntar, passa e pronto”. Podemos interpretar que os atendimentos médicos são mecanizados, não se tem empatia, de ver o mundo pelos olhos do outro, é só ouvir rapidamente e receitar de imediato, contrapondo isso estar a rezadeira, que ouve as lamúrias, aquece as pessoas com palavras de incentivo, sabe conversar, em compensação as pessoas se sentem valorizadas.

Frequentemente, as consultas médicas estruturam-se a partir de relações bastante vagas, basicamente o doente fala de seus sintomas e é receitado, sem maior intimidade e muita das vezes não falando realmente tudo que sente, nessa perspectiva pode-se perceber que os rezadores, ao contrário da maioria dos médicos, constroem-se uma relação de afetividade e amizade com seus rezados, pois solidarizam-se com suas dores, seus problemas, e suas enfermidades, cuidando das pessoas nas suas identidades totais, agindo sobre o campo físico, espiritual e as relações sociais (PATROCÍNIO, 2016, p. 25).

Quando as pessoas procuram os médicos ou enfermeiros, eles receitam medicamentos, que muitas das vezes não têm nas unidades básicas de saúde, tampouco no hospital e ainda tem que ser comprado nas farmácias, enquanto que as rezadeiras preparam chás, garrafadas, sem necessidade de compra, remédios tirados da própria natureza.

Faz parte da personalidade da rezadeira, indicar plantas de caráter curativo, para as pessoas darem continuidade no tratamento em casa. Para tanto, muitas ervas podem ser encontradas, no próprio quintal da rezadeira, que pela sua ação de cultivo e pesquisa, resulta na transposição de mudas e sementes de outros lugares e quintais, para o seu quintal. As quais

são levadas para a casa de seus pacientes, em forma de pomadas, xaropes, olinas, garrafadas, folhas, raízes, cascas, flores, frutos, sementes e mudas (LEWITZKI, 2019, p. 79).

Com relação ao médico, muitas vezes a construção da credibilidade por parte do paciente é prejudicada pelo tempo insuficiente da consulta. Ao contrário, no caso das rezadeiras, atenção e tempo livre de fala são os bens simbólicos que circulam constantemente na consulta. Para se confiar, é preciso se dar tempo, se dar afetividade, presentear o outro com gestos e palavras. É preciso um atendimento que vá além da descoberta do diagnóstico e do prontuário da receita para se abrir sobre uma experiência de cumplicidade compartilhada (ALEXANDRE, 2006, p. 63).

As rezadeiras abordam que possuem uma prestação total para com Deus, do que com a clientela, a rezadeira diz que a vida dela é o trabalho. Elas esperam de Deus o retorno, esse retorno seria a saúde, a capacidade de acertar a doença, possuir uma íntegra ética e moral e viver uma vida abençoada por Deus.

Fica mais cristalina a natureza da troca por dádivas, de tudo aquilo que chamamos de prestações totais, e entre estas, o *potlatch*⁸⁸. Compreende-se no sentido de ideias, que é necessário retribuir ao outro, o que na realidade é a parcela de sua natureza e substância, ao passo que aceitar alguma coisa de alguém, é aceitar a sua essência espiritual, proveniente de sua alma, sendo que a conservação dessa coisa, seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também, porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, contudo física e espiritualmente, essa essência, esse alimento, esses bens, móveis e imóveis, essas mulheres ou seus descendentes, esses ritos ou essas comunhões, têm poder mágico e religioso sobre nós (MAUSS, 2003, p. 200).

Trazer seus pensamentos e voltá-los para as rezadeiras, falar sobre esses três fatos totais que envolvem a dádiva, os quais são: dar, receber e retribuir, é abordar que as rezadeiras, a partir do momento que receberam o dom em suas vidas, elas dão carinho, atenção, são conselheiras, amigas, boas ouvintes, têm suas rezas como uma missão, missão esta que serve para fazer o bem para as demais pessoas, não deixando de rezar nos momentos que são procuradas.

Dois elementos essenciais do *potlatch* propriamente dito são nitidamente atestados: o da honra, do prestígio, do *mana* que a riqueza confere, e o da obrigação absoluta de retribuir

⁸⁸ Potlatch: É uma cerimônia praticada entre tribos indígenas da América do Norte, como os Haida, os Tlingit, os Salish e os Kwakiutl, a expectativa do homenageado é receber presentes também daqueles para os quais deus seus bens, quando for a hora do potlatch destes.

as dádivas, sob pena de perder esse *mana*, essa autoridade, algo precioso e fonte de riqueza, que vem ser a própria autoridade (IDEM, 2003, p. 195).

E seguindo essa linha de raciocínio, o receber está na parte que a pessoa a partir do momento que vai a rezadeira, quer seja para buscar conselhos, quer seja para ser rezada e curada de uma enfermidade, ter o alívio da dor física ou espiritual, ao receber tudo isso que foi discorrido, ter sentindo o espírito de gratidão e amizade, com isso se sente na obrigação moral de retribuir.

O retribuir é a maneira que a pessoa não sabe como pagar essa espécie de dívida que contraiu, porém, não é uma dívida que a rezadeira cobrou pela reza, e sim uma dívida que a pessoa criou na sua própria mente, a partir do momento que se sentiu curada, ela pensa em retribuir através de presente, alimentos, quanto mais difícil foi a cura, como por exemplo, doenças que para os médicos institucionais só restava a morte, a pessoa se sente na obrigação de retribuir de maneira ainda maior, e por isso têm pessoas que tem dívidas eternas para com as rezadeiras, pois foram curadas de doenças que para os médicos oficiais não tinham mais cura.

Mas também, não é somente as recompensas materiais que são feitas nesse processo, mas, laços de amizade são criados, as alianças são fortificadas, porquanto, muitas vezes a rezadeira não quer somente recompensas materiais, o que elas querem mesmo são as recompensas sociais, como o reconhecimento da cura. É um ciclo que se inicia novamente a partir de uma nova reza, porém já pago essa “espécie de dívida”, pelo rezado.

Para se compreender completamente a instituição da prestação total do *potlatch* resta buscar a explicação dos dois momentos posteriores deste, pois a prestação total, não diz respeito somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supões duas outras igualmente importantes: sendo a obrigação de dar, de um lado, obrigação de receber, de outro (IDEM, 2003, p. 200-201).

A economia do benzimento está para além de uma simples reza, ao passo que, por ser muito complexa, é uma potência, nela se encontram e tecem-se fios condutores de vida, que manifestam relações de amizade, solidariedade, parentesco e compadrio. Uma forma de vida tricotada por benzimentos, visitas, presentes, favores e afilhados, que se coloca em oposição ao mercado capitalista. Diferente disso, para as rezadeiras a saúde não é um produto rentável, mas uma relação de vida que permanece para além do ofício do benzimento (LEWITZKI, 2019, p. 47).

O que foi dito anteriormente, é sobre a dádiva e tudo que a envolve, mas agora abordarei sobre o xamanismo, pois é isso que as rezadeiras fazem. Para Langdon (1996, p. 12) “a própria palavra xamã vem da língua siberiana tungue, e indica o mediador entre o mundo humano e o mundo dos espíritos”.

Objetivando primordialmente revelar e lidar com as energias que existem por trás de eventos cotidianos. No rito, estas concepções gerais de ordem são representadas, manifestando-se e recriando-se. O xamã interage com estas energias, por meio de experiências exóticas, através de sonhos, ou dos transe induzidos por substâncias ou por outras técnicas, servindo como intermediário entre os domínios, humano e espiritual, as fontes do poder do xamã, são as fontes da própria cultura (LANGDON, 1996, p. 29).

A fabulação de uma realidade em si mesma incógnita, feita de procedimentos e de representações, é afiançada numa tripla experiência: a do próprio xamã em que sua vocação é real, e mesmo se não o é, somente pelo fato do exercício, experimenta estados específicos, de natureza psicossomática, a do doente, que experimenta ou não uma melhora, por fim, do público, que também participa da cura, cujo arrebatamento sofrido, e a satisfação intelectual e afetiva que retira, é um fator determinante para uma adesão coletiva, que inaugura, ela própria, um novo ciclo (LÉVI-STRAUS, 1975, p. 14).

O autor fala que não basta somente a experiência do xamã, porém ele tem que ser aceito pela sociedade como um xamã verdadeiro, àquele capaz de curar e que tem uma missão especial nessa vida, que vem ser fazer o bem.

Esses três elementos daquilo que se poderia chamar de complexo xamanístico são inseparáveis. Entretanto, observa-se que eles se organizam em volta de dois polos, formados, uma pela experiência do xamã, e outra pelo aval do coletivo, não existindo razão para duvidar, efetivamente, que os feiticeiros, pelo menos os mais sinceros dentre eles, acreditam em sua missão, e que esta crença não esteja fundada, por ter experienciado estados sobrenaturais específicos, em que resultaram em cura (IDEM, 1975, p. 14).

O papel social que as rezadeiras exercem, assim como a dádiva que possuem, e o reconhecimento por parte das pessoas que compartilham desse mesmo meio social, sendo o que elas praticam é o xamanismo, que as permite interagir com o mundo real e o mundo espiritual, fazendo essa ligação entre os dois mundos para obter a cura.

Também é importante relatar sobre a entrevista feita com o médico do polo indígena de saúde, que traz nas suas narrativas, palavras regadas de incentivo, admiração e entusiasmo. A entrevista foi realizada no dia 16 de dezembro de 2020.

Adriano Lima da Silva é Médico oriundo do município de Ipixuna, Amazonas, com a idade de 28 anos, que trabalha no polo de Saúde Indígena, localizado na Comunidade Betânia, do município de São Paulo de Olivença.

Optei por chamar apenas por médico, para diferenciá-lo dos demais entrevistados, sendo ele de fundamental importância para essa dissertação, por representar a medicina institucional, àquela que é aprendida nos “bancos da universidade”, em contradição com o processo de ensino aprendido das rezadeiras, que é através da experiência empírica, dos ensinamentos repassados pelos pais, tios, relações de compadrio e na vivência com o meio social.

Ao ser perguntado sobre o que ele acha das mulheres rezadeiras, que tem a reza como um conhecimento tradicional, herdado, como uma prática milenar, secular, uma prática ancestral?

Agente trabalha na saúde indígena, o mais próximo dessa cultura, dessas tradições é agente, que está direto com eles, agente confia muito, e tenta trabalhar em parceria com eles, muitas vezes aqui na cidade também, agente orienta, passa o que nos foi ensinado, medicina tradicional, fármacos, as drogas que agente manipula, como assim também, meu pai era um rezador também, ele ajudava, tinha muita gente que procurava ele, e sempre oriento, passo minha medicação, dou as minhas orientações, mas também não tem nenhum empecilho de você procurar a reza, quem cura é a fé, então acredito muito também (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2020).

Ao discorrer que “seu pai também era rezador e ajudava as pessoas”, e ainda acrescenta que “não tem nenhum empecilho de você procurar a reza”, o médico corrobora ao dizer que, enquanto médico, ele ajuda as pessoas, assim também os rezadores contribuem com a sociedade, ao rezar nas pessoas.

Indagamos sobre o fato de que muitas vezes o conhecimento empírico, só reverberar quando traz luz ao conhecimento científico, assim, quais as orientações que ele daria para as pessoas que procuram as rezadeiras? Pois as mesmas procuram tanto os polos de saúde indígena, as Unidades Básicas de Saúde e também o Hospital.

O que eu oriento é o seguinte, agente trabalha lado a lado, o que eu não concordo as vezes é, em relação a ferida por exemplo, agente tenta fazer primeiro um curativo, tenta sanar as coisas, por exemplo, muitas vezes vem um corte muito grande, quando chega tem um pó de café e um monte de coisa, muitas vezes no caso, pode melhorar, pode piorar, essas coisas entendeu, agora assim, outras medicações como a copaiba, a andiroba, muitas vezes eu recomendo, as vezes tem tanta medicação que eu nem passo, eu digo senhora, use esse aqui porque eu também já usei, eu realmente eu

sei a eficácia desse azeite, desses óleos, dessas plantas medicinais (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2021).

Quando ele fala “*o que eu não concordo às vezes é, em relação a ferida por exemplo, agente tenta fazer primeiro um curativo, tenta sanar as coisas, por exemplo, muitas vezes vem um corte muito grande, quando chega tem um pó de café e um monte de coisa, muitas vezes no caso, pode melhorar, pode piorar*”. É pelo fato, de pessoas que são transferidas de polos indígenas de saúde, existentes nas comunidades indígenas, para a cidade, chegam com ferimentos, os quais já passaram pelas “*mãos de pajés*”, estes as orientam a colocar nos ferimentos, ervas, até mesmo pó de café, ao passo que no momento que fala que pode piorar, é que já ocorreu de uma pessoa indígena, ter um de seus pés amputado, uma vez que procurou somente em último caso, médicos e enfermeiros.

Todavia, os doentes saem das sessões normalmente levando um papel anotado com as prescrições receitadas pelos caruanas, podendo serem incluídos remédios de farmácia (industrializados) ou da terra (populares). Às vezes essas receitas são anotadas pelo servente e passadas aos interessados, outras vezes, o pajé diz que as pessoas devem voltar no dia seguinte para receber as prescrições (MAUÉS, 2005, p. 270).

Contudo, para entendermos mais profundamente e navegarmos sobre o mundo do pajé e sabermos distinguir pajé de xamã e de demais outros agentes que também podem efetuar a cura, tomamos emprestadas as palavras do teórico Maués.

Segundo Maués (2005), as compreensões unidas à pajelança cabocla podem decerto serem comparadas a diversas maneiras de xamanismo que têm sido descritas em diversas partes do mundo. Não se tratando do xamanismo clássico siberiano, no qual o xamã faz uma típica viagem ao mundo dos espíritos para combater aqueles que estão provocando a doença em seus pacientes. Essa forma de xamanismo, onde o fenômeno da incorporação de entidades no xamã tem menor importância na transformação terapêutica, estando presente também em vários grupos indígenas brasileiros. Na pajelança cabocla, que claramente possui também origem indígena, principalmente Tupi, o que ocorre é diferente, pois, nela a incorporação, ou seja, a tomada do corpo do xamã pelas entidades que vêm para exercer a cura dos doentes, tem uma relevância imprescindível: não é o xamã que cura, mas sim os encantados ou caruanas que agem, tendo seu corpo com principal instrumento. Mas, a pajelança cabocla é também influenciada pelo cristianismo e pelas crenças e práticas de origem africana, assim como por concepções e lendas de origem europeia, não obstante interligadas ao cristianismo. Os pajés, no entanto, de maneira geral, consideram suas crenças e práticas como parte

integrante do catolicismo que praticam, não se considerando como sacerdotes de um novo culto, ou um culto concorrente do catolicismo (MAUÉS, 2005, p. 271).

Essa prática, chamada de pajelança cabocla, apresenta seu marco temporal, sob a ótica das várias medicinas populares praticadas no Brasil, estudamos especialmente a chamada “pajelança cabocla”, no contexto regional, sobretudo na Amazônia rural, composta por um conjunto de práticas de cura xamanística, com origem em crenças e costumes dos antigos índios Tupinambás, sincretizados pelo contato com o branco e o negro, desde pelo menos a segunda metade do século XVIII (MAUÉS, 1994, p. 73).

Como ele tinha mencionado anteriormente, que o pai dele também rezava nas pessoas, aproveitando o ensejo eu o perguntei: Seu pai era rezador, ele fazia algum ritual cerimonialístico para operar a cura? Ao passo que ele respondeu:

Não, ele sempre falava umas coisas que eu não entendia quando criança, e tinha curiosidade de saber o que ele falava, depois de certo tempo eu vi, fiz a leitura labial, e percebi que era a base de fé, era o pai nosso, a ave maria, pelo que eu entendia, e outras coisas que não dava para entender, mas era baseado nisso, e como já falei, é muita fé, muitas vezes você pode passar uma medicação para uma coisa, que pode não ser, e as vezes o próprio organismo e a própria fé, também cura (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2020).

Também perguntei a respeito dos rituais de pajelança, sobre os rituais de pajelança indígena, já conheceu algum praticante na sua estada aqui no polo?

Não, já ouvi muito falar, casos que aconteceram, que esperaram muito tempo nos caciques, nos pajés, mas eles chegar em está praticando, eu nunca cheguei a entrar em contato, porque o tempo que agente passa em área, é também muito curto, cada aldeia, passa um, dois dias em cada aldeia, só ouvi pessoas comentando, mas nunca cheguei a ver (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2020).

A sessão de pajelança, também denominada de trabalho, pelos participantes, é realizada sob a assistência de várias pessoas convidadas. Ocorre sempre à noite, começando por volta das vinte horas e terminando já pela madrugada, aproximadamente de uma ou duas horas, normalmente. Quase sempre patrocinada por um doente ou por seu parente, podendo ser o marido, quando se trata de uma mulher, que é chamando de “dono do trabalho”. Comparecem além do doente para o qual é feita a sessão, outras pessoas, doentes ou não-doentes, muitas delas a convite do próprio pajé, ou do dono do trabalho, ou de seus parentes (MAUÉS, 1994, p. 73).

A origem na pajelança dos grupos tupis, esse culto, que hoje se integra num novo sistema de relações sociais, o qual incorporou crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, recebendo atualmente uma forte influência da umbanda. Seus praticantes, todavia, não se veem como adeptos de uma religião diferente, pois, consideram-se bons católicos, inclusive os pajés ou curadores que presidem as sessões xamanísticas (MAUÉS, 1994, p. 75).

Dando prosseguimento, o indaguei: Sobre os conhecimentos tradicionais que as rezadeiras possuem, ou dizem possuir, você entra em contradição, ao que elas praticam? Ele respondeu que

Não, eu nunca cheguei a duvidar da fé deles e nem tentar dizer que é charlatanismo, ou esse tipo de coisa, eu faço o meu, e ajudo eles a incorporar, a dar mais incentivo, pois, tem muitas patologias que não são somente físicas, são física e mental também (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2020).

Também perguntamos se ele já teria pensado na ideia do polo possuir uma rezadeira, pois muitas pessoas que procuram o polo, que também acreditam no poder das pessoas que rezam, dessa forma, eu perguntei: O que você acha do polo possuir uma rezadeira ou pajé?

Aqui é mais comum na Casai, eles sempre estão por lá, pela manhã, aqui no polo geralmente eles não estão por aqui, sempre que os usuários solicitam, agente procura, tenta solucionar os pedidos, de qualquer forma, agente trabalha 24 horas, agente tem que ajudar (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2020).

As pessoas que constituem o polo, fazem de tudo para ajudar e também para levar rezadores ou pajés para os indígenas que se encontram na Casa de Apoio do Índio (CASAI), entretanto, é existente uma distinção entre os diferentes agentes que operam a cura, e sobre o papel do pajé.

É existente uma distinção e uma variedade de agentes que operam a cura, não sendo o pajé o único especialista no assunto, no que tange o tratamento de doenças, uma vez que a pajelança cabocla surge como uma das várias medicinas populares na Amazônia, além dela, existem o experiente, a parteira, o benzedor ou a benzedeira, o espírita, isto é, alguém que seguindo o kardecismo, é o dono de farmácia, que também receita remédios. Mais recentemente, com o desenvolvimento do pentecostalismo, têm penetrado no interior da Amazônia muitas igrejas voltadas para a cura de doenças, através do exorcismo e do poder do Espírito Santo (MAUÉS, 1994, p. 76-77).

Porém, para Maués (1994, p. 77) “[...] nenhum desses especialistas pode, no entanto, por si só, exercer as funções específicas do pajé, que é um xamã inspirado”. Enquanto que o pajé pode exercer o papel de todos acima citados, porém, nenhum deles pode exercer seu papel.

Nas palavras do médico discorridas acima, ele tenta solucionar, porém, o fluxo dessas pessoas que praticam a reza e tudo que envolve esse ritual é mais comum nas Casas de Apoio do Índio (CASAI), pois é neste local, que ficam as pessoas que estão se recuperando das enfermidades, que necessitam de cuidados especiais de médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem.

Para finalizar a entrevista, perguntamos: Você como médico, tem algum ritual antes de receitar, de fazer um diagnóstico em algum paciente?

A primeira coisa que faço, todo dia quando acordo, abro o olho e agradeço por estar vivo aquele dia, peço que o meu dia seja bom, tenha tranquilidade, tanto que nos meus turnos, também antes de deitar, agradeço a tudo que aconteceu durante aquele dia (MÉDICO, 28 anos, entrevista, 2020).

A entrevista com o médico foi bastante proveitosa, pois pude observar a complexidade, do ofício praticado pelas rezadeiras, e o que elas vêm praticando, são mais do que hábitos, são conhecimentos do bom viver.

Entretanto, as rezadeiras reafirmam o papel que exercem, como promotoras de saúde, contribuindo diretamente para o sistema público de saúde, ao passo que atendem inúmeras pessoas, de maneira gratuita e eficaz, além de atender enfermidades em geral, elas curam doenças que não são alcançados pela medicina oficial (LEWITZKI, 2019, p. 193).

É importante relatar que no sistema de saúde, para se ter uma consulta em Unidades Básicas de Saúde (UBS) e no próprio hospital, é preciso um número determinado de fichas para ser consultado pelos médicos e enfermeiros, e quem não consegue, tem que tentar outro dia, sendo que a doença não espera, porém para as rezadeiras, não se tem um número X de fichas e sim a ordem de chegada.

O papel social das rezadeiras é de suma importância, por isso as pessoas só têm a usufruir dos benefícios de suas rezas, e os saberes tradicionais são mantidos e repassados de geração a geração, a cultura ganha novas formas de se fazer presente, nas mãos e nos gestos das rezadeiras.

É necessário entrar nesse assunto, pois existe pelo menos um quarteto de atores sociais distintos e que compartilham esse ambiente de construção social da noção de saúde e doença. Referenciando a pessoa afetada pela doença, o rezador com suas práticas focadas para o

realinhamento da estrutura espiritual, o médico por sua vez busca apresentar uma visão mais científica, focada na estrutura físico/biológica das pessoas e por último, a sociedade que onde se formam e são fortalecidas as relações e explicações tanto para a saúde quanto para a doença (LIMA, 2012, p. 77).

Contudo acrescentamos também o padre, o qual é representante do catolicismo oficial, uma vez que essas rezadeiras também passam a fazer intermediações entre o mundo terreno e o mundo espiritual.

Então, o capítulo 1 retratou sobre a reza como um dom de Deus, que une o mundo terreno e o mundo espiritual, que faz com que as rezadeiras cumpram as suas missões aqui na terra, tendo como exemplo e referência, Jesus Cristo.

Dons que foram adquiridos, em suas maneiras mais peculiares, mas nem por isso deixam de ser relatos de uma vida dedicada, a prática do bem, o dom é um conjunto de conhecimentos provenientes de um saber-fazer, que rege a vida dessas mulheres, que nem mesmo os agrados materiais, conseguem ir de encontro, e é tão gratificante quanto os reconhecimentos simbólicos e sociais, são capazes de fazer.

Porém, essas mulheres são guerreiras, que romperam barreiras, são boas ouvintes, duas delas nem terminaram seus estudos, são mulheres humildes, todavia dentro dessa humildade, não deixaram de ajudar seus semelhantes. Conhecê-las e observar seus universos míticos, percebe-se a real essência do ser humano, que é o amor, podemos conhecer o perfil das rezadeiras.

O papel social que exercem no meio social, são ações que repercutem nas vidas das pessoas, e por isso, são admiradas por uns, não bem aceitas por outros, mesmo assim, elas continuam a rogar, rezar e interceder pela saúde de quem as procuram, tornando-se uma riqueza cultural, representantes do catolicismo popular, cujas pessoas as intitularam de médicas populares, fazendo uma analogia aos médicos institucionais, pois elas possuem o mesmo grau de importância, tal qual os médicos oficiais representam, muito embora elas não atendem à demanda populacional, mas sim a necessidade das pessoas.

Nos discursos dos entrevistados, podemos observar o quanto elas desempenham papéis de padres, médicos e o quanto conseguem perceber o potencial de cada pessoa, como uma força para o bem, são olhares aguçados de quem conhece a vida humana, uma rica cultura que alimenta a alma. E tentamos trazer para visibilidade, como elas são as resistências dos conhecimentos tradicionais, a manutenção de todo manancial intelectual, provenientes dos povos da floresta, conhecimento que reverbera na continuidade da vida das pessoas.

CAPÍTULO 2 AS REZADEIRAS COMO MEDIADORAS DA CURA E SEUS BENEFICIÁRIOS

2.1 Saberes tradicionais e o xamanismo

Os saberes tradicionais no contexto de São Paulo de Olivença são vivenciados desde a meninice, na qual as crianças aprendem com seus pais, o saber-fazer, que rege suas vidas práticas, a menina é ensinada a preparar a comida, fazer café, lavar roupa e o menino aprende a caçar, pescar, fazer fogo, a utilizar as iscas essenciais para pegar os peixes, é ensinado sobre os locais estratégicos de pesca, na qual habitam a maior quantidade de peixes, com a finalidade de saciar a fome dos seus.

A autora Lewitzi explicita que:

Nesse sentido, o conceito de povos e comunidades tradicionais reflete a diversidade de formas de existência coletiva de diferentes povos e grupos sociais em suas relações com os recursos da natureza, identidades coletivas e estratégias organizativas. Relaciona-se, portanto, aos conceitos de território, ocupação tradicional, conhecimentos tradicionais, conservação ambiental e principalmente luta por direitos coletivos (LEWITZKI, 2019, p. 151).

Dando continuidade sobre os conhecimentos tradicionais, as pessoas aprendem que a banha da sucuri (*Eunectes*), é um ótimo cicatrizante, são ensinados a trabalhar na roça, a fazer a plantação das manivas (*Manihot esculenta*), pois existem determinadas fazes da lua, que é mais propício para plantar, com a finalidade de dar mais tubérculos, aprendem a fazer a farinha e todos os procedimentos essenciais, para se chegar ao produto final, também é ensinado a respeitar a floresta, porque ela tem seus guardiões, que punem, quem a desrespeita.

Utilizam a floresta, para fazer suas moradias, com madeiras que tem maior vida útil de durabilidade, fazem seus arcos e flechas, tiram os materiais fundamentais para fazer seus colares, anéis, redes e armadilhas. Valorizam a cultura e todas as formas cerimoniais, ritualísticas, criativas e inovadoras, que mantém viva as tradições e fazem com que seus ancestrais, não morram em suas memórias.

Sem deixar de mencionar também os sinalizadores da natureza, o qual se aprende com os mais velhos, que eles podem indicar determinados acontecimentos posteriores. Como é o caso da cigarra (*Cicadoidea*), que por meio de seus cânticos, indica que o(s) dia(s) seguinte(s), sucederá(ão) de pleno verão, também quando as casas à noite, são infestadas por bichinhos, é sinal que a chuva está por vir.

Outro sinalizador da floresta é o caramujo (*Gastropoda*), que quando faz a desova em determinado lugar da árvore, está demarcando que a enchente atingirá até aquele local, que se encontram seus ovos, e as pessoas que sabem interpretar esse fenômeno, podem distinguir, que a enchente pode ser pequena, média ou grande. Ou também quando a pequena coruja (*Strigiformes*), à noite, faz seu canto, que é semelhante a risos, é sinal que no dia seguinte, a casa terá visitantes, que darão muitas gargalhadas.

Dando continuidade, outro sinal de pujança, é quando a ariramba (*Galbula ruficauda*) passa sobrevoando as casas, com seus cantos, sinalizando que haverá piracema, ou seja, grandes quantidades de peixes, que saciarão a fome das pessoas, mas também servirá como fonte de aquisição monetária, para aqueles que vendem o excedente. E as arirambas são esperadas ansiosamente, pelas pessoas que sabem decifrar, o que essa ave tem a dizer.

As pessoas não só aprendem a decifrar esses códigos, que a natureza oferece como também sabem interagir, e utilizam isso para ponderar suas ações. Todos esses conhecimentos demonstram o quanto são importantes às pessoas mais velhas, em que os antigos valores culturais e morais aprendidos ao longo da vida, ainda são vivenciados no cotidiano, utilizando a natureza como guia.

Caminhar pelas veredas da cultura popular é permitir ser instigado pela riqueza de conhecimentos, que os mais velhos trazem consigo. Embora o tempo passe, surgindo coisas inovadoras, tais como os recursos tecnológicos, permitindo comunicações à distância, o conhecimento adquirido pelos mais velhos, continua sendo propagado aos amigos, vizinhos, e familiares, de modo direto e indireto (NASCIMENTO; AYALA, 2013, p. 3).

É inegável os caminhos da cultura popular e as riquezas desses conhecimentos que os mais velhos trazem consigo, sendo literaturas e fontes de vida regadas de muita experiência e labutas árduas. Mesmo que o tempo passe, surjam inovações, tais como os recursos tecnológicos, que permitem a comunicação à distância, como é o caso da internet, celulares e entres outros meios de comunicação, esses conhecimentos, tais como o da reza, acabam sendo repassados pelas pessoas mais velhas, sobrevivendo com o passar do tempo, propagados aos amigos, vizinhos e familiares de modo direto, através de conversas ou através de histórias que cercam o imaginário das pessoas, o “boca a boca” é mais eficaz quando dizem respeito à procura das rezadeiras.

Suas legitimidades a partir de feitos extraordinários e curas menos expressivas, mas que não deixam de ganhar pessoas que as apreciem, elas ganham importância dentro do cenário da cura, assim como os médicos diplomados, “a partir dessa ocasião, pode-se dizer

que a rezadeira ganha a legitimidade da comunidade em que vive, como alguém tão importante quanto um médico, mas que tem um adicional: o mistério da cura” (ALEXANDRE, 2006, p. 79).

Externando sobre conhecimentos tradicionais, não podemos deixar de mencionar as rezadeiras, que é o centro desta pesquisa, quando se trata de conhecimentos tradicionais, isso só exalta a manutenção dos saberes tradicionais, que nos remete a décadas, em que a medicina oficial era precária, ou quase inexistente, só havia rumores que existia uma medicina para os ricos e isso nos médios e grandes, centros urbanos.

Porém, os conhecimentos sobre ervas, raízes, folhas, de caráter curativo, rezas que eram capazes de curar enfermidades e demais patologias, é o que rega a cultura popular, e às fontes inesgotáveis desses saberes ainda presentes e preservados nos dias atuais.

O saber ecológico tradicional caminha junto com o conhecimento tradicional de cura detidos pelas benzedeadas, pelo conhecimento da agrobiodiversidade local que faz parte das práticas de cura na forma do uso de plantas e produtos locais que são remédios (LEWITZKI, 2019, p. 96).

Elas passam por rituais de iniciação, que dominam a vida mística dessas mulheres, em particular, aprendem a serem assertivas, fazendo a oração certa para determinada doença, aprendem a vencer a ansiedade e o medo de rezar nas pessoas, aprendem a manipular plantas, ervas, folhas e raízes, para poderem indicar chás, banhos ou garrafadas, para seus clientes, concentram-se mais em Deus e na fé que possuem, dedicam-se mais a reza do que em outros afazeres domésticos.

Antes de rezar nas pessoas, elas também possuem rituais de purificação, fazem jejum e pedem licença da mãe das águas, do igarapé e das plantas, tem uma relação de preceitos a obedecer, uma dieta rigorosa a cumprir, horários determinados, abrindo exceções em casos mais graves, o sagrado feminino dela, tem que está curado, é uma expansão que permite que elas façam a cura, é a relação delas com as entidades, há interdições para elas.

Não pense que os xapiri (espíritos) são constituídos apenas por homens. Numerosas mulheres espíritos também fazem sua dança de apresentação para os xamãs! Nós as chamamos de *yaroriyama pë*, as mulheres espíritos animais, e também as mulheres espíritos *tuëyoma pë* (KOPENAWA; ABERT, 2015, p. 127).

Não são somente homens que são espíritos, existindo inúmeras mulheres, que também protegem as pessoas no mundo terreno, guerreando no mundo espiritual, por isso que no

município de São Paulo de Olivença, as pessoas acreditam nas “mães de igarapés⁹” e que as árvores também possuem mães espirituais. Tudo tem sua "mãe" (um "encantado"): abusos são castigados pela mãe do rio", quando este é poluído, pela "mãe do mato", quando a floresta é devastada, e assim sucessivamente. Parece, porém, que, em certas áreas, "os curupiras foram embora" desde que a destruição das motosserras foi mais poderosa (MAUÉS, 1994, p. 76). Os espíritos são seres benéficos, vejamos a finalidade de sua criação.

A criação dos xapiri, foi para curarem nossos filhos, Omana concordou, Awei, que são palavras sensatas. Os espíritos irão dispersar os seres maléficos. Arrancarão deles a imagem dos doente e as trarão de volta para seus corpos. Foi assim que, ele fez aparecer os xapiri, tão numerosos e poderosos quanto os que conhecemos hoje (IDEM, 2015, p. 84).

A criação dos xapiri foi para curar as pessoas que ficariam doentes, para trazer de volta as imagens dos doentes para seus corpos. A rezadeira Maria Isabel também sabe rezar para retornar o espírito, principalmente de crianças, contudo, compreendemos que sobre as rezas e seus procedimentos, ela não quis se manifestar.

Sendo proveitoso redigir fatos vivenciados, ao recordar-me quando meu bisavô Noginel, que Deus tenha a sua alma, quando ficávamos doentes, com quebranto, cujos sintomas são: olhos fundos, o corpo fica febril, e às vezes com pés e mãos frias, ele nos rezava com cigarro, primeiramente ele preparava o cigarro, rezava sua oração na linguagem Inca, que aprendeu com um peruano, cujo nome era Vidal e soprava em todo nosso corpo e cabeça.

Após esse ritual, tínhamos que colocar o filtro do cigarro, debaixo do travesseiro, para que a alma voltasse para o nosso corpo, pois tinha sido capturada por um espírito, que passou próximo a nós, geralmente um parente que já faleceu, que vinha nos visitar. Ele soprava três vezes, representando a santíssima trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Para Athias (1998, p. 253) “um Hupdë, além de ter seu *tsaap* (corpo) seu *hawang* (alma) possui também um *baktup* que poderíamos chamar de seu próprio fantasma ou sua sombra”.

Algumas mulheres se tornam xamãs da mesma forma que os homens, pois pelo fato de o pai ser xamã, elas nascem do esperma de seus espíritos, uma vez que, como eu disse, quando um xamã copula com uma mulher, seus espíritos fazem o mesmo. Dessa forma, quando elas chegam a puberdade, os xapiri (espíritos) manifestam sua vontade de dançar para elas, se elas não tiverem medo de responder aos seus cantos, eles irão permanecer com elas (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 123).

⁹ Mães de igarapés: Podem ser descritas como mulheres velhas, com cabelos brancos e longos, ou também como cobras gigantes, que são donas desses recintos.

Os espíritos não são como animais e tampouco como os humanos. São diferentes, não bebem água dos rios, nem comem carne de animais. Abominam tudo que é salgado ou grelhado e só gostam de coisas doces, os espíritos abelha se alimentam do néctar de flores, como as das árvores *pahi hi*, *hotorea kosihi*, *xitopari hi* e *masihanari kohi*. Enquanto que os espíritos vespa preferem suco de bananas maduras. Já os espíritos macaco-aranha, tucano, mutum e jacamim, bebem o suco das frutas das palmeiras *hoko si* e *maima si*, ou das árvores *hayi hi*, *xaraka ahi* e *apia hi*. Ao passo que os espíritos anta, obtêm a imagem de sua gordura a partir dos frutos da árvore *oruxi hi* (IDEM, 2015, p. 128).

Posteriormente, cabe retratar a dieta das mulheres rezadeiras, na qual expressam-se em fazerem o bem, ter pensamentos positivos, ter ética e saber utilizar a suas rezas para o bem, essa é uma dieta bem rigorosa, sendo um estilo de vida dessas mulheres. Os dois autores, também descrevem sobre a dieta de um xamã.

Então pode-se recomendar a comer um pouquinho, mas apenas comida que não tenha sido grelhada, nem tenha sal, nem seja ácida. Só se pode ingerir alimentos brancos e sem gosto, como mingau de banana-da-terra ou filés de peixinhos cozidos numa folha, e também garapa de cana, mamão e, sobretudo, mel diluído em água. Essa bebida é, de fato, capaz de nos pôr em estado de fantasma e de nos fazer virar espíritos (IDEM, 2015, p. 140).

Não é somente rezar por rezar, existe todo um conjunto de conhecimentos, sintonias e renúncias que fazem essas mulheres operarem a cura, e como consequência, ganham o respeito e a admiração da sociedade, na qual estão inseridas. Essas mulheres demarcam seus espaços na sociedade e na vida das pessoas, são acessíveis, quando procuradas, aceitar a reza como ofício, é o que torna o impacto de suas ações, elas também possuem horários para se rezar e dias que não rezam, algumas vezes abrem exceções em casos de urgência.

Há uma pujança na maneira de produzir e reproduzir o benzimento na realização das rezas, orações, pedidos e promessas a santos protetores, fases da lua, horários específicos do dia, datas exclusivas do calendário religioso, manipulação de plantas e ervas medicinais (LEWITZKI, 2019, p. 144).

Para Mazia “os dias que rezo é de terça-feira a sexta-feira. Os dias que não rezo, é o dia de segunda-feira, que é dia das almas, nem sábado e domingo e também quando estou menstruada eu não rezo” (46 anos, entrevista, 2020). Já Maria Isabel diz que “terça até sexta-feira, e não tenho hora para rezar, porque as pessoas me procuram no momento que elas estão mais folgadas” (54 anos, entrevista, 2020). Entretanto Maria Isabel vai além, discorrendo que,

Terça até sexta-feira, mas se for um caso que eu vejo que tá bem doente e que aconteceu alguma coisa, que agente não espera doença né, aí dia de sábado eu rezo, é assim, quando me procuram, que as vezes a pessoa tá querendo socorro, eu rezo, eu vou socorrer as pessoas, eu também saio do meu domicílio e muitas vezes em dia de sábado, as pessoas vem me pegar, que tem pessoas passando mal, eu vou, até certa vez que aconteceu na casa da Jarluce, em que o pai dela pegou um AVC, que foi no dia de domingo, que ela veio apavorada, que eu fiquei até com medo de agente se acidentar, que ela ia doida nessa rua, aí eu fui. Segunda eu não rezo, que é o dia das Santas almas (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

As duas rezadeiras abordam que não rezam dia de segunda-feira por ser dia das almas, todavia Maria Isabel abre exceção, ao atender as pessoas até no dia de domingo, em virtude que, os casos mais graves exigem medidas extremas e a rezadeira não deve negar seu papel no meio social, até mesmo se deslocando para a casa do enfermo.

As práticas de curas populares, feitas pelas rezadeiras e/ou erveiros se evidenciam em gestos de doações feitas por pessoas humildes na privacidade de suas casas. Apesar da vida simples, elas praticam com otimismo e devoção, suas rezas, orações e encantos, receitam com atenção chás e medicamentos capazes de curar, e ainda estão sempre dispostas a ouvir atentamente os problemas das pessoas e lhes dar o melhor conselho que puderem. Tudo isso a qualquer momento do dia, sem hora marcada, sem interesse utilitário e sem se preocuparem se o seu gesto será, de alguma forma, retribuído (ALEXANDRE, 2006, p. 47).

Darcy, diz que só não rezava quando estava menstruada, explicando o motivo, então, apreciamos:

No dia que estiver menstruada, não reze, deixa passar, tira pela fase da lua, ver que amanhã é lua nova, você sabe que três dias antes, é o tempo da mulher menstruar, não vá sentar no lugar da mulher menstruada, que ela está oito dias impura, e você se estiver fazendo um bem, pare e deixe passar esse três dias, até a lua suspender um pouco, no primeiro, segundo, terceiro dia, comece a rezar suas orações, que é aí que Jesus tá prestando atenção no seu respeito, da mulher menstruada, é oito dias que a mulher tá impura. Se o homem sentar no lugar da mulher menstruada, três dias você não presta para nada, é um cansaço, é uma tristeza, é uma panemice¹⁰. Tem que tomar banho com as folhas, cipó alho, mucuracaá (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Ao falar que não rezava quando estava menstruada, explica por meio da astronomia, discorrendo sobre as fases da lua e como isso influencia no ciclo menstrual da mulher. Em

¹⁰ Panemice: Pescador ou caçador que não mata muitos peixes ou caça, tendo vezes que chega de uma pescaria ou caçada, de “mãos vazias”, o antônimo de panemice é marupiara, isto é, pessoas que pega muitos peixes, ou mata muita caça.

suas palavras “*ver que amanhã é lua nova, você sabe que três dias antes é o tempo da mulher menstruar*”, verificamos que são sapiências adquiridas ao longo da vida. Ela ainda orienta o homem, a não sentar no lugar que sentou a mulher menstruada, pois, pode implicar em seu estado físico e na caça ou pesca, entretanto, dar orientações de como tratar, ao dizer que: “*Se o homem sentar no lugar da mulher menstruada, três dias você não presta para nada, é um cansaço, é uma tristeza, é uma panemice. Tem que tomar banho com as folhas, cipó alho, mucuracaá*”.

A fé na reza e nos demais procedimentos é o que faz com que a cura ocorra, há que se ter fé nos banhos, xaropes e dentre outros elementos que as rezadeiras preparam, mesmo que não surtam efeito de imediato, mas, deve se acreditar que a cura chegará, pois há casos que ela vem de maneira repentina, porém, haverá casos que pode tardar em vir, contudo a pessoa não deve deixar de ter fé na rezadeira, uma vez que a rezadeira exerce a fé dela e a pessoa também tem que exercer a sua, para que unidas, se opere a cura.

Para que a cura aconteça, é preciso que tanto benzidos como rezadeiras acreditem que por meio das rezas, a cura possa ter êxito, pois se isso não acontecer, o processo não terá eficácia (TRINDADE, 2013, p. 131).

Os conhecimentos tradicionais perpetuam-se com o passar dos anos, atravessando gerações, são sapiências dos povos da floresta, ensinamentos que se transformam, ganham novas ressignificações, contudo, têm suas serventias para o bem de todos.

Omana era o único a conhecer os xapiri (espíritos) e os deu ao filho pelo motivo que, se *Omana* morresse, sem ter ensinado suas palavras, nunca teria existido xamãs na floresta, ele não queria que os humanos ficassem desamparados e causasse dó. Por esse motivo, fez de seu filho o primeiro xamã, deixou-lhe os caminhos dos espíritos, antes de desaparecer (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 85).

A preocupação com o legado e repasse dos conhecimentos tradicionais, é o que receberam essas rezadeiras, que insistem em praticar suas rezas, elas já não são pessoas comuns, assim como explicitam Kopenawa e Albert (2015, p. 167) ao dizerem que “gente comum tem medo do poder da *yãkoana* e não pode ver os *xapiri* dançando e trabalhando. Ouvem somente as palavras de seus cantos. É por isso que quando virmos espíritos, os moradores de nossa casa e os nossos hóspedes prestam atenção”. Pessoas que não são xamãs, as quais ao ingerirem a *yãkoana*, apenas poderão ouvir as vozes dos espíritos, contudo, não os poderão vir. Porque somente, os que são predestinados a tornarem-se xamãs, são habilitados para isso.

O porquê das pessoas se tornarem xamãs é uma resposta uníssona, a qual seria, para se fazer o bem, dar o sopro de vida na continuação da existência de quem as solicitam, para curar as doenças, para que os conhecimentos tradicionais não desapareçam, para que a floresta não seja habitada somente por pessoas, mas também por espíritos, que já viviam aqui, desde os tempos remotos. Os não indígenas têm por costume me perguntar por que, um dia, eu decidi pedir aos xamãs mais velhos de nossa casa, que me dessem seus espíritos. A resposta é porque me tornei xamã para curar, os meus, essa é a verdade. Se os espíritos não nos vingassem, afastando os seres maléficos e as fumaças de epidemias, permaneceríamos sempre doentes, *Omana*, no primeiro tempo, advertiu nossos ancestrais: “se vocês beberem *yãkoana* poderão trazer de volta, a imagem de seus filhos capturados por esses seres maus. Porém, se não forem capazes de chamar os espíritos para protegê-los, darão aflição diante do sofrimento deles e chorarão suas mortes em vão. Somente os espíritos sabem tirar o mal, do mais profundo de nós e manda-lo para longe (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 175).

O *bi'in* é um termo cujo significado é um conjunto de práticas ritualísticas que vão desde um simples benzimento, até as práticas mais complicadas de feitiçarias, e todas práticas são realizadas por meio de palavras, geralmente essa terminação é traduzida como “sopro”, em menção a maneira de como o pajé fica proferindo as fórmulas, num sussurrar de palavras, com uma cuia próxima de sua boca. Sendo que no português regional, o termo soprar, é associado à prática xamânica. O pajé geralmente utiliza uma pequena cuia, onde é colocada água ou alguma erva, para a pessoa ingerir, ou passar no corpo, o mais importante não está no conteúdo da cuia, mas sim no sopro, em saber recitar a fórmula, na maioria das vezes o pajé não precisa ver o paciente. Entretanto, no caso que ele precisa o ver, este se prepara antes, pode tomar o *karpí*, quando necessário, mas sempre estão com o tabaco (*hunt*) e com a coca (*puhunc*). Ao examinar o paciente, o pajé demora-se mais segurando o braço esquerdo para ver como está o *baktup* do indivíduo, creem que no *tsaap* (corpo), é existente dois pontos centrais, onde deve-se procurar o equilíbrio, geralmente a prática é para fortalecer o *tsaap* que, de acordo com a maioria dos Hupdë, localiza-se no braço esquerdo, este trabalho pode demorar horas. O paciente deve seguir uma dieta rígida, para que haja o efeito desejado. As dietas geralmente contemplam a interdição de comer assados, sal e pimentas, outra interdição, quase sempre, imposta é não tocar mulher menstruada e abstinência sexual, o paciente geralmente deve permanecer deitado a maior parte do tempo (ATHIAS, 1998, p. 255).

Para explicar a doença, existe inúmeras maneiras e motivos que a causam, podendo ser que a pessoa não obedeceu a seus pais, ou saiu com raiva de sua casa, ou feriu algum preceito

bíblico, não pediu permissão para algum espírito da floresta, ao derrubar uma árvore, ou por tirar a casca de uma árvore, na qual habitava um espírito. Somente um ritual xamânico pode restaurar a saúde.

Este equilíbrio pode ser provocado primeiramente pelo próprio indivíduo que deixou de observar algum tabu ou não obedeceu alguma regra na convivência social, como por exemplo: sovinou água ou comida ou o desequilíbrio é provocado por um ato de feitiçaria, e neste caso apenas o pajé pode ter um antídoto de cura, os atos de pajelança, geralmente, são acompanhados por certo tipo de veneno, ou algum elemento externo, podendo ser um cabelo, um cigarro. Para eles, certos tipos de veneno, só têm efeito quando estão relacionados à palavra encantamento, pronunciado por um pajé ou outro iniciado (ATHIAS, 1998, p. 256).

O sistema médico, também pode ser identificado como um sistema xamânico, ao passo que os médicos, irão prescrever o remédio a partir de seus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, os quais receitarão remédios com maior eficácia de cura. De acordo com Athias (1998, p. 254) “O sistema médico é um sistema xamânico, tanto no que se refere às representações de saúde, doenças como em suas práticas terapêuticas”.

Os conhecimentos tradicionais repassados ao longo das gerações são oriundos de ancestrais milenares, e que ainda nos dias atuais, estão arraigados no sistema cognitivo do povo da floresta, saberes ecológicos de manipulação, dosagem certa, plantas que servem como cicatrizantes, anti-inflamatórios, para reduzir gordura, relaxante muscular, são saberes inesgotáveis, adquiridos por meios empíricos, que muito das vezes são comprovados com o científico.

Eliade (1992, p. 13-14) vai mais além ao dizer que o homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real.

2.2 Rezas e ervas utilizadas na benzeção

As rezas e ervas, utilizadas na benzeção, são de fundamentais importâncias, são elas que vão trazer novamente o equilíbrio necessário para o corpo físico e espiritual, dos clientes,

a reza por sua vez, faz o elo com o sagrado, são preces, súplicas para combater os males, e as ervas servem tanto para transferir a doença do enfermo, para elas, como no caso dos ramos, mas também para servir de melhoria mais breve da doença, podendo ser citados, os chás, banhos e garrafadas.

As rezadeiras colocam-se na posição de mediadora de relações ligadas aos processos de cura, ao intercederem pela melhora de certas pessoas, elas intermediam a relação entre o enfermo e o sobrenatural, criando uma relação de prestação entre elas e o sagrado (LEWITZKI, 2019, p. 45).

A rezadeira Maria Isabel não quis nos relatar sobre suas rezas e manuseio de plantas medicinais, entretanto entendemos o seu posicionamento, além do mais, ela nos deu muitas contribuições para o andamento da pesquisa. O autor Lima (2012, p. 72) também aborda que uma de suas interlocutoras não quis se pronunciar sobre suas rezas, ao explicar que “essa característica de Dona Nega a torna diferente principalmente no sentido do aprendizado e conseqüentemente dos ensinamentos que, segundo ela, não podem ser feitos devido ao fato de não poder ensinar suas rezas a ninguém”.

Rezas são palavras, como conseqüência as palavras possuem o poder de construir, destruir e reconstruir e quando se trata das rezadeiras, as palavras se tornam milagres de cura, seus feitos são inimagináveis, o campo do sagrado não se pode explicar, quando se fala a respeito das rezadeiras, não se pode chegar perto e traduzir em palavras, pois, é algo que se torna revigorante tanto para as pessoas que falam as rezas, como para as pessoas que recuperam suas saúdes. As palavras viram gestos, os gestos se transformam em ações e as ações mudam o mundo, nesse cenário de palavras com intenções positivas é que as rezadeiras são mencionadas, como pessoas com poderes sobrenaturais e ao mesmo tempo humanas. “As palavras proferidas na prece, para os curandeiros, são capazes de causar fenômenos extraordinários, inclusive à cura” (ALEXANDRE, 2006, p. 74).

A interlocutora Darcy disse que reza para o Acidente Vascular Cerebral (AVC), que na localidade é chamada de “doença do ar” e também de “derrame”, abaixo se encontra a reza,

O que eu curo? Isipla, isipela, isipelão, cubrelo e fogo selvagem e curo doença do ar, doença branca, doença vermelha, sem ser doença preta, curo com o poder de Deus pai, Deus filho, Maria Santíssima que é tua mãe, amém. Reza o pai nosso. Rezando dos pés à cabeça e coloque três pingos de aguardente, dentro do chá de folha da laranja (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Entre as doenças podemos citar o quebranto e a doença do ar, que conforme a explicação de nossos interlocutores, essas doenças são oriundas de ações de cunho espiritual humano e apenas a reorganização do espírito, é capaz de dar solução ao problema de quem é atingido por esse tipo de patologia (LIMA, 2010, p. 8).

Das rezas praticadas pelas rezadeiras, algumas podem ser ouvidas e outras não, elas também podem ser denominadas de jaculatórias. A jaculatória para a rendidura¹¹ é feita com a presença de um pano virgem e uma agulha virgem, isto é, pano e agulha que nunca foram utilizados antes, para poder se efetivar a cura. Abaixo a rezadeira Darcy descreve a reza,

E a rendidura já é, o que eu curo? Carne trilhada, osso torto, nervo arrancado e osso quebrado, curo com o poder de Deus, São Francisco das Chagas, será curado em nome de Jesus, pai, filho e espírito santo, as forças da minha oração será o Pai Nosso e reza o Pai Nosso. Na terceira vez tira o leite do fruta-pão e gela no pires e implasta¹², tem que raspar todo cabelo e tudo do ovo do homem, passa e aí já tem o pano fininho e implasta (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

A *costura de rendidura ou machucadura* é uma simpatia para pessoas *rendidas*, isto é, com dores musculares, sobretudo na coluna, moléstia muito comum pelo serviço pesado na agricultura entre outros trabalhos que demandam força física, a prática tem como finalidade reparar a “carne rasgada, ossos quebrados e nervos torcidos” (LEWITZKI, 2019, p. 71).

De acordo com Maria Isabel “*para o mau-olhado que agente ver que não tá forte, eu rezo três vezes, quanto a doença tá mais forte, é nove vezes. Mau-olhado, quebranto e espanto, tudo junto é nove vez*” (54 anos, entrevista, 2020).

Segundo o exposto acima, as doenças podem vir juntas e quando isso acontece, tem que se rezar nove vezes, o que se pode entender que é três rezas para cada doença, que no fim se contabilizam nove vezes ou nove rezas, para se ter efetividade na cura, “a doença-cura aparece como o grande elo esclarecedor para as relações entre o natural e o não-natural. Aí se misturam crenças na técnica médica moderna e nas tradições religiosas” (ALEXANDRE, 2006, p. 34).

No ritual de cura de quebrante, olhado e vento-caído, dona Cícera a todo o momento, faz desde o sinal da Cruz para dar início ao ritual, e durante o ritual, sua mão direita segurava o ramo, até o final, com a realização do sinal da Cruz novamente, percebe-se a importância e

¹¹ Redindura: É quando o homem faz força excessiva, fazendo com que seu órgão genital fique inchado.

¹² Implasta: significa colocar o leite do fruta-pão na parte do escroto, correspondente aos testículos e fechar com um pano.

o caráter insubstituível que esse membro do corpo humano carrega na realização dos rituais (SANTOS, 2018, p. 68). Darcy aborda sobre a isipla¹³,

A doença isipla, ela vem por dentro, pelo osso, aí isso chega a pessoa tá comendo, olha o inchado aqui, todo vermelho, é isipla, aquilo tá todo quente, você pega a vassourinha, um pouco de vassourinha, um pouco de sal na água, você ver que ela tá aqui, cerca na frente, cerca do lado, o que eu curo? Curo isipla, isipela, isipelão, cubrelo e fogo selvagem, curo com o poder de Deus Pai, Deus Filho e divino Espírito Santo, vai embora doença para as ondas do mar salgado, onde não se ouve missa, nem sino e nem o galo cantar, pai nosso que está no céu, todo mal termine, esse pai nosso será oferecido para Jesus crucificado curar essa doença, reza três vezes, acabou-se e a isipla, cubrelo, a mesma coisa, cubrelão a mesma coisa, a mesma oração (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Durante a entrevista de campo, do autor dessa citação, a rezadeira se ofereceu para fazer uma demonstração, ela aproveitou a presença de meu afilhado, bisneto da minha tia que nos acompanhava, como rezava de “olhado”, de “quebrante” e de “vento caído”. A rezadeira afirma que para esses três problemas de saúde a reza é a mesma e garantiu que a cura é certa (SANTOS, 2018, p. 57).

Para Alexandre “males como: espinhela, cobreiro, vento caído, campanha caída, erisipela, entre outros. Esses são considerados males tradicionais que são típicos das crenças populares” (2006, p. 87). Há consenso em torno do fato de que algumas doenças são completamente curadas apenas através da ação das rezadeiras (RIBEIRO; SENA; ORESTE, 2018, p. 6). Essa opinião é válida em relação à erisipela; as pessoas entrevistadas acreditam que a erradicação da doença no paciente só ocorre com o tratamento feito por meio das rezas.

As orações são suplicadas em voz baixa, ou por vezes em voz alta, intercaladas para a melhora do doente, acima de tudo o rezador se compõe como um indivíduo solidário, que pratica o altruísmo e através da fé e do poder dos santos, presta-se a cuidar do outro, utilizando o poder das palavras, não somente das palavras, mas também dos gestos, da fé e do companheirismo (PATROCÍNIO, 2016, p. 19).

No cenário das rezadeiras, é existente técnicas e mistérios, além dos saberes que estas têm, saberes estes que fazem com que as pessoas que a procuram sejam curadas, essas médicas populares apresentam uma gama de valores, que fazem da reza um fator norteador de suas vidas, porém, é essencial ter fé que elas podem operar a cura, pois se a pessoa não tem fé, ela não é curada, também é existente suas ferramentas de ofício, que variam de reza a ramos,

¹³ Doença de pele, forte irritação.

isso enriquece a cultura popular e os conhecimentos tradicionais são vividos de maneira peculiar.

A rezadeira Mazia além de rezar nas pessoas, fazer chás e garrafadas, ela também possui rezas no papel, que contém orações, as quais servem para proteger as pessoas. De acordo com Lewitzki (2019, p. 108) “o caderno de anotações de orações, cantos, simpatias e remédios é comum a várias benzedadeiras que são alfabetizadas, assim como a prática de fazer mudas para presentear as visitas e anfitriãs”.

Segundo Mazia, duas orações podem ser rezadas todos os dias, no entanto, a “Oração contra qualquer espécie de inimigo e morte repentina”, deve ser rezada, todas as sextas-feiras, na sequência estão transcritas as três orações.

Oração da pedra cristalina

Minha pedra cristalina, no mar foi achada, entre o cálice e a hóstia consagrada, treme a terra e as mãos, mas não treme o coração do nosso senhor Jesus Cristo no altar, assim treme a oração dos meus inimigos, quando olhares para mim eu te benzo em cruz, entre o sol, a lua e as estrelas e a Santíssima Trindade.

Meu Deus, na travessia eu avistei meus inimigos, o que faço com eles? Com o manto da virgem Maria serei coberto, com o sangue de nosso senhor Jesus Cristo serei valido. Meus inimigos têm vontade de atirar, se atirarem de espingarda, o cartucho cairá pelo chão, se me amarrarem, as cordas se desatarão, se me trancarem, as portas se abrirão (MAZIA, 46 anos, entrevista, 2020).

Oração ao anjo da guarda

Junto ao meu anjo de guarda, tem mais três anjos e Jesus: São Miguel, São Gabriel e São Rafael, a luz e o sangue de Cristo circulando.

Arcanjo São Miguel à minha direita

Arcanjo São Gabriel à minha esquerda

Arcanjo São Rafael às minhas costas, para que suas asas possam me cobrir de todo mal e o arcanjo Uriel a minha frente para abrir meus caminhos e sobre mim a glória do Senhor! Amém (IDEM, 46 anos, entrevista, 2020).

Oração contra qualquer espécie de inimigo e morte repentina

Meu senhor do Bonfim, que sobre as águas andastes, hoje estais entre o cálix e a hóstia consagrada, treme a terra, mas não treme o coração do meu senhor Jesus Cristo no altar, mas treme o coração dos meus inimigos, quando para mim espiarem, eu vos benzo em cruz e vós não benzeis a mim entre o sol e a lua e as estrelas e as três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo; meu Deus na travessia avistais meus inimigos, meu Deus que faço com ele, com o manto de Maria sou coberto, com o sangue no senhor do Bonfim sou valido, se me atirarem, pelo cano da arma há de correr água, assim como correu leite no peito de Maria Santíssima para a boca do seu Divino Filho, se quiserem me passar faca, da mão cairá, cacete, foice, chucho que para mim afirmarem suspenso no ar há de ficar,

assim como ficou Maria Santíssima ao pé da cruz esperando seu Bento filho, corda que me botaram aos pés tem que cair, as portas que trancarem têm que abrir, assim como se abria o sepulcro de nosso Senhor Jesus para Ele subir ao céu.

Oferecimento “com a força do credo salvo eu sou, salvo serei, com a chave do Santíssimo sacrário me fecharei”.

Para rezarem todas as sextas feiras essa oração e logo após 3 pai-nosso, 3 Ave-maria, 3 santa-maria, 3 Glória-ao-pai (MAZIA, 46 anos, entrevista, 2020).

Não se pode rezar de qualquer maneira, elas têm preceitos a serem seguidos, com o propósito de se ter maior eficácia, as rezadeiras não somente rezam na pessoa enferma, elas também indicam orações, até mesmo para pessoas que não se encontram debilitadas, que podem ler essas rezas, para não adoecerem ou serem acometidas de qualquer mal.

O número três representa um simbolismo inegável na vida das rezadeiras, em suas rezas, pedem para que seus benzidos as procurem três vezes para completar a reza e fiquem livres da doença, mas tem que se completar as três rezas, mesmo se sentindo bem, senão a doença pode retornar com mais força, debilitando ainda mais o benzido, “o número três também representa o complemento: A Santíssima Trindade é composta do Pai, Filho e Espírito Santo, assim como para os que acreditam, o homem é corpo, alma e espírito” (TRINDADE, 2013, p. 142).

Além da representatividade do número 3, é relevante reconhecermos a importância do “conhecimento popular”, que é aquele adquirido pela população ao longo do tempo e que serve da tradição para explicar a realidade. Um exemplo é o uso de plantas medicinais, amplamente utilizados pelas famílias de baixa renda e que veio a dar origem, posteriormente, a uma ciência chamada “fitoterapia” (ALEXANDRE, 2006, p. 37).

A rezadeira Darcy relata sobre chás, banho e garrafada, expressando a pujança que a medicina tradicional tem, e as formas de como podem operar a cura, são riquezas e particularidades de uma cultura e prática, que sobrevive ao longo dos anos e sofre novas configurações, incluindo medicamentos industrializados para se ter eficácia, em menor tempo, “as pessoas continuam pensando que só os *xapiri* podem mesmo curar os doentes, mas contam também com a ajuda dos remédios dos brancos” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 175).

Chás feitos de jambu, mucura caá, enxofre, sete pingos de limão, 200 gramas de açúcar, pondo tudo para ferver junto, no qual o chá vira um xarope, servindo para tosse, gripe, dor de cabeça, catarro no peito, é só tomar o remédio, que o paciente fica bom. Já para fazer

banho é o seguinte: pegue um coco verde, coloque no sereno 3 sextas-feiras, e tome banho com o coco, esse banho acaba com todas as dores no corpo. Enquanto que para garrafada, pegue folhas de sara tudo, pobre velha, barba de bode, raiz do rabo de cavalo, juntamente com capim santo, depois ferva e coa-se no pano limpo e coloque uma cápsula de tetraciclina, em seguida coloque no litro de garrafa peti de 2 litros, isso cura dor de urina, inflamação e vai se curando tudo que estiver inflamado dentro do seu corpo (PENAFORTE; PENAFORTE, 2019, p. 68).

Os medicamentos feitos ao longo dos anos sofrem novas roupagens, para que o processo de cura ocorra de maneira mais rápida, podemos dizer que são as novas ressignificações do processo de cura, em que as rezadeiras aliaram a medicina tradicional, com a medicina oficial, e as pessoas só têm a ganhar com isso.

No bojo da medicina popular, as maneiras estratégicas do saber, que são criados e recriados pela cultura popular, conhecimento sobre plantas, banhos, receitas, chás, simpatias, massagens, escalda-pés, suadouros, garrafadas, medicamentos caseiros, e industrializados, são parte do imaginário terapêutico das rezadeiras. Esse conjunto de conhecimento não existe sistematizado na cultura popular, ele é difuso e permanece em constante redefinição (OLIVEIRA, 1983, p. 41).

Porém, não é somente, por razão da deficiência de nosso sistema de saúde, que as pessoas de classe mais desfavorecidas procuram as rezadeiras, uma vez que estas pessoas são desprovidas de plano de saúde, mas ainda, por acreditarem serem curadas de enfermidades, que os médicos, são incapazes de curar, “a busca de rezadores tornou-se uma alternativa não só pela precariedade do serviço de saúde local, mas também pelo acreditar que existem doenças que a medicina biomédica não consegue tratar” (LIMA, 2010, p. 8).

Não pretendo afirmar que a prática da reza aconteça apenas por conta da deficiência do atendimento médico, visto que, ainda se isso acontecesse de maneira excelente e eficaz, o rezador continuaria a fazer parte do ambiente sociocultural, no nosso cenário amazônico, continuando a existir como um dos meios de tratamento das doenças (IDEM, 2012, p. 66).

Entretanto, nos locais em que a logística é de difícil acesso para se chegarem os serviços de saúde, principalmente o da saúde indígena, que é o caso dos indígenas aldeados, no contexto do Alto Rio Solimões, moradores de aldeias, residindo nas calhas dos rios, as plantas medicinais são de primordiais serventias, “o conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos” (HOEFFEL et al, 2011, p. 4).

Essas plantas não servem somente para benefícios terapêuticos, mas também para ser consumidas, como fontes de alimentação e relaxante muscular, após um intenso e árduo dia de trabalho na roça, caça ou pesca.

As plantas medicinais sempre foram de suma importância na cultura, medicina e na alimentação das sociedades no mundo, as populações, por intermédio de seus curadores e do uso autônomo, adquiriram experiências e vasto conhecimento a seu respeito (ANTONIO; TESSER; MORRETI-PIRES, 2013, p. 616).

Não somente elas têm a serventia de curar doenças, como também fornecem tábuas para construção de casas, papéis para impressão de documentos, dentre outros. Segundo Kovalski; Obara; Figueiredo “do passado até o presente, as plantas são utilizadas pelas sociedades com inúmeras funções: alimentação, aquecimento, construções e abrigo, vestuário e, em especial, fins medicinais” (2010, p. 2).

Ao falarmos sobre plantas, e sobre o caráter curativo que elas possuem, para a inflamação no útero, Darcy também indica que se compre remédios industrializados, pois é necessário, tanto tomar os remédios quanto tomar chás de plantas com propriedades curativas, conforme indica abaixo,

Para os ovários¹⁴ tem que ter óleo elétrico e saúde da mulher¹⁵, tem que ser sete vezes. Tinha uma mulher que curei, que disse que tava com dor nas cadeiras, nas costas, na cabeça que, eu não aguento, uma dor que anda no meu corpo todinho, chega lá e apanha sete folha de pobre velho, doze folha de sara tudo, e cozinha, coloca sete folhas de cidreira, sete de mucuracaá, quando ferver todinha, coa no pano e quando esfriar, tu toma, ela ainda disse que estava três meses sem menstruar, eu disse quando ia dar duas horas, ela iria menstruar, ela já tinha vindo do hospital, de manhã cedo eu estou lá. Conforme a senhora disse, estava a minha menstruação, toda qualhada, ela já estava boa, depois ela tomou saúde da mulher (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Na benzeção despontam situações em que os chás, as garrafadas, as massagens e os banhos, começam a serem recriados; outras soluções, “mais rápidas”, vão sendo introduzidas e tornam-se parte do espectro de opções das ferramentas de trabalho manipuladas pelas benzedeadas. E o fenômeno da urbanização das práticas de benzeção, ou seja, uma nova reinvenção da cultura popular (OLIVEIRA, 1983, p. 435-436).

Sobre os ramos utilizados, Darcy comenta que (80 anos, entrevista, 2020) “*pode se rezar com vassourinha (Scoparia dulcis), folha de pião roxo (Jathophas gossipiifolia), com*

¹⁴ Ovários: É o útero da mulher.

¹⁵ Saúde da mulher: Remédio industrializado.

sara tudo (Byrsonima Malpighiaceae), onde não tiver essas coisas pode tirar o olho de qualquer uma árvore pequena, três olhinhos, tudo foi que Deus deixou, são nossos irmãos". Enquanto que Mazia (46 anos, entrevista, 2020) "*os ramos utilizados são vários, dependendo do tipo da doença, tais como: vassourinha, pião roxo, arruda (Ruta graveolens e Rutahortenses)*".

Os ramos são necessários quando se reza para espanto, vento caído e quebranto. E acrescenta que: "*as espadas servem para benzer em pessoas adultas, (espada é um pano, onde são de várias cores e cada cor é para uma doença específica, por isso se diferenciam), Mazia só disse que a espada branca é para benzer para a saúde*" (Mazia, 46 anos, entrevista, 2020). Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) diz que utiliza "*vassourinha, pião roxo, se não tiver tem a arruda né, e se não tiver nenhuma dessas, tem o álcool preparado, que eu preparo e rezo com álcool, passo na mão e no paciente*".

Vou me limitar, abordando sobre dois objetos que simbolicamente servem como transferência da doença de um lugar para o outro. Refiro-me a duas folhas de plantas, o pinhão roxo e a vassourinha, e também ao pedaço de pano de orações, esses objetos têm a finalidade de, durante a performance do rezador, fazer com que a doença, que está localizada no corpo do paciente, transfira-se para eles e posteriormente, sejam jogados fora, simbolizando o processo de desapropriação do corpo e do espírito por parte da doença que os dilacera (LIMA, 2012, p. 73).

Na prática ritualística o ramo também serve para *sugar*, retirar do solicitante a enfermidade. Uma prova dessa função é o fato das rezadeiras, ao final do ritual, conferirem o aspecto do ramo. Se o mesmo estiver ainda com um verde vivo, significa que o solicitante não foi acometido de determinada enfermidade. Se o ramo, ao final do ritual se apresentar murcho, é sinal que o solicitante estava "carregado" (SANTOS, 2018, p. 70).

No cenário atual do município de São Paulo de Olivença, observa-se que são poucas as mulheres que sabem manipular as plantas medicinais, ultimamente o repasse desses conhecimentos, assim como o interesse das pessoas em quererem adquiri-los, são limitados. As rezadeiras ainda dão continuidade, na propagação desse saber, e a maneira como elas aprenderam, a manipular, a escolher de maneira seletiva as melhores, folhas e raízes, enfeitam nossos olhares e dão esperança de cura às pessoas.

Depois do trabalho dos xamãs, suas esposas, que eram muito sábias, também utilizavam plantas de cura da floresta, com elas esfregavam e davam banho nos doentes que tinham acabado de escapar de serem devorados por seres maléficos ou por espíritos de

epidemia. Hoje, é um pesar, pois são poucas as mulheres que ainda sabem utilizar essas plantas (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 175).

Falar sobre rezas é trazer a luz, como as plantas utilizadas, são de suma importância, pois são práticas ancestrais, ainda existindo na atualidade, é o passado coexistindo no presente e sofrendo novas roupagens.

Rezar em outras pessoas e conhecer as propriedades das plantas, são práticas ancestrais que se originam pela experiência dos grupos sociais presentes em um meio, em certa cultura, com certas sociabilidades, sendo comunicadas em redes variadas nas relações desse meio. Essa comunicação pode ser a partir da transmissão oral desses saberes de geração a geração, pela observação da prática de tais ofícios, pelo dom divino que “Deus dá” ou o “chamado” para os ofícios (MONTEIRO, 2018, p. 2-3).

As narrativas de nossas interlocutoras, sobre os atributos das plantas medicinais, e como são utilizadas, servem como propagação desses conhecimentos. Para Vinholi Júnior e Vargas (2014, p. 39) “as plantas medicinais são elementares em pesquisas que fundamentem o resgate do conhecimento tradicional em diálogo com o científico, visando à valorização da cultura tradicional e popular da população envolvida”.

2.3 O perfil das pessoas que procuram a rezadeira

As pessoas que procuram as rezadeiras podem ser de diversas camadas sociais, assim como de gêneros diferentes, e de idade diversas, o que as rezadeiras prezam é rezar para diversas doenças, a fé e a crença nas rezadeiras, devem ser vivenciadas, para serem entendidos,

Seu Vicente atendia muitas pessoas e como nossas outras interlocutoras não determinava uma idade limite para realizar sua reza. Quanto aos problemas que por ele eram tratados podemos relacionar com os seguintes: mãe do corpo, engasgo, quebranto, mal olhado, susto, espinhela caída, vento caído, vermelha. Segundo ele, era procurado por diversas pessoas entre elas “políticos, juizes, promotores, médico, padres, pessoas ricas e pobres, pessoas de todo tipo” (LIMA, 2012, p. 65).

Abaixo está o quadro, contendo o perfil das pessoas que procuram as rezadeiras, seus nomes e idades, profissão, escolaridade, religião, naturalidade e quanto tempo residem no município de São Paulo de Olivença, e também, quais são os casos, que buscam a cura por meio da rezadeira e os medicamentos que utilizam. Os dados dessas pessoas foram utilizados na pesquisa.

Quadro 2: Perfil das pessoas que procuram pelas rezadeiras

NOME E IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	NATURALIDADE E TEMPO QUE RESIDEM NA CIDADE	EM QUE CASOS BUSCA A CURA/ MEDICAMENTOS QUE UTILIZA
Leonila Teixeira Penaforth 47 anos	Pescadora	Ensino médio completo	Católica	Tonantins 40 anos	Doença e conversar. Utiliza Remédios, banhos e garrafadas.
Luíz 76 anos	Aposentado	4ª série do ensino fundamental	Católico	São Sebastião, município de Amaturá. 50 anos	Doença. Utilizas reza, banho e garrafada.
Isabel 70 anos	Aposentada	3ª série do ensino fundamental.	Católica	São Paulo de Olivença. 70 anos	Doença. Utilizas somente reza.

Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

Diversos são os motivos que fazem as pessoas procurarem as rezadeiras, desde doenças de menor importância, quanto doenças complexas em que a medicina oficial não foi capaz de tratar, a confiabilidade tida nas rezadeiras e suas curas é que torna o ser humano ao mesmo tempo terreno, como também divino, isto é, o homem transcendental, capaz de atuar no mundo terreno e no espiritual, simultaneamente, as rezadeiras estão sempre dispostas a ajudar no momento que são solicitadas.

Cabe ao doente, a alguém de sua família ou a um membro da comunidade encaminhar, segundo o exposto anteriormente, aquele ou aquela pessoa ao rezador com competência para tratar de seu problema. Surge aí, outro tema importante que é a questão das especialidades que cada rezador carrega consigo e isso é determinante para que um ou outro seja indicado para proceder com a reza (LIMA, 2012, p. 63).

Entretanto, optamos por somente transcrever as narrativas de Leonila, uma vez que mesmo esta, sendo filha de rezadeira e pai rezador, a mesma afirma que encontrou a cura, nas “mãos” da rezadeira Mazia, seus relatos coletados na pesquisa de campo, foram posto em diálogos com os teóricos que debatem sobre a temática, tecendo pontos convergentes, isto é,

situações que comungam com o que algum teórico descreve e situações divergentes, ou seja, contrastes com o que algum autor aborda, mas, isso é o que deixa a pesquisa mais atrativa e empolgante.

Segundo Leonila “*meus pais rezam, meu pai e minha mãe, nunca fechou a porta para ninguém, reza para peito aberto¹⁶, rendidura e outras doenças, já estamos nessa crença de doença, de reza*” (47 anos, entrevista, 2020). Uma das rezadeiras entrevistadas disse “já benzi os filhos da D. Olívia. Também já benzi ela” (OLIVEIRA, 1983, p. 453). Isso demonstra que no universo das rezas, quando uma pessoa não é curada numa rezadeira, ela pode solicitar outra.

A entrevistada aponta a importância das rezadeiras, sendo uma espécie de amparo, capaz de operar a cura, ao dizer que,

A importância, é quando agente, vai como uma fé até a rezadeira e que ela reza, agente ver que naquela fé, que ela rezou, agente consegue ficar melhor, aquilo que você tinha, você foi curado, com aquela fé, se você não ter fé, você não vai lá, então a rezadeira, é ter fé, e você sentir eu tô boa, eu tô melhor, então, para mim é igual milagre, e uma esperança de vida (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

Para os grupos de pacientes que recorrem à cura através dos curandeiros e rezadeiras, a saúde é vista como um estado humano que depende da natureza como, por exemplo, a energia do ramo verde que tira a dor ou doença do corpo no momento da reza, ou da erva que serve de medicamento. Para esses grupos, a cura depende tanto das relações sociais e da relação de confiança estabelecida entre curador e paciente, quanto da fé em forças sobrenaturais e a crença de que o curador é um agente interlocutor com o mundo sagrado (ALEXANDRE, 2006, p. 40).

A interlocutora discorre sobre a cura, que mesmo procurando a medicina oficial não foi curada, ao passo que relata também, quem a mandou procurar uma rezadeira,

Quando não me senti curada do meu pulmão, o doutor disse que praticamente, não tinha mais cura, e eu ia gastar dinheiro atoa, e que eu procurasse uma curandeira, foi isso que o doutor do Afonso Cardoso falou pra mim, então, quando eu tomei os remédios da banca, que eu me senti que fiquei bem, que não tossia mais, só foi lá que eu fui (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

¹⁶ Peito aberto: quando alguma pessoa, carrega pesos, ou causa entorses em suas costas, os sintomas são fortes dores no peito e na costa.

A partir do momento que, o médico a mandou procurar uma curandeira, podemos fazer a breve conclusão de que o médico é sabedor das competências das rezadeiras, e que por isso indicou uma rezadeira para nossa interlocutora. Essa legitimação ocorre porque as rezadeiras são reconhecidas e valorizadas pela comunidade como uma espécie de “cientistas populares” que harmonizam a mística da religião e os truques da magia com os conhecimentos da cura popular (ALEXANDRE, 2006, p. 16).

A entrevistada Leonila dá detalhes de algo que aconteceu com ela, depois que começou a frequentar o estabelecimento da rezadeira Mazia, vejamos:

Eu passei mais ou menos um mês sem ir lá, aí ela jogou carta para mim, ela disse: meu Deus do céu, não vai deixar de vir esse mês, porque tá dando uma coisa, muito coisa na tua vida, mas eu não acreditava né, em cartas, não deixa de vim esse mês aqui, tá muito ruim para ti, tá trabalhando, tá sozinha, cuidado, não vacila na tua vida, aí foi aquele mês que deu movimento, aí eu não fui lá com ela, mas eu sempre tinha pesadelos, sonhos mais não ia, a Beatriz estava doente do ouvido, eu me internei com ela, aí não fui, deixei de não ir por coisa, eu já estava bem já, quando a gente tá bem, a gente não quer mais saber de médico, não quer saber mais de rezador, eu não fui e aí na noite que fui trabalhar, antes de eu ir trabalhar, na noite que eu tava na casa do papai, eu sentia gente me benzendo, batendo folha em mim, não sei mais o que, eu me via rodeado de gente, meio escuro, uma casa não sei donde é, eu disse: papai eu vou me bora trabalhar, cuidado pra lá, ele disse vai dormir aqui? Eu disse não vou não, vou trabalhar porque tenho mercadoria, chegando lá, fui baldear todo o bar, varrendo com o pinhão roxo, jogando água, assim como o irmão José dizia né, para dar livramento com a água, água mesmo de torneira, jogando e varrendo, lado de fora né, pro lado da rua, cantando o hino que ele coisou né, coração Santo, varrendo e cantando, eu cheguei lá, onde é pra sair que era onde cantavam, faziam o som ao vivo, eu parei lá com a vassoura, o pinhão, botei em cima e o balde, e eu fiquei com uma tristeza no coração, aí eu peguei a água e joguei, joguei a água pra fora, todinho e aí fiquei sentada olhando e fiquei imaginando o sonho que eu tive né, eu acho que era isso, eu tava sonhando como o que ia fazer hoje, meu coração pediu pra mim fazer, e eu fiz, aí tá, aí eu fui comprar mercadoria e abasteci tudo e foi umas 06h:30m, abri o bar e começou a dar gente e deixei a Vera, a moça lá, e fui para casa deixar a janta e voltei e tinha bastante gente, e como a luz é uma luz toda assim, jogo de luz, só que lá tinha muito de menor e de maiores né, aí eu vi, assim parece no sonho e quando foi nove e meia, eu disse: olha eu vou fechar, porque de menores não podem ficar aqui não, eu vou fechar, aí eu fechei, um olhou para o outro e foi embora, voltei fui dormir, mas antes fui limpar as mesas onde tinham bebido e eles foram embora para o ajaratuba¹⁷, quando foi umas onze e meia fui dormir, quando foi umas uma e meia, a moça bateu querendo refrigerante e já foram pulando pra dentro, cabeça amarrada, as meninas me cacetando com a garrafa de cachaça na cabeça, aí era momento de gritaria, tudo do meu sonho, tudo que eu tinha sonhado estava acontecendo, não era na hora que eu fechei, era na hora do

¹⁷ Ajaratuba: É um balneário de São Paulo de Olivença, onde as pessoas tomam banho e também utilizam para o momento de lazer e confraternizações.

assalto, que aconteceu, fiquei deitada, aí um dizia: mata agora, mata ela e eu lembrei dos rituais né, eu lembrei de Deus, eles tavam muito drogados, eram para eles terem me matado, aí eu pedi de Deus, para todas as vezes que eu não tinha ido para a seara mais, você mostrou no meu sonho, me dê o livramento, eu sei que meu Deus vai me livrar (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

Ela acrescenta que quem deu o livramento dela foi à rezadeira Mazia,

Quando passou três dias, eu cheguei lá na banca, ela falou, aquela noite ela me deu o livramento, ela fez um trabalho assombriado, que me permitiu livrar todo sofrimento, agente não sabia,, se era no bar, mas nós sabia que tu tava lutando com uma pessoa, fizemos uma oração todinho e nós tiramos o abrandamento de quem estava do teu lado, te sufocando, te coisando, nós abrandamos o coração e ele foi embora, e foi mesmo, era para eles me matarem mesmo, se eu não tivesse lá, eu tenho certeza que, se eu não tivesse lá com eles todinho, eu não tinha força de lutar sozinha, uma vez eles deram o depoimento lá, que era para matar ela, eles tinham matado mesmo, eles pensavam que tinham me matado, mas não me mataram, só na cabeça deles só, eles caíam por cima de mim com a faca e eu me virava, eles achavam que tinham me matado (LEONILA, 47 anos, entrevista,, 2020).

E ainda relatando sobre o mesmo caso, Leonila discorre que foi Mazia, quem a livrou da prisão, visto que a justiça já tinha acusado ela de culpada, mesmo sendo ela a agredida no assalto. A rezadeira ainda ensinou as orações para se defender perante o tribunal, apreciamos o que ela tem a nos relatar,

*Quando eu fui pro promotor, fui para o delegado, aí eu tinha minhas orações né, **as orações da pedra cristalina**, aí me peguei com ela, o delegado disse que não era assim, que eram de menor, que tinham bebido, e me acusaram, eu tava como vítima e já fui como réu, para mão da juíza, quando fui pra juíza, como o desembargador não assinou a minha coisa, que tinha de menor, bebendo por causa de mim, e eu já ia para o jurídico pagar um processo, aí quando eu cheguei lá na Mazia, ela pediu as forças que já era minha terceira audiência com o desembargador e a justiça e tudo mais, aí ela falou, poxa Leonila tu tem tanta oração contigo, tu pega: **andarei vestida e armada com as armas de São Jorge, vocês são de ferro, eu sou de aço, vocês são demônio e eu embaraço**. Tu tem orações que fecha o teu corpo, têm orações boas, **reza a do São Gabriel**, antes de tu chegar no cartório, tu reza, reza se pega com Deus na proteção, eu vou acender a vela por ti, no dia da minha audiência, aí no dia da audiência, eles não compareceu, parece uma coisa, nenhum apareceu, aí o mandado veio da juíza pra delegacia, foram buscar todos eles, onde estiverem, foram buscar pai e mãe, e o juiz ralhando eles, e o juiz disse: vocês não sabiam que a audiência era agora? Vocês viraram pior bandido que os próprios filhos de menor, é por isso que aconteceu isso, porque vocês não têm responsabilidade de pai, de adolescente, não têm responsabilidade, o juiz começou a ralhar, eu vou fazer tudo pela vítima, não quero saber, vocês são muito irresponsável, e o advogado que era o Frede né, todo de manga*

comprida e tudo mais falando com eles, por que vocês fizeram isso? Vocês não sabiam que eu ia advogar vocês? Que vergonha né, mas era tudo porque eu já tava preparada né, minhas orações, meu advogado era Deus, só eu sozinha, era difícil, para isso eu fazer a minha defesa, eu tive que procurar, eu e Deus e as orações e tudo mais, então aí quando o juiz foi, mandou sair, mas a senhora, a senhora é uma vítima, hoje a senhora é uma vítima, você é uma refém de tudo isso que está acontecendo, a senhora pode sair, a senhora está liberada, espere lá fora, aí foi botando o acordado para pagarem as bebidas, tudo que fizeram comigo, os acordos foi feito entre ele e os pais dos menores, e eu fiquei lá, e ia saindo cada pai, olhando pra mim com raiva, como se eu pedisse para mim assaltar, então é assim, a gente tem que pedir para Deus, ter fé né, em orações, fé quando você frequenta numa banca, você frequenta com orações e com Deus primeiramente, você consegue na bênção de Deus (LEONILA, entrevista, 2020, grifo nosso).

Desse modo, é comum encontrarmos nas casas das rezadeiras pessoas pedindo conselhos para os mais diversos assuntos: mulheres em busca da interpretação de um sonho, ou discutindo problemas conjugais, ou ainda adolescentes pedindo ajuda perante as decisões na vida afetiva, ou diante da primeira gravidez. É comum vermos pessoas aflitas diante de problemas que envolvem o alcoolismo, o desemprego, a busca de resposta para achar objetos perdidos ou roubados, a busca de rezas para ajudar na soltura de um parente preso [...] (ALEXANDRE, 2006, p. 101).

A interlocutora ainda acrescenta que não pede só para ela, mas também pela intercessão de sua família, como no caso que relata sobre o seu irmão,

Eu não peço só para mim, peço para minha família toda, não desampare os pais, os filhos, que a família sempre seja unida, sempre o pai e mãe, os filhos se amem cada vez mais, quando a mãe tá com problema, eu mesmo peço proteção, compro uma vela, mando acender. O Jorge estava disputando uma CTL¹⁸ que até eu mesmo, achava que ele nunca ia conseguir, porque são oito dentro da CTL, onde eles podem serem o coordenador da CTL e não podem serem um contratado para assumir a CTL, só é àquelas pessoas que estão dentro da CTL, a muito tempo, apontados pela FUNAI¹⁹, quando eu vi a situação do meu irmão, até eu achei que ele não ia alcançar, mas, para vitória, nós temos que ter fé, foi quando o Jorge entrou e que ele ia, que ele ia mesmo e os Tikuna se revoltaram contra ele, os parentes Tikuna, que não aceitavam ele e fechavam as portas, e tiraram a chave da CTL, aí eu fui lá, que eu faço parte da nossa banca, que eu sou banqueira lá né, então, cheguei para ela e falei o meu irmão tá com problema, ele quer assumir a CTL, os parentes Tikuna não deixam e tá uma confusão do meu irmão, tem um povo do índio da mata, tu compra uma vela verde e faz o nome dele todinho e traz pra cá e vamos ver o que vai acontecer com ele, aí eu comprei a vela verde e ele assinou o nome dele completo e deixou debaixo de São Jorge e acendeu no povo da mata, e quando passou dois dias eu fui lá, fazer uma chamada para o povo

¹⁸ CTL: Coordenação Técnica Local da FUNAI.

¹⁹ FUNAI: Fundação Nacional do Índio.

da mata, que são da banca né, e quando eu fui lá, ela falou: olha Leonila vai ter uma reunião que eu acho que só os índios, tá meio difícil do teu irmão, muito muito difícil, eu não adivinho, mas eu vi muita coisa, turbulência, muita coisa horrível pra cima do teu irmão, o teu irmão vai conseguir, mas traz uma caixa de vela pra gente bater ponto, até ver o que vai acontecer e eu fui comprar uma caixa de vela e levei, e ela bateu ponto seis horas, bater ponto quer dizer: acender as seis velas nos santos, e quando passou teve uma reunião entre os indígenas, o Jorge teve um voto e o berezinho teve oito, outro teve quatro, outro teve cinco e eu fui lá com ela, chateada lá na banca, o meu irmão não conseguiu, ela disse não é aqui não, ele vai conseguir em Tabatinga, é lá que o chefe da CTL que vai apontar a portaria para ele, esse daqui não é nada, para o nosso povo da banca não é nada, ele vai fazer coisas boas pelas comunidades, ele vai fazer coisas boas, atendimento, eles atende mal na CTL, atende mal os próprios indígenas, atende mal o povo que é pessoa do bem, pessoas corajosos, que sabem falar bem, minha filha daqui a sete dias vai ter em Tabatinga, traz mais vela e eu fui comprei e passou seis dias e fui lá, e parece que já teve a reunião da FUNAI, e teu irmão oh! Teu irmão cem, teu irmão venceu a vitória, eu tive um sonho, os pessoal arrodado nele, outros de costa, daqui um mês estão todos babando no teu irmão, teu irmão vai subir e vai ter coisas melhor para o teu irmão, quando passou três dias o meu irmão chegou de Tabatinga, a reunião que ele foi, já tava uma portaria. E ele tomou um banho que ela mandou para defesa dele (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

Ela não pede intercessão somente para si, mas para todos, ao passo que comunga com que explicita Lewitzki (2019, p. 146) ao dizer que “de igual maneira, o público das benzedeadas também é predominantemente formado por mulheres que buscam a cura para seus filhos, maridos, familiares e amigos”.

Os rituais da benzeção produzidos pelas benzedeadas mediúnicas são mais complexos do que aqueles realizados pelas católicas, pela crente e, às vezes, pelo esoterista. Naqueles rituais são invocadas entidades e pessoas desencarnadas, ampliando-se, dessa forma, o universo no qual elas se movimentam (OLIVEIRA, 1983, p. 431).

Conforme Leonila (47 anos, entrevista, 2020) a sua cura foi feita por “remédios, banhos e garrafadas”. E os motivos dela procurar as rezadeiras, mesmo existindo postos de saúde e hospital, ela esclarece abaixo,

Porque já tinha ido muito em posto de saúde, já tinha andado muito em hospital, vendi um terreno no valor de dez mil, pra fazer o tratamento do meu pulmão, fiz em Manaus, bati ressonância do tórax e vi o meu pulmão do jeito que tava, todos os dois cavados, conforme um e outro, depois de ter ido em posto e tudo mais, passei por tudo isso, a minha crença só foi procurar outro meio e foi quando achei (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

Geralmente, se procura por uma benzedeadora quando o freguês acredita no seu universo ideológico que o problema que se apresenta pode ser da alçada da benzedeadora. Como uma

frequência menor parece que eles procuram a medicina popular depois de terem esgotado todos os recursos da medicina erudita (OLIVEIRA, 1983, p. 385). É igualmente significativo o fato de que muitos dos usuários da saúde recorrerem aos dois sistemas de cura: o popular e o convencional, para tratar de suas endemias e das de seus familiares, além de se utilizarem cotidianamente de medicamentos caseiros, muitas vezes ensinados pelas rezadeiras (ALEXANDRE, 2006, p. 15-16).

A entrevistada também esclarece as formas de pagamento pela cura obtida, o que se entende, é que por mais que a rezadeira, a qual frequenta, diga que não cobra por tais serviços, existe formas de pagamento em dinheiro, uma vez que os banhos são comprados, porém vai da consciência das pessoas, dado que são sabedoras que os ingredientes dos banhos são comprados, vindouros de outros municípios, vejamos abaixo:

Muita fé, um banho desse é trinta reais, todos os banhos são trinta e menos de trinta reais não pode, os banhos, os remédios serão pagos, mas aí quando ela tinha uma chamada, e a filha dela não ia, eu fui servir de banqueira, como banqueira eu tinha um pouco, eu tinha um bar, eu ajudava com cigarro, com velas, eu levava refrigerante, eu levava porque queria, e fiz uma amizade grande, no começo ela cobrava os banhos, mas as rezas não, só os banhos, os xaropes não, porque eu levava mel, levava tudo de casa, essas coisas, as garrafadas já era de banho e já era pago, e quando passou e a amizade foi crescendo e aí pronto, aí já fiquei como banqueira, mas eu compro um ranchinho, alguma coisa (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

O que a faz acreditar que as rezadeiras podem curar. Leonila (47 anos, entrevista, 2020) explicita que *“pela fé, ter muita fé, se você não ter fé, você não é curada”*. Através de rituais de cura, o rezador tenta influenciar a mente do paciente, aliviando a sua tensão, que é um fator expressivo da doença, e estimulando a sua esperança na revitalização da cura e solução do problema. Dessa forma, os rezadores trabalham não só com o corpo como também com o fator psicológico, as emoções e a religiosidade do paciente. Seu tratamento não se baseia numa relação de poder ou hierarquia, visto que o rezador fala a mesma língua cultural do paciente (ALEXANDRE, 2006, p. 107).

Visto ser indagada sobre se é possível a cura de doenças físicas fora da medicina oficial, Leonila (Entrevista, 2020) diz que *“sim, porque depende da pessoa, botar a ser curada, porque cada pessoa é única, você vai para o médico e não é curada e vai para a rezadeira e é curada. Muita fé, que Deus cura”*.

Tanto a medicina quanto a magia utilizam-se de técnicas de cura, embora estas sejam diferenciadas do ponto de sua legitimidade discursiva. Durante nossas entrevistas, uma

rezadeira explicou qual a diferença de sua técnica de cura para a do médico: “A médica cura com medicamentos e eu curo pelas palavras. O lado da fé e das palavras de Deus. A fé é que cura” (ALEXANDRE, 2006, p. 41). Enquanto a medicina oficial utiliza aparatos técnicos modernos para diagnosticar as doenças, o instrumento das rezadeiras é a fé, a tradição cultural herdada do uso de medicamentos naturais. Nesse sentido, é preciso haver a crença também do paciente para que se efetue a cura (ALEXANDRE, 2006, p. 62).

Leonila elucida que não foi ninguém que a indicou procurar Dona Mazia, entretanto, foi o “acaso”, porém, no universo das rezadeiras nada é por acaso, sempre tem uma explicação, vejamos esse fato,

Eu fui levar uma colega minha que tinha muita dor de cabeça, eu não sabia que ela trabalhava com isso, eu nem conhecia a Mazia, fui levar a France para lá, quando cheguei lá, ela tava incorporada, a Mariana, só que eu não cheguei lá, eu estava longe, lá naquele coqueiro e a banqueirinha mandou eu descer, desce aqui, que a Mariana quer falar contigo, eu pensei que a Mariana, pessoa né, não que ela tivesse assombriada, quando cheguei lá, ela disse: entra minha filha, eu me espantei, eu nunca tinha entrado numa seara, minha mãe reza com vassourinha, agulha e linha, aí ela disse que eu tava com uma doença e que eu ia morrer, se eu não me cuidasse eu ia morrer, porque eu já tinha andado no médico, eu me deparei assim, você desceu, você subiu, você vai respirar muito né, eu me cansava muito, ela contou meus problemas. E ela disse se eu quisesse ficar boa era para mim procurar ela, mas, eu tive vontade, e o meu coração pediu para mim ir, quando eu fui para lá, eu fui para os banhos, sentando no banquinho nuazinha, me deu banho nua, sem nenhuma roupa e tomei já os xarope, quando eu tomei o xarope foi esquentando tudo, fui suando, eu não suava, eu me sentia fria, não tinha ar, não bombava o sangue direto pro coração, eu ficava meio dormente a minha mão, desde aí, eu acreditei. Estou com três anos lá (LEONILA, 47 anos, entrevista, 2020).

A capacidade de comunicação entre os *espíritos desencarnados* sejam de luz ou de trevas, sejam ainda *guias* médicos, médicos ou advogados do espaço e o corpo, receptor, o cavalo ou o aparelho, é o móvel para o fenômeno corporal da possessão (OLIVEIRA, 1983, p. 431). Já nas tradições afro-brasileiras, o curador é um intermediário privilegiado entre o mundo dos homens e o mundo das entidades espirituais, sejam os orixás, caboclos ou pretos velhos. Dessa forma, no candomblé, os orixás Omulu (orixá das varíolas e doenças contagiosas que protege das doenças e das mazelas) e Ossain (orixá das folhas, médico das plantas) tanto curam como podem causar doenças (ALEXANDRE, 2006, p. 90-91).

Nas palavras proferidas pela rezadeira à interlocutora, quando ela discorre que “aí ela disse que eu tava com uma doença e que eu ia morrer, se eu não me cuidasse eu ia morrer”, dito de outra maneira, significa que a rezadeira era capaz de lhe restaurar à saúde, “[...] pelo

fato da pessoa que reza afirmar que é capaz de dar nova ordem ao ambiente espiritual, seu cliente compartilha da mesma crença iniciando assim o processo de tratamento que vai levar a cura daquele tipo de doença” (LIMA, 2012, p. 61).

Muitos são os motivos das pessoas procurarem as rezadeiras. Consoante Leonila (47 anos, entrevista, 2020) esclarece que *“por causa de doença, ou quando eu quero rir, quando eu quero ir para lá espaiar, que ela reza, defuma e a gente se sente mais viva”*. Ribeiro; Sena; Oreste (2018, p. 2), nos indicam que; [...] qual a razão prática que leva um indivíduo a procurar uma rezadeira? As respostas são variadas e podemos listá-las desde a busca pelo alívio de males que atingem o corpo, como o “quebrante e a morfina” – indisposição e mal estar físico – às doenças que atingem o espírito, estas sim, de difícil tratamento na medicina.

Por outro lado, as rezadeiras se caracterizam por possuírem um contato mais humano, mais místico e afetivo com as pessoas que atendem. Além de tratarem, também tocam nas pessoas ao rezarem, tratam as pessoas de maneira carinhosa, ouvem, aconselham os seus pacientes que acreditam entrar em contato com uma providência superior da qual a rezadeira é apenas uma intermediária (ALEXANDRE, 2006, p. 61).

Quando a pessoa opta por ser tratada por uma rezadeira, ela possui a crença que pode ser curada por meio das rezas, as pessoas possuem dentro dessa escolha estar sujeitas a tomarem os banhos repassados, os remédios indicados, modos de preparo específicos e sabem que elas possuem uma riqueza de conhecimentos que adquiriram ao longo de suas vidas, pois, o que fazem é uma repetição de muitas coisas feitas no cotidiano, seus gestos são formas ancestrais, que se repetem, e a gratidão só é uma consequência de seus atos, a concentração da rezadeira é a magia, é neste momento que ela está conectada com o mundo superior e espiritual, tendo a plena concepção que, com aquele procedimento pode curar, ou apenas minimizar a doença sofrida pela pessoa.

Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses (ELIADE, 1992, p. 19).

Desse modo, o capítulo 2 retratou sobre “As rezadeiras como mediadoras da cura e seus beneficiários”, em que tange “os saberes tradicionais e a prática do xamanismo”, pudemos observar a maneira como esse conhecimento é repassado ao longo das gerações,

ensinamentos que até os dias atuais, ainda repercutem tanto na vida de quem os pratica, como na vida de quem recebe os benefícios.

Neste capítulo também foi retratado sobre “rezas e ervas utilizadas na benzeção”, onde inúmeras rezas foram transcritas, sendo estas comumente usadas para curar as pessoas, poder redigi-las demonstra o quanto esse legado ainda permanecerá vivo, mesmo quando as rezadeiras partirem dessa vida, enquanto que ao mencionar sobre a manipulação das ervas, podemos observar como os povos tradicionais, souberam utilizar essas ervas para o bem, fazendo o uso de ramos para benzer as pessoas e também para fazer os remédios receitados por elas, os quais sofreram ressignificações ao longo dos anos, sendo incrementados também, a utilização de remédios industrializados, para que a cura seja mais rápida.

Todo esse conhecimento, assim como a maneira apreendida, nos remete ao entrelaço da vida cotidiana e da conexão que reverbera através da natureza, toda praticidade que envolve essa técnica, é fruto de todo comprometimento dessas mulheres, que incansavelmente não deixam de aprender, para poder ensinar.

Finalizando o capítulo 2, retratamos sobre “o perfil das pessoas que procuram a rezadeira”, buscando não apenas a cura, mas também carinho, afeto, motivações, serem ouvidas, pois os tratamentos médicos, geralmente são vagos e mecanizados, com imediata prescrição de receita, em que o usuário não diz tudo àquilo que está sentindo, enquanto que o tratamento da rezadeira é mais humano e acolhedor, as pessoas creem que as rezadeiras, assim como os médicos oficiais, também podem curar, porém o doente deve ter fé em Deus e na rezadeira, a rezadeira é só uma mediadora, que intercede no mundo espiritual, pelas pessoas que as procuram, rezando e receitando, banhos, remédios e garrafadas.

CAPÍTULO 3 TRAJETÓRIAS NO OFÍCIO DE REZADEIRA

A partir deste momento, abordaremos sobre o universo das rezadeiras, relataremos sobre seus feitos, trajetórias de vida, usos e costumes, conhecimentos tradicionais, como estas foram lapidadas no decurso de suas vidas, tornando-se notórias no meio social, caminhos que exalam solidariedade, saberes expressados no cerne de suas ações.

São relatos inspiradores, para não desistir da vida, por mais que as labutas sejam árduas e os dias não sejam fáceis, praticar esse ofício, vem ser uma trajetória marcada de escolhas, de aquisição de conhecimentos e testemunhos de fatos misteriosos, que são singulares desse ofício.

3.1 Darcy, Mulher de fé e xamã

Vamos navegar no universo xamânico da rezadeira Darcy e abordar sua trajetória de vida, desde quando ela residia no Município de Tonantins, mais precisamente na comunidade do Paraná das Panelas, possuindo 11 filhos, dos quais dez estão vivos e uma morreu, restando oito homens e duas mulheres.

A vida nunca foi fácil, ao mesmo tempo era “professora, pedagoga, médica popular” na escola da vida, ensinando os seus filhos para o para bom viver, numa época em que era inexistente luz elétrica, sendo estes desprovidos de televisão, geladeira e outras regalias, porém, nunca os faltou comida na mesa e a presença de Deus no cotidiano.

A sobrevivência dependia da pesca de seu marido Onofre, um exímio mariscador de pirarucu (*Arapaima giga*), em que vendia o excedente e se consumia uma parte, a casa era coberta de palha caraná (*Copernicia alba*), com assoalho de paxiubinha (*Iriartea vintriosa*) e esteio de bacaba (*Oenocarpus bacaba*).

Foi nesta localidade que ela diz ter adquirido o dom da reza, uma mulher derramada de fé, pois a vida é um milagre, num tempo que o planejamento familiar era desconhecido, somente a fé em Deus, era o que priorizava a criação dos filhos, para serem pessoas que prezassem o bem.

No ano de 1980, ela mudou-se juntamente com sua família para a propriedade Sacambu do Lago Grande, pertencente ao município de São Paulo de Olivença, localidade muito farta de peixes, caças e aves, em virtude disso, sua prole pode prosperar. Mudando-se

definitivamente em 1982, para a área urbana do município de São Paulo de Olivença, residindo no bairro denominado de Santa Terezinha.

Sobreviveu por ter uma roça variegada, repleta de macaxeiras (*Manihot sculenta*), banana (*Musa X paradisiaca*), jerimum (*Cucurbita pepo*) e cará (*Dioscorea spp*), depois que se aposentou, ainda continuou fazendo roça, até seis anos atrás, não deixando que o parco salário da aposentadoria a fizesse abandonar a lavoura e o ofício da reza.

Após dessa breve contextualização, para situar a nossa interlocutora Darcy, iremos relatar sobre a fé, não deixando de mencionar que as duas rezadeiras interlocutoras desta pesquisa são católicas, porém Darcy além de ser da religião Irmandade Cruzada Católica Apostólica Evangélica, é também indígena da etnia Kaixana e é considerada “uma pajé” entre os seus e para as pessoas que a procuram, visto que em São Paulo de Olivença há quatro etnias presentes, que são: Tikuna, Kambeba, Kokama e Kaixana e Darcy já rezou em pelo menos mais de três pessoas de cada etnia.

Embora, ela sendo pertencente a religião da “Irmandade Cruzada”, que possui *ethos* específicos, vestuários, normas a serem seguidas, isto não a impediu de realizar suas rezas, utiliza também do sincretismo, recorrendo a Santos da Igreja Católica, como São Bento, protetor contra serpentes, e demais santos, e também não deixa de preparar banhos, chás, utilizando a floresta como farmácia, o que demonstra todo aprendizado xamânico, colocando como prioridade peculiar, fazer o bem, mesmo sendo considerada pajé pelos seus e para as pessoas das demais etnias, já mostrado no capítulo 1 a diferença de pajé e xamã, cabendo este último para esta rezadeira.

Darcy (80 anos, entrevista, 2020) diz que é devota “da Santa Cruz”, em conversas informais, nos revelou o significado de Cruzada Católica Apostólica Evangélica. Cruzada é pelo motivo das pessoas usarem uma pequena cruz no peito, e venerarem a cruz, Católica, porque faz o uso dos rituais do catolicismo, como benzer-se, rezar o Pai Nosso, Apostólica, pela razão de o irmão José ser o apóstolo dos últimos tempos e Evangélica, por pregar o evangelho.

Com um saber pautado em influências no catolicismo de origem popular, os santos são figuras presentes no cotidiano das rezadeiras e rezadores através de sua representação em símbolos como: rosários, crucifixos, quadros, calendários, estátuas, entre outros. No entanto, é ao santo ou aos santos de devoção que a ação praticada no ato de rezar é oferecida (SANTOS, S. 2018, p. 79).

E para cada tipo de enfermidade se tem um Santo a recorrer e isso melhora a eficácia das rezas, visto que o sagrado tem bastante influência no mundo espiritual.

Deilson Trindade nos explicita sobre isso,

A invocação a santos católicos para a obtenção da cura é outra característica que encontramos na benção, pois também se faz pela intercessão divina. As benzedoras geralmente têm um santo para cada ocorrência, além dos santos de devoção. Assim, em caso de feridas, se reza a São Lázaro; para curar doenças de garganta e engasgos, se pede a São Brás; para febre recorre-se a São Hugo; em casos de quebranto, se invoca São Raimundo; Santa Luzia para os olhos; São Clemente na ocorrência de dor de dente, para conseguir emprego evoca-se São José; e São Bento para as dores de barriga e gases (TRINDADE, 2013, p. 76).

A interlocutora acende velas na “Santa Cruz” todas às dezoito horas da tarde e faz suas rezas, pela intercessão de seus entes queridos, que se encontram no município e nas demais cidades, para agradecer pelas bênçãos adquiridas, curas obtidas e também pelos dias bons e ruins, em seu quarto, pudemos observar a fotografia do irmão José.

O altar é o lugar primeiro para o benzimento, a ocupar a sala, e geralmente existe um oratório no quarto da benzedora onde ela realiza suas orações no início e no final do dia, pedindo às divindades a cura para as pessoas que atendeu naquele período (LEWITZKI, 2019, p. 56).

Figuras como padre Cícero e Frei Damião representam, ainda hoje, para o povo sertanejo, a certeza da cura de enfermidades, da realização de milagres, e quando essa região é acometida por grandes períodos de estiagem são a eles que os devotos, mulheres e homens rezadores, recorrem em suas promessas e clamores, como intercessores ou responsáveis diretos nos processos de tratamento e cura (SANTOS, 2018, p. 39).

Assim como as pessoas recorrem ao padre Cícero e Frei Damião, Darcy recorre ao irmão José Francisco da Cruz, da religião Ordem Cruzada Católica Apostólica Evangélica, ou irmandade da Santa Cruz, já falecido, sendo proveniente da cidade de Minas Gerais, e que veio pelo Peru e se localizou no rio Juí, no ano de 1972, município de Santo Antônio do Içá, o qual plantava cruces pelas comunidades que passava, e nessas cruces, estão inseridas as siglas S.T.A, que significa Salva a Tua Alma, essas siglas estão nos braços da Cruz, enquanto que as siglas R.D.S.M, significam Recordação Da Santa Missão, estando no corpo da cruz, além disso, irmão José curava muitas pessoas e dava conselhos baseados na Bíblia, a interlocutora acompanhava seu marido que era tenente-coronel da ordem (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Num período em que a medicina oficial científica não alcançava aquelas matas, o irmão José fazia curas, o triste cenário de abandono da humilde população rural brasileira sempre foi difícil e não mudou, porém, naquele determinado contexto, o irmão José da Cruz intercedia junto ao Pai Criador.

Conhecida como o maior símbolo do cristianismo, a Cruz é a representação de Jesus Cristo. Seu sinal, repetido sempre no início e no fim de alguns rituais das rezadeiras, pode ser considerado como um símbolo (SANTOS, 2018, p. 66).

Através da vivência e das curas operadas, a rezadeira tornou-se mais hábil a decifrar os motivos das doenças, vejamos conforme ela, o motivo das mulheres adoecerem do útero, o qual já foi mencionado no capítulo 2.

Por que a mulher adoecer? É porque ela não respeita quando tá menstruada, vai passar por cima de onde fizeram fogo, pisa em cima do carvão, você fica com seus ovários fracos, você anda onde tratam boi ou jogam espinha²⁰, você tanto estraga seus ovários como estraga o pescador e o caçador, fica panema, tem que respeitar esses dias (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Ao explicar sobre o motivo das mulheres adoecerem do útero, a rezadeira Darcy vai de encontro ao que o autor Athias (1998, p. 239) discorre, “na realidade, todos são unânimes em afirmar que embora não conheçam a etiologia destas doenças, têm uma explicação mitológica sobre o seu aparecimento”.

A entrevistada fala que os ramos são nossos irmãos e nos fazem bem, o que segundo Alexandre (2006, p. 92) significa que “para os rezadores, a cura que vem da natureza através das ervas é sagrada porque criada por Deus e usada pelos homens, sem questionamento”. Darcy (80 anos, entrevista, 2020) ainda acrescenta que “quando vamos fazer uma roça temos que pedir permissão, dizendo senhor Jesus, dê licença que eu vou fazer uma roça aqui, matar seus filhos, uma vez que as plantas são tidas como filhos de Deus, meus irmãos, dado que para Deus, homens, animais e plantas, são todos irmãos, tem gente que faz, e não se lembra”.

Além do mais, tão antigo quanto à prática da benzedura é o conhecimento sobre o poder dos benefícios que as plantas medicinais possuem. Fatores como os vários tipos de cores, desenhos, e aromas lançados pelas plantas, assim como a inspiração, o instinto, a observação e a experimentação, possivelmente eram mais aguçados naqueles que se tornaram benzedores (JESUS et al, 2016, p. 3). Não somente isso, elas tornaram-se mais solidárias, com um colossal espírito de empatia.

²⁰ Espinha: de peixes.

Trazendo como uma forma de conhecimento inovador para esta pesquisa, tem-se a força da oração, pois não basta apenas rezar a oração, ela terá que ser complementada com um Pai Nosso, um Credo ou uma Ave Maria, sendo isso um fator que dar mais potência para se obter a cura mais repentina. Darcy (80 anos, entrevista, 2020) diz que “*as forças da oração é assim: Pai Nosso*”. E ainda discorre que,

O que faz a fé, o que dar força na oração para curar toda espécie de doença, tu diz assim: se tu tem fé em Deus, eu lhe curo, tá doendo aqui? Tá, então, em nome de Jesus vou curar, mas tenha fé em Deus, porque quando Ele andava na terra, disse para São João, São Paulo, São Pedro, cure toda espécie de doença, mas se o meu nome não estiver em frente, nada será feito. Aí reza o pai nosso (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Enquanto que para Lévi-Strauss (1975, p. 2) não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.

A interlocutora ainda relata o que dar força à oração, com isso ela quer dizer que tem todo um mistério para que a cura seja efetuada, não bastando somente as rezas e sim ser uma pessoa bondosa, a serviço da sociedade, vejamos sua explicação para a força da oração, no exposto abaixo:

Para ter força na tua oração, todas a pessoas, velhos, velhas, novas, tem que dizer: oh minha criança, como tu está, me dá um beijo e beija nele, Deus te cure, Deus te livre de todas as perseguições, e quando chega na tua casa, têm as visitas, bom dia irmã? Entra, entra, entra para cá, nós estamos aqui na cozinha, como passou a noite? Bem graças a Deus, um abraço nele, já tomou café? Tudo isso é força tua oração, o bem. Nunca volta a costa a ninguém, quando Jesus disse para nós, quando eu tive fome e tu não me deste de comer, tava com sede e tu não me deste de beber, tava preso e não foste me ver, doente e tu não me levaste uma partilha, e o homem disse: Senhor, mas quando que tu chegou em casa? Nunca lhe vi em casa! Preste atenção para o Senhor, se tu fizesse a pequeninas crianças, a mim me fez, dá a quem te pede e não voltas a costa aquele que deseja que lhe empreste. E daí um chega lá, não tem farinha para me vender? Tem, bota num litro, tá aqui irmão, quando eu torrar a minha farinha vou trazer, ainda não sabe de nada das forças da tua oração, passou três dias, o filho diz: mamãe a mulher não mandou a farinha que ela disse que ia mandar, ia torrar e mandar? Tirou uma parte da força da tua oração, não tem que discutir com

vizinho, nem falar mal das pessoas, porque tira a força da tua oração, e outra coisa, tem que só tá tu e a pessoa que é para curar, porque se entrar duas ou três pessoas, uma diz: isso aqui é bom, vamos levar para o hospital? Fulano reza, fulano reza, nem se mete e fica na tua, a gente tem fazer as coisas em nome de Jesus, porque a Bíblia diz: dá a quem te pede e não volta a costa aquele que deseja que lhe empreste, se a pessoa trouxer, será bom, e se ela não trouxer, Deus abençoe ela (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

A casa da benzedeira como lugar de cura exprime um ambiente acolhedor em que o benzimento é um dos elementos que convergem para o alívio do enfermo ao encontrar na casa da benzedeira asilo, proteção e abrigo através de orações, diálogos, chimarrões, paieiros e refeições (LEWITZKI, 2019, p. 72).

Em termos científicos, a cura está sempre associada à superação das disfunções do organismo e ao estabelecimento da “normalidade” do mesmo através do tratamento biomédico. Já nas concepções das rezadeiras, o restabelecimento da “ordem” orgânica se dá pela fé que transforma a mente, o corpo e a conduta do paciente (ALEXANDRE, 2006, p. 39).

Ao longo da visita de campo, à casa da rezadeira, observamos a performance ritualística do xamanismo, com a vassourinha ou folhas de pião roxo, ela rezava nas pessoas, fazendo o sinal da cruz, sussurrando e fazendo o sinal da cruz. Consoante Lima (2012, p. 79) “a reza é feita como um diálogo de autoridade da rezadeira diante da doença. Nela a rezadeira luta para que a desordem espiritual da pessoa se desfaça e através de palavras sussurradas conduz a esse reordenamento”.

O mais comum no ofício de todas as modalidades religiosas de benzedeiros é a inclusão de gestos, geralmente feitos com as mãos, mãos em cruz, álcool em cruz, o Credo em cruz, as cinzas em cruz e o sol em cruz e a prática de aconselhamentos. A combinação de gestos com aconselhamentos, de elementos da natureza como a água, o sal, a planta juntamente com as orações ou jaculatórias resultam em manipulações particulares. Cada qual possui um estilo próprio, uma linha de apresentação de uma espécie de substrato teórico do seu ofício. Mesmo a apresentação corporal do seu ofício pode ser particularizada (OLIVEIRA, 1983, p. 414).

Ela também jogava os ramos para o poente do sol, para que a doença vá embora, queimando no sol ardente, levando toda a enfermidade para a escuridão vindoura da noite, são mistérios a serem decifrados.

Para se praticar a reza, não importa o lugar, apenas se deve rezar, a pessoa tem que praticar isso, seja em qualquer lugar, a interlocutora aborda que,

Eu rezei desde o paraná das panelas e em Tonantins. A pessoa tem que rezar onde estiver, reza dentro d’água, reza na mata, reza na cama, reza na sua casa, não só na igreja não, quando for seis horas da tarde e seis horas da manhã, tem que agradecer, obrigado meu Deus por me acompanhar na minha noite (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Seja na cidade, onde sua prática passa por transformaes relacionadas à adaptação, seja na zona rural, onde as mesmas estão em contato direto com a natureza, seu ofício representa uma dimensão pautada na sua autonomia no que se refere às relações estruturadas pela religião. Apesar de a maioria ter confessado o catolicismo como religião, suas práticas foram interpretadas durante muito tempo como mágicas diante de todo o universo simbólico que as rodeia (SANTOS, 2018, p. 98).

A crença nos antigos pajés, xamãs, pessoas que detinham de todo conhecimento da natureza, que interagiam com o mundo espiritual e sabiam decifrar todo o tipo de doenças e curar imediatamente, povoa no imaginário dos ribeirinhos e das pessoas que ainda creem nas tradições culturais dos povos indígenas da Amazônia, e essa crença ainda resiste nos dias contemporâneos, ela se reaviva quando as pessoas acreditam que procurando as rezadeiras, elas podem ser curadas.

A crença na benzedeira se assemelha em muitos aspectos a crença nos antigos pajés, pois os povos tradicionais da Amazônia herdaram hábitos e modos de interagir a partir da visão do ndio que conseguiu manter parte de seus costumes na sociedade amaznica que ele ajudou a produzir (TRINDADE, 2013, p. 102).

Uma vez que estas pessoas têm o conhecimento mais aguçado sobre a natureza e sabem como ninguém selecionar as plantas que têm o caráter curativo, que surtem maior efeito sobre determinada doença, elas detm de um olhar, ouvido e cheiro mais apurado do que as pessoas normais e ainda por cima, têm espíritos que lhes orientam a fazer determinado banho com a quantia correta de folhas, paus e rizes e em horários específicos para se ter maior resultado e benefício sobre o doente. Conforme Alexandre “nas tradições indígenas, por exemplo, o xamã detm o poder de controlar a natureza através da magia e do conhecimento das ervas e suas funções curativas. O xamã exerce um papel terapêutico através do mundo sagrado” (2006, p. 90-91). A autora Lewitzki (2019, p. 23-24) complementa a fala acima, ao discorrer que “primeiro, porque as benzedeiras detm conhecimentos específicos sobre a

natureza e o sagrado, os quais passam por processos próprios de produção, aprendizagem, transmissão e circulação que não estou diretamente inserida”.

Uma temática sensível para as mulheres rezadeiras do município de São Paulo de Olivença, é serem denominadas de “macumbeira”, pois nas suas concepções, essa conotação no contexto local, soa como pessoas maléficas, em contraposição do que elas dizem praticar. Darcy abordou que “nunca foi chamada de macumbeira”, porém já viu um caso e relata sobre ele,

Quando eu estava na casa de uma pessoa, aí chegou uma pessoa, com três crianças, dizendo seu Antônio eu vim para você rezar aqui nas minhas crianças, que essa daqui não me deixou dormir ontem de noite, então cadê a vassourinha? Amanhã tu vai lá na casa onde moro, e o dono da casa disse: tu não entra mais na minha casa não Antônio, quem usa de mentira é bandido, criminoso, onde você já viu, tá enganando o povo, mentiroso, com essas folhas que tu botou na mão, isso é crime, tu não sabe o quanto tu tá pecando contra Jesus, vai embora, e o seu Antônio foi para a casa dele, eu disse: Raimundo, mais tu tem coragem de expulsar o Antônio daqui? Por causa de uma verdade? Não depois que eu me consagrei em evangélico, não acredito em imagem, de pau, de madeira, de barro, de terra e nem nesse negócio de estar rezando, tem que ter fé em Deus, eu disse: então, procura lá em São João Capítulo 8, versículo 12 e veja o que Jesus falou? Você pode ler a carta todinha, amanhã eu volto aqui para ver se vocês já olharam, no outro dia, cadê, já olhou a Bíblia? Já, bateu no meu ombro e a dona Conceição foi e disse, Dona Darcy muito obrigado, nós tava andando no caminho errado, vocês viram que Jesus disse? Vimos, para quem tem fé na cruz, é poder de Deus, para quem não tem fé na cruz, é loucura, tá no caminho perdido, porque Jesus foi batizado com as vassourinhas, que tu disse que era esse ramo, que o seu Antônio estava enganando e São João tirou e batizou Jesus, e Jesus tirou e batizou João, não foi verdade? Foi, e deixou na Bíblia quem crê na Cruz é poder de Deus e quem não crê é loucura (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

Ao passar dos anos, as rezadeiras foram alvos fáceis das igrejas, suas práticas tidas como enganadoras e sem fundamento, fez com que muitas rezadeiras deixassem suas práticas, outras se convertessem às religiões, “ao longo desse processo de reconfiguração religiosa do país, as benzedadeiras se tornaram um alvo fácil para muitas correntes religiosas, notadamente as pentecostais” (SIMÕES, 2014, p. 74).

O ofício da reza é uma tarefa única, que é ter o ser humano no seu estado mais natural de humanidade, sendo que esse estado é ser bom, ter empatia por seu semelhante, é dedicação exclusiva ao que faz, é ter prazer naquilo que exerce, é ter um tempo disponível para cada pessoa que procura pela reza, é estar fazendo café ou almoço e mesmo assim deixar o que estar fazendo para rezar na pessoa que necessita de seus cuidados e sempre com muito afeto e sorriso nos lábios, este ofício se resume em servir ao próximo, a melhora do paciente a cada

reza, já é algo que paga por essa prestação de serviço, já que o dom foi dado de graça por Deus e de graça deve-se fazer.

Conforme Darcy “*eu nunca cobrei e nem ei de cobrar, porque é um dom que Deus me deu, e que ainda me lembro quando curei meu filho*” (80 anos, entrevista, 2020) acrescentando que

Rezando em criança, adulto, em tudo que aparecer, bateu aqui qualquer hora do dia, qualquer hora da noite, eu rezo em nome de Jesus, quanto mais sacrifício que tu faz, melhor será, o irmão José dizia: não vai querer ser grande, senão você vai ficar pequeno, não vai querer trepar em árvore alta, se tu cair de lá, tu morre (DARCY, 80 anos, entrevista, 2020).

A partir das palavras da nossa interlocutora, é perceptível como a sua crença nos ensinamentos do irmão José, ainda reverberam nos dias atuais e servem para nortear a sua vida.

Justifica-se uma crença religiosa particular, ao mostrar seu lugar na concepção religiosa total, justificando-a como um todo, fazendo-se referência à autoridade. Aceitamos a autoridade, porque a descobrimos em algum ponto do mundo, no qual nós cultuamos, e aceitamos o domínio de algo que não somos nós. Não cultuamos a autoridade, mas aceitamos a autoridade como definindo o culto. Dessa maneira, alguém pode descobrir a possibilidade de cultuar na vida das Igrejas Reformistas e aceitar a Bíblia como fonte de autoridade, ou a Igreja Romana e aceitar a autoridade papal (GEERTZ, 2008, p. 82-83).

Quando a interlocutora fala “*não vai querer ser grande, senão você vai ficar pequeno, não vai querer trepar em árvore alta, se tu cair de lá, tu morre*”, ela está se referindo a pessoa querer ser orgulhosa, tratar as demais pessoas com indiferença, ter opções de escolha por quem se atender, como por exemplo: ter preferência por pessoas ricas e menosprezar os de baixa renda, dito de outra forma, a pessoa deve ser humilde e acessível a todas as pessoas, servir sem distinção de classe social, cor, credo, crença, faixa etária e gênero.

Não somente as mulheres que procuram as rezadeiras, mas também homens anseiam pelos seus cuidados, o que mostra o quanto estas mulheres são respeitadas e como trazem benefícios de cura para a sociedade (TRINDADE, 2013, p. 105).

De acordo com Darcy “*pretendo rezar até quando puder, parei por causa da pandemia, menos que chegava era dez por dia, criança, batido, desmentido*” (80 anos, entrevista, 2020). Conforme o que a interlocutora expõe, pode se interpretar que ser rezadeira é praticar o bem.

A partir das narrativas oferecidas por nossa interlocutora, notamos que a vida religiosa que ela assumiu, fez com que a partir de sua revelação individual, suas práticas repercutissem a nível coletivo, em que suas energias e toda potencialidade, fossem voltadas para a reza, com ritualísticas xamânicas peculiares e crenças simbólicas, em objetos como a cruz e no irmão José.

Relatar que tal insumo com que foram construídos os seres diversos que as religiões de todos os tempos, consagraram e adoraram, os espíritos, os demônios, os gênios e os deuses de todo porte, não são senão as formas concretas que essa energia, essa potencialidade, como diz Howitt, assumiu ao individualizar-se, ao fixar-se num objeto determinado ou em certo ponto do espaço, ao concentrar-se em volta de um ser ideal e legendário, porém concebido como real pela imaginação popular (DURKHEIM, 2000, p. 202).

A visão de mundo em aspecto cultural, fez com que a rezadeira Darcy recebesse predicativos de ser uma pessoa de fé e uma mulher xamã, cuja toda força intelectual e o conhecimento dos povos da floresta, ecoem no âmago de sua cognição, baseado nas suas curas, em que indígenas das etnias Tikuna, Kambeba, Kokama e Kaixana, que já passaram por seus cuidados, assim como também os não indígenas, comprovassem o que é o amor e a doação, no seu sentido mais complexo.

Assim, a crença religiosa e o ritual se confrontam e se confirmam mutuamente, o ethos torna-se intelectualmente razoável, porque é levado a representar um tipo de vida, tácito no estado de coisas real, que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo, torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida, torna-se uma expressão autêntica (GEERTZ, 2008, p. 95).

Aprender interagir com a natureza, adquirir sapiência sobre as fases da lua, navegar no cosmo das pessoas e sanar seus males, saber os ingredientes necessários para ter uma boa garrafada e prosperar na criação de seus filhos, faz de nossa interlocutora, especialista na arte de rezar.

3.2 Mazia, vida e trabalho na benzeção

Redigir sobre a rezadeira Mazia, é falar sobre uma mulher forte, determinada, que criou os seus filhos e venceu o mundo. Em uma conversa informal que tivemos, ela disse que um dia quis parar de benzer, jogou todos os santos da banca fora, viveu uma vida de amargura, morando numa casa, desprovida de fogão, geladeira, mobílias, dentre outras coisas.

Segundo a mesma, só não permaneceu nessa vida, por razão de seus santos e caboclos, não quererem isso para ela, e também não passou mais necessidades, porque houve pessoas que tiveram reconhecimento pelas curas obtidas, que davam almoço, janta e água, foram meses que ela viveu dessa maneira e quando refletiu na realidade de suas ações, voltou a ter novamente, sua vida e trabalho na benzeção.

A interlocutora ama cultivar hortaliças, em seu canteiro, ela cultiva cebolinha (*Allium schoenoprasum*), pimentão (*Capsicum annuum Group*), cheiro verde (*Petroselinum crispum*) e pimenta (*Capsicum spp*). Conforme Lewitzki (2019, p. 65) “[...] as moradas das benzedadeiras são lugares de cultivo e criação, em que se exhibe coleções de plantas medicinais, espécies alimentícias e florais, onde *tudo é remédio e serve pra alguma coisa*”.

Ela sobrevive do cultivo da roça, plantando mandioca e macaxeira, que fornece a goma, a farinha, quando a rezadeira não está em sua casa, ou trabalhando, ela está na lavoura da roça, a qual caminha mais de 10 km, para chegar nesse local esbelto, cheio de verdes matas, recheado de pássaros e de demais seres da floresta, ainda exercendo o papel de mãe, dedicando-se à reza.

A emergência do dom de cura na idade adulta se conflita com o período produtivo e reprodutivo das mulheres, surgindo às dificuldades de conciliar os cuidados dos filhos pequenos, afazeres domésticos, e também tem o serviço na roça, além do atendimento das pessoas que precisam do benzimento (LEWITZKI, 2019, p. 67).

Acima conhecemos brevemente a vida de nossa entrevistada, sendo de grande importância a reza na vida dessa praticante, pois a conecta com o mundo superior, onde tudo é possível. Mazia (46 anos, entrevista, 2020) assinala que “*a reza é tudo na minha vida, foi Deus que me deu*”.

Quando ela retrata que a reza é tudo, podemos perceber tamanha devoção de uma pessoa que vive num aspecto benevolente, uma pessoa singular, muito embora essa singularidade seja tão complexa e ao mesmo tempo bem quista pelas demais pessoas.

Um motivo capaz de explicar tamanha doação de si mesmo está no fato de que todos os rezadores acreditam serem pessoas possuidoras de “dons” sobrenaturais e usam a reza, ou as “palavras doutrinárias”, como instrumentos simbólicos mediadores entre o mundo sagrado e a pessoa doente. “Agora eu não tenho esse dom porque me deram não, quem me deu foi Jesus” (ALEXANDRE, 2006, p. 47).

O lugar em que a magia acontece é em sua residência, especificamente num quarto onde faz as suas rezas, acende suas velas, fica seu altar com a imagem de Yemanjá, de

caboclos da mata, pretos velhos, sendo composto também de acessórios como cuia, perfumes variados para serem misturados com banhos, e um banner com sua imagem, vestida e incorporada na entidade “Mariana”.

É neste local que as pessoas recebem o diagnóstico de suas doenças, são rezadas e indicadas de como devem proceder com os banhos e garrafadas adquiridas, também é um local de elo com o sagrado, sendo mais do que isso, é um recinto, cujas pessoas vão com fé de serem curadas, podemos dizer que muitas são as pessoas que já passaram por seus cuidados, quantas lamúrias esses ouvidos já escutaram, e por mais que o local seja pequeno, ele é coberto de muito encorajamento e resiliência, para que as pessoas não desistam de seus objetivos, terem fé de que tudo é possível.

O fluxo de pessoas que transitam nesse lugar é desde pessoas que tem seus filhos doentes, indivíduos querendo reatar o namoro com o(a) ex, ou permanecer no emprego. Seus banhos servem tanto para a reorganização da vida, ter atitudes sensatas e livrarem de olhos invejosos, suas “mãos” levantam os caídos, o local entre o altar e a morada de espíritos, deve ser mantido de maneira na qual as pessoas vejam o quanto essa rezadeira preza pelos doentes e o quanto sua vida é dedicada ao ofício da reza.

Também é um local de troca de sorrisos, de conversas informais, de pessoas de diferentes estratos sociais, de pessoas que apresentam diferentes doenças, umas complexas e outras com tratamentos menos complexos, também é onde ocorre a festa da seara, com bolos e refrigerantes e também regadas de cerveja, aparecendo todo seu público, e também pessoas que não frequentam a seara.

Ao continuar a visita pela residência da rezadeira, observamos que os altares são o espaço ritual principal, e a partir de sua conciliação se percebe que estes não são restritos às rezadeiras. No entanto, apresentam a materialização de relações entre pessoas, rezadeiras e atendidos, e pessoas e o sobrenatural, que vem serem as rezadeiras, atendidos e os santos, por meio de benzimentos, promessas e pedidos (LEWITZKI, 2019, p. 74).

Na figura 08, ilustramos o local sagrado da rezadeira, sendo uma iconografia, traduzindo através da imagem o quanto isso tem representatividade na vida das pessoas e concomitante na vida da rezadeira, isso representa sua identidade, seu ofício, algo que já vem sendo lapidado por muito tempo, um templo sagrado, um elo com seres encantados e espirituais, um local que transborda fé, tanto da parte da rezadeira, quanto por parte de seus clientes.



Figura 08: Local em que Mazia opera suas curas.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

A vida da rezadeira adaptou-se às de seus santos e caboclos. Tivemos a oportunidade de participar do aniversário da seara de Mazia, havia momentos em que era a mulher Mazia, em outro momento já era a entidade Mariana que incorporava em nossa interlocutora, quando ela estava assombreada ou incorporada, seus olhos viravam para cima, seus lábios ficavam dobrados e a entonação do timbre de voz era mais grosso.

Uma vida e trabalho na prática da reza, faz com que a pessoa, cada vez mais se solidarize com as demais pessoas, suas práticas de vida, resume-se em doar-se para os demais indivíduos, sua visão de mundo vai de encontro em fazer o bem, acreditando que essa é a sua missão aqui na terra.

Geertz (2008, p. 68) explana que na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo se torna intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual, que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo se torna emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeira, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Mazia (46 anos, entrevista, 2020) aborda sobre o santo que é devota, dizendo que “*sou devota de São Francisco*”, não é somente aos Santos do Cristianismo que essa rezadeira recorrem, mas também das orações que circundam o ambiente católico, segundo Mazia (46 anos, entrevista, 2020) fala que “*a minha oração mais forte é o Pai Nosso*”.

Embora sendo umbandista, a interlocutora também diz que é devota de São Francisco, e sua oração mais forte é o Pai Nosso, sendo o santo e oração pertencente a Igreja Católica, isso demonstra o sincretismo de religiões, agindo sem nenhum pudor, sendo que isso não interfere nas suas rezas, além do mais, ela ainda incorpora entidades, que auxiliam na cura das pessoas, todas essas complementações, só repercutem no benefício da cura.

Ao discorrer sobre religião, Mauss salienta que a magia se constituiu assim, ao mesmo tempo, toda a vida mística e toda a vida científica do homem primitivo, ela vem ser a primeira etapa da evolução mental, que se pode supor ou constatar, sendo que a religião resultou dos fracassos e dos erros da magia (MAUSS, 2003, p. 51).

O sistema religioso, assim como as devoções das pessoas aos santos, muitas das vezes, são provenientes de curas recebidas, pedidos alcançados, há pessoas que dão festas e almoços, rezam terços, acreditando que aquele determinado santo, os protegerá no mundo terreno, através de intercessões no mundo espiritual. Para Mauss (2003, p. 59) “as religiões sempre criam uma espécie de ideal em direção ao qual se alçam os hinos, os votos, os sacrifícios, e que as interdições protegem”.

Quando foi indagada se por ser rezadeira, ela era diferente, Mazia (46 anos, entrevista, 2020) nos disse que: “*eu sou diferente, porque tenho esse dom de curar as pessoas*”.

Sobre se a rezadeira ainda dará continuidade às suas rezas, Mazia (46 anos, entrevista, 2020) disse que “*sim, porque Deus me deu esse dom e não tenho como negar*”.

É muito comum que o recebedor do dom se sinta na livre obrigação de retribuir a doação. Essa retribuição vai desde gestos simbólicos como sorrisos, agradecimentos e vínculos de amizade, até presentes como perfumes, sabonetes, ajuda em alimentos, entre outros. Contudo, essa retribuição está longe de ser uma regra estabelecida pelas benzedeiras. Ela está implícita como sistema de regras morais na sociedade, que contribui para o

aparecimento de um mecanismo espontâneo do reconhecimento (ALEXANDRE, 2006, p. 48).

Sobre as formas de retribuições, é sabido que todo ser humano tem a necessidade de comer, beber água, as quais são necessidades fisiológicas, que são vitais para continuação de sua existência, e estas rezadeiras precisam se alimentar para repor suas energias.

No que diz respeito às formas de pagamento, a interlocutora Mazia diz que *“depende de cada pessoa, se ela acha que eu mereço, ela me retribui com alimento, dinheiro e velas para acender aos santos da banca”* (46 anos, entrevista, 2020).

É vistoso que os rezadores se apresentem pela humildade e simplicidade, suas casas não são luxuosas, suas maneiras de se vestir, não são as mais elegantes, entretanto, possuem generosidade extrema, sempre providas de sorrisos nos lábios, espírito de empatia, visto que o próximo é valoroso, essas riquezas intangíveis os elevam a outro patamar, ao nível da cura, onde a fé é muito importante, pois se observa o quanto são entusiasmadas ao falarem de suas rezas e curas.

Com isso as rezadeiras nunca se esquecem de suas primeiras curas, assim como também das curas tidas por elas como inesquecíveis, porque por mais que esses acontecimentos tenham sucedido logo no início de suas rezas, elas conseguem trazer para o presente e ressignifica-las, uma vez que foi a iniciação de uma vida dedicada à reza.

Mazia diz que *“a minha primeira cura foi de uma criança, uma menina, que estava desenganada pelos médicos, e a cura que nunca esqueço, foi de uma mulher que estava com câncer no seio e eu a curei com ervas, banhos e implasto no seio”* (46 anos, entrevista, 2020).

Com uma imaginação aguçada e com a habilidade de enxergar coisas, que outras pessoas não enxergam, e de fazer curas inimagináveis, duvidosas pela razão, porém, explicadas no campo da fé e da reza, essa rezadeira contradisse a medicina oficial, através de seu empirismo, conseguiu curar a doença que a medicina institucional, só diz que pode ser curada, por meio de sessões de quimioterapia e remédios farmacêuticos específicos.

Da mesma maneira que o médico institucional, orientado pela visão de mundo da classe dominante, e pelos saberes científicos, identifica-se como um sujeito que ocupa uma posição privilegiada na estrutura social, e por isso diminui o ofício da rezadeira, irreverenciando o saber que elas encerram, ao discorrerem que: desenganado para o médico da terra, mas não para o médico dos passos (OLIVEIRA, 1983, p. 479).

Embora essas mulheres pratiquem a reza, tenham seus afazeres domésticos, atendam as pessoas, cultivem suas plantas ou hortas ou pelo próprio trabalho na roça, a rezadeira disse

que possui o emprego de serviços gerais. Conforme Mazia disse que “*trabalho no hospital como serviços gerais e em casa sou doméstica porque gosto do que faço, que é agricultura*” (46 anos, entrevista, 2020).

Seu público-alvo, vai desde crianças até idosos, não tendo um público específico para o atendimento, assim como gênero definido. Para Mazia (46 anos, entrevista, 2020) “*não tem um tipo certo, é todos, criança, homem, mulher, adultos, senhores idosos*”. Diferenciando do teórico Trindade (2013, p. 74) ao abordar que: “pois, tanto as mães, quanto as benzedoras, acreditam que as crianças são as mais vulneráveis às energias negativas do que os adultos, sendo, portanto, mais suscetíveis a essas enfermidades que somente as benzedoras podem curar”.

E somente ressaltando, que em plena Pandemia da Covid-19, a rezadeira Mazia explicita, sobre estar ou não rezando nas pessoas. Segundo Mazia (46 anos, entrevista, 2020):

Sim e não vou parar, porque tenho Deus acima de tudo. Nessa pandemia já fiz chá de mangarataia, limão verdadeiro, jambú, mel de abelha e um pouquinho de copaíba, quando não tenho todos esses ingredientes, faço só com mangarataia, alho e limão, depois ferve e toma morno. E também faço banho com erva retirado da natureza, Deus deu os remédios que eu trabalho, da natureza, do barro e mais outras espécies de plantas.

Ainda menciona os motivos pelos quais continua rezando nas pessoas. Consoante Mazia (46 anos, entrevista, 2020) “*o motivo é que eu me sinto bem e feliz, é minha vida e se eu tiver fazendo o bem, é o que me motiva*”. A fala da rezadeira se assemelha a fala de uma rezadeira entrevistada pelos autores Ribeiro; Sena; Oreste (2018, p. 4) ‘Maria de Lurdes coloca em primeira instância: ’ “tenho prazer de rezar e a partir das rezas, curo as pessoas da família, de cidades circunvizinhas e lugares de resquícios, como a pitinga e os povos sem-terra”.

A reza para Mazia, é uma maneira dela se sentir bem e feliz, uma forma de terapia e um dever de casa, que faz com que alivie os estresses do cotidiano, pois atender as pessoas através das rezas, mesmo exercendo uma profissão, é uma tarefa um tanto quanto árdua.

A vida das rezadeiras é tida como um trajeto repleto de provocações e mistérios, a vida é um mistério, a vida é árdua e por vezes amarga. A condição para tornarem-se mais forte é ter um crescimento na bondade e em sapiência, e traduzirem esse crescimento nas relações com as demais pessoas, dentre eles, encaixam-se seus clientes. Suas vidas são feitas de superações dos sofrimentos cotidianos, através de um comportamento missionário, aceitando

esses sofrimentos, como sendo emanados da justiça divina, como condição de uma vida mais santificada (OLIVEIRA, 1983, p. 418).

É sabido que quase todas as pessoas já fizeram ou fazem reflexões um dia em suas vidas, a crise existencial de ainda se praticar o que temos feito durante uma grande parcela da vida é primordial, e ao ser indagada se algum dia deixará de rezar? A resposta foi de imediato: “*não, eu só vou parar de rezar só quando eu morrer*” (MAZIA, 46 anos, entrevista, 2020).

É um alívio para as pessoas que procuram a rezadeira, saberem que ela ainda dará continuidade às rezas, uma vez que isso possibilitará às gerações futuras desfrutarem desse conhecimento e verem na íntegra os procedimentos dessa prática, quando Mazia diz que: “*eu só vou parar de rezar só quando eu morrer*”, ainda faz florescer a esperança no cerne da sociedade, que existem pessoas que ainda se preocupam com as demais, a humanidade, humildade e a doação, ainda se propagarão para anos posteriores e a riqueza da cultura popular, assim como as práticas tradicionais ainda estarão em voga e quem ganha com isso, são tanto as pessoas que anseiam por elas como a diversidade de práticas que constituem a sociedade.

O ato de benzer não é apenas um ofício, isto é, um trabalho que tem representatividade de algo além das práticas de rezar, que vão além da identidade e espírito de pertencimento, é ter prazer no que se faz, por isso, os ideais de benzer até morrer. Por isso, faz-se sem nenhum tipo de diferenciação, benzendo-se inclusive fotos, roupas e animais, mas o único critério é respeitar a ordem de chegada, e observar que existe também pacientes iguais a eles, que padecem também de enfermidades (HOROCHOVSKI, 2012, p. 7-8).

Ter a vida e trabalho dedicados à benzeção faz com que esse ofício ainda sobreviva com o passar dos anos, pois em muitos lugares, esse ofício está desaparecendo, são poucas as pessoas que se interessam para dar continuidade, e as pessoas que praticam a reza, ao morrerem acabam levando consigo todo esse conhecimento.

3.3 Maria Isabel, aprendiz de rezadeira

A interlocutora Maria Isabel, é oriunda de uma matriz ancestral de rezadores, são conhecimentos tradicionais repassados de geração para geração, são aprendizados adquiridos no cotidiano, mas que também nascera com competências extraordinárias para isso, assim como uma interlocutora do autor Lima, também proveniente de ascendentes rezadores, “dona Ester rezadora desde os 25 anos e diz ter iniciado por influência da mãe, tio e outros parentes

que eram rezadores. Fazendo os acompanhamentos acabou descobrindo que poderia realizar as mesmas coisas” (LIMA, 2012, p. 71).

A nossa interlocutora vem ser aprendiz de rezadeira, que com o passar dos anos e dos ensinamentos adquiridos com seu pai e comadre, a fizeram tornar-se rezadeira.

Ao experimentar a reza na sua vida, ela pode fazer a migração de aprendiz para rezadeira, sofrendo uma formação e transformando sua vida, “as aprendizes” são um exemplo, elas estão no processo de formação e, no momento adequado, podem assumir o ofício de benzedeira, migrando de aprendiz para benzedeira (LEWITZKI, 2019, p. 145).

Maria Isabel somente rezou numa criança, depois que lhe ajeitaram a sua linha, porém, já apresentava o dom desde criança, vejamos o que ela tem a nos dizer.

A comadre Luzia disse que, não disse o dia nem a hora, vinha uma criança bem mal, só que eu tinha vergonha, entendeu, eu não tinha aquela coragem assim, de dizer, a senhora chegue, que podia ir para dentro do quarto rezar, mas se chegasse alguém, eu não sabia o que significava, eu não sabia rezar, aí pronto, e aí foi indo e foi indo, aí veio essa criança para mim rezar, a primeira criança, foi a primeira cura e desde lá eu já fui progredindo aquela vontade e perder aquele medo, que é o medo né, de agente chegar por exemplo, vinham me chamar e o papai dizia: vai minha filha e eu dizia: vá o senhor, eu não vou não e ficava nisso e eu não ia, e foi indo e foi indo e até que eu fui me adaptando, que era isso que eu queria, então, era isso que eu quero e eu faço isso até hoje e se eu puder fazer algum remédio que eu sei, eu faço e agora não que tá proibido né, do jeito que tá, mas não tem hora para mim não, no hospital todo mundo me conhece lá, no hospital e todo mundo vem atrás, se eu puder fazer remédio eu faço, agora não que tá um pouco, que a cidade tá proibida né, que a gente tem que evitar as coisas (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Quando a interlocutora se refere à comadre Luzia, esta mulher era uma rezadeira muito conhecida no município de São Paulo de Olivença, que rezou e curou muitas pessoas, por meio de suas rezas, banhos e trabalhos²¹, e que até os dias atuais, seus feitos ainda povoam na memória das pessoas que foram rezadas por ela. E quando a mesma se refere que “agora não que tá um pouco, que a cidade tá proibida né, que a gente tem que evitar as coisas”, ela está se referindo ao Coronavírus.

O incentivo dos pais e dos familiares, tornou-se um fator relevante para que a rezadeira pudesse praticar suas rezas com maior motivação e fé, a família sempre foi a base para que as pessoas tivessem apoio naquilo que almejam realizar, ao se tratar do campo da

²¹ Trabalhos: Sessões espíritas, incorporando entidades para sanar a doença das pessoas.

reza, também não é diferente, essas mulheres precisam de apoio, além da fé que as pessoas têm nas suas rezas, banhos, xaropes e garrafadas. Dona Maria Isabel diz

Meu pai nunca foi contra, quem reza da minha família é tia Bernadete, que chamam Maria velha, o tio Paulo rezava antes, mas ele passou para ser evangélico, agora que ele é pastor, agora ele não reza mais só faz orar, a tia Sira que tá em Manaus também, a minha mãe também rezava, a minha mãe também era muito procurada, vinham pegar ela para Amaturá, já veio de geração (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Nas expressões de dona Maria Isabel esse dom já vem sendo passado de geração a geração, são maneiras que as pessoas encontram para ajudar as demais pessoas, por meio da reza, já que o dom dado por Deus é algo que exige amor ao próximo.

Todavia, como parte da cultura de um povo e da própria família, uma vez que o dom passa de geração a geração, este precisa ser fixado na memória dos moradores de forma a dar o devido valor através de registros documentados, pois, somente a oralidade não cumpre todo o mérito que estas pessoas possuem (SILVA e PEREIRA, 2015, p. 11).

Deve-se salientar que as religiões protestantes têm profundo impacto no mundo das rezadeiras e dos praticantes da reza como um todo. Consoante Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) “o tio Paulo rezava antes, mas ele passou para ser evangélico, agora que ele é pastor, agora ele não reza mais, só faz orar”.

De acordo com Athias (1998, p. 4 ou 240) “esta concepção, trazida pelos missionários, pôs fim a um número significativo de práticas xamânicas, consideradas como “coisas do diabo”. Muitos pajés tiveram que se esconder e aceitar a proibição de não praticar pajelança”.

Expressando sobre a sua devoção, assim como as demais rezadeiras, Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) assinala que “sou devota de São Jorge e aí vem o São Francisco, que é meu protetor e o negócio de seara é Mariana e Yemanjá e o mestre Jorge, que tudo que a gente quer, agente alcança dele, não só dele como de todos os santos e da padroeira, Nossa Senhora Aparecida”.

A mesma demonstra um total sincretismo, transitando pelo catolicismo, umbanda, kardecismo e xamanismo, sendo mister salientar, que isso só melhora a performance da rezadeira, assim como incrementa diálogos de sabedorias para a propagação da cura.

As figuras (09 e 10) demonstram os locais por onde a rezadeira transita para curar as pessoas, quer seja na sala, como é o caso do altar, quer seja no quintal, que é uma farmácia natural, a rezadeira nos expõe com muito orgulho, suas plantas medicinais cultivadas com muito carinho, que servem para fazer chás e garrafadas.

Nesta vertente, percorreremos a casa da rezadeira, espaço de produção e reprodução da prática do benzimento, em que se destaca a relação do ofício de rezadeira com a estrutura de onde reside, observamos a relevância da cozinha como espaço de sociabilidade, a centralidade do altar, como lugar em que ocorre o ritual e o quintal como manifestação de conhecimentos tradicionais, associados ao território das rezadeiras (LEWITZKI, 2019, p. 50).

O território das rezadeiras gira em torno da casa, quintal e a casa espiritual contida em cada pessoa, que a procura e conhece seus espaços, em que o altar e o quintal são lugares convergentes, que materializam e representam a diversidade de conhecimentos e práticas associadas ao benzimento. Além disso, culminam na produção do espaço de habitação, o que inclui a produção e reprodução da vida humana, vegetal e animal (IDEM, 2019, p. 40).



Figura 09: Altar de Maria Isabel.
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.



Figura 10: Plantas contidas no quintal de Maria Isabel
Fonte: PENAFORTE, Gilcirley Santana, 2020.

A rezadeira expressa um arsenal de rezas a quem se recorre nas horas mais precisas, Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) diz que *“a mais poderosa que eu rezo e alcanço é o credo, essa daí é meus iniciais em todas as minhas rezas”*.

Quando foi indagada a responder, se por ser rezadeira, ela era diferente? A entrevistada Maria Isabel abordou que:

Todas as pessoas me procuram, até os indígenas que vem e vão para o hospital, que sabe que não é, e tem gente do hospital que vem diretamente aqui e já vem uma que sabe falar português, que ainda não sei e tinha vontade de aprender a língua indígena, aí eles vem de Santa Rita²², já rezei gente de Tabatinga²³, de Santo Antônio do Içá²⁴ e de Amaturá, tem uma senhora quando nem espero aparece as coisas aqui, que pegou AVC lá em Amaturá²⁵, ela veio para o hospital e quem trouxe ela aqui foi a Sandra mulher do seu Pedro Ramires, e eu fui no hospital e rezei e quando ela saiu, ela ficou no hotel do finado Dom Mário, que ainda existia, ela vinha todo dia, e quando chovia eu ia lá e fazia o remédio para ela. Já veio várias pessoas de vários lugares que me procuraram (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

As pessoas vêm das comunidades, e de outros municípios para serem rezadas pela nossa interlocutora. O deslocamento das pessoas para chegar à casa da rezadeira, pode ser realizado a pé, a cavalo, de bicicleta, de carro, de carroça, de barco, canoa e de ônibus, uma viagem solitária e às vezes com outras pessoas, que possuem interesse comum, contribuindo para a formação da posição social da rezadeira, que se torna procurada para além dos moradores de sua localidade (LEWITZKI, 2019, p. 48).

Quando se referia ao hospital, a interlocutora retrata que mesmo no ambiente em que a medicina oficial trata o usuário com seus próprios medicamentos, tinha alguma pessoa que sabia que ela rezava, para determinada doença, tal como o Acidente Vascular Cerebral (AVC) e a indicava para o enfermo, mesmo que levassem esse indivíduo para interlocutora tratar a *sus generis*, quando o enfermo chegava na sua residência: “quem trouxe ela aqui foi a Sandra” - Sandra é a enfermeira que trabalha no Hospital a mais de 15 anos. “O reconhecimento da população dos procedimentos da benzeção faz parte da legitimação do papel da benzedeira, que juntamente com o aparecimento do dom de benzer e do aprendizado, institui as condições necessárias para o prosseguimento do ofício” (TRINDADE, 2013, p. 186).

Embora a medicina oficial tenha avançado, as tradições e a busca pelas mulheres que praticam a benzeção, não é deixada de lado, pois, é um elo que conecta as pessoas, num laço de fraternidade que não se deixa perder os antigos valores. Conforme Trindade (2013, p. 67) “na relação de benzeção também ocorre fato semelhante, pois na relação entre benzedeira e benzido em busca de cura, a tradição, a crença e a preservação dos costumes ainda se sustentam mesmo em face do avanço da medicina institucional”.

²² Santa Rita: Comunidade Indígena Tikuna, e distrito do município de São Paulo de Olivença.

²³ Tabatinga: É um município.

²⁴ Santo Antônio do Içá: Município.

²⁵ Amaturá: Município.

O significado da reza é uma potência que rege a vida desta rezadeira, e a rezadeira descreve assim,

Para mim significa muito, porque é no ato que eu aprendi para poder ajudar as pessoas que precisam né, então, assim como eu sei rezar, eu rezo para a pessoa também ter a saúde né, que viva muitos anos, então isso para mim é importante porque o que eu sei, e o que eu conheço, eu posso ajudar e para mim, não podendo ajudar, aquilo já parte mal, porque eu não pude fazer (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Do ponto de vista de uma sociedade patriarcal, o homem sempre foi o centro das famílias e o provedor, isto é, aquele do qual dependia as famílias, tanto financeiramente como materialmente, as mulheres eram apenas acessórios, as quais serviam somente para serem donas de casa, ao rezarem nas pessoas, tanto contradizem serem cativas dos homens, como também demarcam seu território no campo do sagrado, curando as pessoas, mostrando sua importância dentro deste cenário, que somente os homens tinham domínio, isso as leva a ir ao oposto da medicina oficial. De acordo com Trindade “ao benzerem, essas mulheres entram no campo do sagrado, terreno historicamente dominado pelos homens, e ao curarem se colocam na contramão da medicina” (2013, p. 19). São dois paradigmas que estão sendo desmitificados.

Sobre a continuidade das rezas, Maria Isabel expressou que,

Eu pretendo continuar até quando eu tiver vida e tiver força né, eu mantenho e quando eu não tiver, eu tenho que parar, é igual como seu Onofre né, ele cansou de vir na casa do meu irmão, do Gilberto, quando ele estava vivo, ele passava algumas horas, e é assim como ele, ele rezava e fazia tudo, é assim como ele, já tá de certa idade e não aguenta mais rezar para certas doenças pesadas né, pra doença que precisa a pessoa rezar bem, é esse daí eu conheço bem, o seu Onofre (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Quando Dona Maria Isabel se expressa que tem como referência “igual como Seu Onofre”, ela se refere ao morador do bairro de Santa Terezinha, marido de Darcy objeto dessa pesquisa, que tem 84 anos, porém, a idade não é uma barreira, pois, o mesmo ainda continua rezando nas pessoas que o procuram.

Independentemente, das opções religiosas que também concorrem aos critérios ligados à construção social da sua identidade profissional, ser benzedeira, na sua visão, significa poder se classificar como uma pessoa portadora de características singulares, especialmente a de partilhar de uma concepção de mundo, concepção das necessidades e dos

sofrimentos: partilhar do *conhecimento de missão*, cujo conteúdo não é homogêneo. É possuir domínio sobre ele, o que, fundamentalmente, distingue-a dos clientes e das outras pessoas da comunidade (OLIVEIRA, 1983, p. 474).

A sua humildade faz com que se externe uma vida de batalha árdua, para se ter as coisas e garantir conforto, a mesma nem terminou o ensino médio, por ter que sustentar seus familiares, trazendo responsabilidade, mesmo antes e durante o período que já iniciaram suas rezas, a incumbência de pensar antes nos demais, do que em si próprio e fazer os benefícios primeiro para outros, além de ser um gesto simbólico de amor ao próximo, norteia suas vidas, a respeito disso, vejamos o que a rezadeira tem a nos dizer, sobre o estudo e trabalho

Eu fiz até o nono ano, a minha mãe morreu e batalhei para sustentar com meu pai, seu Gerson, que não é meu pai, ele é meu avô, a minha mãe morreu e eu sou a irmã mais velha de meus irmãos todinhos, que agora só existe eu e a Roseli, que era o Gilberto, o Natal e o finado José, nós éramos cinco, e eles eram todos pequenos, eu e meu irmão José, o segundo mais velho, naquele tempo, nós éramos pobres, não tinha mochila não, botávamos na sacolinha com caderno dentro e íamos embora pra aula, não tinha como tem agora merenda, uma boa merenda, tinha uma banana, um pé de jabuti, isso era a nossa merenda, eu pratiquei trabalhar na casa dos outros, eu dediquei ajudar o meu pai, a vida dele era pescar, e minha irmã Roseli que está em Manaus, ela ficou com dois meses de nascida, quando a minha mãe morreu, então, eu olhava para a minha irmã, minha irmã não tinha roupa, a minha irmã não tinha isso, faltava leite para minha irmã, então, me dediquei tá na cozinha dos outros, eu não ia receber dinheiro, queria que conseguisse umas coisas para os meus irmãos, era isso. Casa de família é tá aí trabalhando, você entra seis horas e sai sete, não dar tempo de fazer os trabalhos. E uma vez os outros estavam entregando os trabalhos para o professor e eu ainda fazendo, então eu parei. O pouco que eu sei, vai dando para mim viver e ir até em Brasília, o que mais o meu pai me ensinou é ser educado, saber respeitar as pessoas e assim como meu pai me ensinou, eu ensino os meus filhos, se uma pessoa mais velha está lá no outro lado da rua atravessando, é idoso, é indígena, me dá vovô, deixa eu atravessar o senhor, não mangar, nunca meu pai ensinou a mangar, isso é bonito a pessoa fazer, um gesto, não é da família, mas vai ajudar mesmo assim. Agora a gente já tá bem, agora a gente já tem colchão, tem uma geladeira, temos fogão, antigamente o nosso colchão era esteira, casa de paxiúba e de palha (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

As rezadeiras aprenderam, mesmo que a vida seja um processo de ensino-aprendizagem, carregam na alma, gestos de carinho e de valores, o sol e as chuvas, as capacitaram para serem íntegras e praticarem suas rezas no mais alto saber e fraternidade, pois aos “olhos de Deus”, somos todos irmãos e é nesse espírito que sucede esse ofício, “ser benzedeira significa emergir da pobreza, isto é, da exploração econômica e da expropriação do trabalho, e ter tido a capacidade de cultivar a bondade e autodeterminação” (OLIVEIRA,

1983, p. 474). “Nesse aspecto durante a infância nem todas estudaram, sendo comum entre elas o analfabetismo e os poucos anos de educação formal *porque mulher não tinha que estudar*” (LEWITZKI, 2019, p. 68). Não apenas poder estudar, e sim ter que escolher entre trabalhar e estudar. Outro fator preponderante era colocar comida na mesa e cuidar de seus irmãos, menores de idade, tudo isso implica em não poder terminar os estudos.

Embora, a medicina institucional tenha avançado, contudo as tradições e a busca pelas mulheres que praticam a benzeção, não é deixada de lado, sendo um elo que conecta as pessoas, num laço de fraternidade.

De fato, como diz outro, que já vieram, eu me acho que o pessoal me procuram porque eu rezo bem, trato as pessoas bem, se eu puder fazer remédio eu faço, eu sou conhecida, todos me procuram, as pessoas têm a fé e acham que eu mereço rezar neles (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Na relação de benzeção também ocorre fato semelhante, pois na relação entre benzedeira e benzido em busca de cura, a tradição, crença e a preservação dos costumes ainda se sustentam mesmo em face do avanço da medicina institucional (TRINDADE, 2013, p. 67).

As formas como as pessoas retribuem a nossa interlocutora, pode ser dada por meio de alimentação, pois existe uma recusa de receber dinheiro em espécie, apreciamos o seu relato.

Retribuir trazendo alguma coisa, depende da pessoa, dependendo se merecer né, ela dar o que ela quer, é que ela quer, é o que os pessoal fazem, então, eu não cobro, não vou dizer assim é tanto, porque se eu aprendi e tenho isso, acho que Deus não aceita eu cobrar, porque Deus não faz milagre por dinheiro, então, é isso que eu tenho comigo, se fosse por isso, eu só ia aceitar em casa, só quem tinha dinheiro. E as curas que eu faço através dos meus pedidos, das minhas orações e da minha devoção, que eu rezo né e acendo a minha vela, é nesse momento que eu tenho certeza que tudo será abençoado (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Benedeiras não cobram pelo atendimento, mas abrem exceções para receber doações (alimentos, velas, plantas). Algumas se dizem possuidoras de um dom e/ou de uma missão designada por Deus, mas todas seguem o preceito de que o ofício de benzer não pode ser comercializado. Não se vende benzimento. Segundo elas, não se paga o que não é delas e sim de Deus (SIMÕES, 2014, p. 105).

Quando ela diz que “acho que Deus não aceita eu cobrar, porque Deus não faz milagre por dinheiro, então, é isso que eu tenho comigo, se fosse por isso, eu só ia aceitar em casa, só quem tinha dinheiro” (MARIA ISABEL, 54 anos, 2020), ela entra em conformidade com o que a autora Lewitzki (2019) discorre

Mesmo que elas tenham trajetórias e especialidades que enaltecem sua individualidade, sua ação é coletiva e em prol do bem comum, pois nenhuma pessoa é excluída da rede da benzedeira; pelo contrário, em sua casa são acolhidas pessoas pertencentes a diferentes religiões, classes econômicas, lugares e idades (LEWITZKI, 2019, p. 47).

Maria Isabel, diz que: “a sua primeira cura foi uma criança, uma menina” (54 anos, entrevista, 2020). Abordando o feito abaixo, com riquezas de detalhes, então contemplamos,

Uma criança da Colônia²⁶, que eu não sei o nome do pai dela, que ela chegou bem mal mesmo, ela tinha pegado a doença²⁷, ela não falava mais, ela não engolia nada, aí quando o pai chegou aqui, ele disse: dona pelo amor de Deus, a senhora cura a minha filha, pelo amor de Deus, a senhora faz que eu lhe pago, aí eles passaram três dias aqui, eu fiz remédio para ela, fui atrás de gegilin, que sempre eu tinha né, gegilin, aguardente, fiz aquele banho para ela assim, e aí eu disse não fica com medo, porque a doença, ela tem o ato assim por exemplo, se você fazer o remédio, se a pessoa suar, suar, suar, pronto e aí se você tornar a passar remédio, remédio e remédio e não suar, a situação não tá boa, é que aquilo tem que suar, aquela quentura que a pessoa quer tomar banho, molha suor, pode dizer que esse daí vai sair, quando eu passei nela, essa menina suou, suou e suou, que molhava o cabelo dela, e o pai dela desesperado e eu disse para ele não se desesperar, que ela, não ia chegar a hora²⁸ dela e que ela ia sobreviver e eu tinha toda certeza que os Santos iam ajudar ela, aí eu fiz banho, defumei ela todinho, aí quando foi umas 16:00h ela se mexeu, abriu o olho assim, ela falou, mas assim toda enrolada a língua dela, aí ela disse que ela queria água, a primeira golada que eu dei para ela, misturada com aguardente, ela não conseguiu engolir, ela se afogou, mas era porque era na garganta dela, aí eu disse não, eu vou fazer outro remédio, eu vou temperar com aguardente e ela vai conseguir e aí foi indo e foi indo, aí pronto ela começou a engolir, e aí pronto já foi coisando²⁹ as mãos dela, já foi já querendo voltar as mãos dela e aí ela disse que queria tomar banho, não, agora tu não vai tomar banho, aí eu passei a banha de mucura com a gegilin e aguardente, aí sovei, aí quando já foi já umas 18:00h assim, ela sentou, aí ela disse que queria comer, o pai dela dava comida para ela, aí ela foi engolindo devagar, a garganta né, foi engolindo devagar, e quando foi outro dia ela já estava espertinha, já tava todo direitinho os bracinhos dela, então, isso foi uma benção que Deus deu né, que não chegou àquela hora, e por isso quando a gente vai fazer remédio para essa doença, a gente sabe quando vai bem e

²⁶ Colônia: Bairro do município de São Paulo de Olivença.

²⁷ Doença: Quando ela fala a “doença”, ela está se referindo ao Acidente Vascular Cerebral (AVC).

²⁸ Hora: Ao dizer a hora dela, é que não chegou o momento da pessoa morrer.

²⁹ Coisando: Melhorando.

quando não, foi essa cura, que até hoje eu nunca esqueço (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Assim, como em qualquer ofício, as rezadeiras também dependem das ferramentas essenciais para facilitarem suas práticas, por mais que possuem o saber intelectual, são essas ferramentas que ajudarão a curar de maneira mais rápida. A característica da atuação dessa agente é a individualização impressa em seu ofício, utiliza elementos sagrados como cruzeiros, terços, rosários, e profanos, como calcinhas, cuecas, cadernos escolares, fronhas de travesseiros, estabelecendo por seu intermédio, a mediação com os deuses e demônios, visando as benzeções (OLIVEIRA, 1983, p. 412).

A interlocutora reza todos os gêneros e idade de pessoas, propiciando a cura, de acordo com Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) falam que “*não tem um tipo certo, é todos criança, homem e mulher, adultos, senhores idosos*”.

A mesma fala que não pode negar, o dom que ela diz ter recebido, é o que a faz dar prosseguimento nisso, a rezadeira diz que,

Eu tenho um dom, então, eu não pratico ainda parar porque eu acho assim que, a minha vida vai meio assim, meio agoniada, meio estressada, então eu prefiro fazer esse trabalho que para mim é mesmo que ser um trabalho de casa, que aquilo pronto, aquilo vai aliviando, então, é por isso que eu pretendo rezar (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Porém, Maria Isabel (54 anos, entrevista, 2020) assinala que, em pleno período de pandemia, mais precisamente no mês de abril de 2020, aborda sobre se está rezando:

Agora não, eles vieram, mas só como eu estava um pouco gripada, eu não rezei não, mas, assim quando eu vejo que procuram e eu tô disposto como diz os outro e eu não estou doente, eu rezo, já me procuraram uns aí, aí eu já terminei até de rezar.

É perceptível nas palavras da interlocutora Maria Isabel, que mesmo nesse tempo de pandemia, ainda está rezando nas pessoas: “*já me procuraram uns aí, aí eu já terminei até de rezar*”. É fundamental ressaltar que essas rezadeiras, mesmo com os números de contaminados pela Covid-19 crescendo, elas põem em risco a própria saúde, ao rezar nas pessoas que as procuram. Esse papel social desempenhado por elas vem ser demonstrado a partir do momento que colocam o interesse das pessoas a frente dos seus, e não se negando a rezar, pois, as pessoas as necessitam, porque sabem e acreditam que elas podem curar.

É nesta perspectiva que os agentes religiosos de cura, que acreditam possuir um dom também sagrado, o dom da cura, estabelecem com seus pacientes trocas simbólicas³⁰ de solidariedade na quais, muitas vezes, o interesse pelo outro aparece como mais importante que o interesse por si mesmo (ALEXANDRE, 2006, p. 112).

E a respeito dessa pandemia, Maria Isabel dar sua explicação sobre o que deve ter causado a pandemia de Covid-19,

As pessoas não respeitavam a quaresma e veio essa doença, para ver se as pessoas soubessem resguardar, começavam a quaresma e amanhã já tinha festa, as festas só começavam no sábado de aleluia, agora veio essa doença para as pessoas botarem a mão na consciência e refletirem (MARIA ISABEL, 54 anos, entrevista, 2020).

Através dos rituais da cura efetivados por rezas, bênçãos, plantas medicinais, entre outros, cria-se uma linguagem que estabelece uma composição entre símbolo e coisa simbolizada. Diferentemente da medicina clínica, as rezas populares não negam o que não podem esclarecer; no entanto, procuram uma justificativa mágica para os fenômenos da doença (ALEXANDRE, 2006, p. 37).

No contexto histórico dessa rezadeira, seu pai e a rezadeira Luzia, foram imprescindíveis para que a interlocutora se tornasse a rezadeira que é, além dos incentivos que forneceram, “se os xamãs mais velhos de minha casa não me tivessem feito beber o pó de *yãkoana*, eu não teria sido capaz de matar minha primeira anta quando ainda era bem novo e, uma vez adulto, não teria jamais vindo a ser bom caçador” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 98).

Assim como adentramos na universidade, a priori temos que cursar o ensino fundamental e o ensino médio, dedicar-se para passar no vestibular, tendo uma dieta regada de muitas leituras, com a intenção de se obter o máximo de conhecimento possível, também assim sucede com as pessoas que nasceram para se tornar xamãs, seguindo preceitos primorosos, as rezadeiras também estudam para tornarem-se xamãs.

É desse modo que estudamos para fazer descer e dançar os espíritos. Nossos xamãs mais experientes são nossos professores. Fazem-nos beber *yãkoana* e estão sempre ao nosso lado. São eles que nos dão nossos primeiros *xapiri*: os espíritos do galo-da-serra, dos tucanos e queixadas; os da preguiça, do jupará e das borboletas. Fazem isso só por generosidade. No entanto, se tiverem

³⁰ Ver: MAUSS, Marcel. (1925) 2003. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. in _____ Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify. pp. 183-314

vontade de nos testar, podem nos fazer penar por muito tempo antes de nos permitirem ver mesmo os espíritos! Quando nos dão seus *xapiri*, sopram pó de *yākoana* em nossas narinas com seu próprio sopro de vida. De modo que, a *yākoana* que bebemos não é um mero pó. Com ela os espíritos se lançam para dentro de nós como se fossem grãos de poeira. É assim que obtemos nossos primeiros *xapiri*. Quando bebe o sopro de vida de um xamã mais velho, a pessoa sente uma fraqueza súbita e o choque a faz cambalear! E quando se trata de um guerreiro valente, seu sopro de vida nos faz corajosos também. O mesmo ocorre quando é um bom caçador (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 169).

Portanto, o capítulo 3 relatou sobre as “Trajetórias no Ofício da rezadeira”, no qual abordamos sobre “Darcy, mulher de fé e xamã”, que é oriunda do município de Santo Antônio do Içá, casou-se com Onofre, regou sua vida com muita fé e esperança, e tornou-se uma xamã, sabendo dar explicações sobre o que causa a panemice, o que faz a mulher adoecer do útero, além de possuir uma boa interação com o meio social, forneceu também informações de como potencializar a força de suas rezas, tornando-se uma pessoa voltada para o bem de todos.

Com “Mazia, vida e trabalho na benzeção”, discorremos sobre uma mulher forte, com uma dedicação exclusiva, que ainda pretende dar continuidade nas rezas, equipada com suas garrafadas, remédios e muita esperança, agindo no âmbito de caridade, mesmo em pleno mundo globalizado, em que inúmeras pessoas só visam aquisição financeira, a sua escolha foi de continuar rezando nas pessoas, porque isso a faz sentir bem e nem mesmo a pandemia do Covid-19, foi um empecilho para que esta mulher deixasse de praticar a reza e fazer seus remédios.

Por derradeiro, temos a rezadeira “Maria Isabel, aprendiz de rezadeira”, que traz em sua prática, conhecimentos que visualizou desde a infância, muitas vezes já sabendo diagnosticar a doença da pessoa. No cenário da reza, aprendemos que mesmo os mais hábeis para isso, também podem ser ensinados, aprendendo a ter amor para com seu próximo, aprendem a utilizar o conhecimento para o bem, pois, em mãos erradas, todo esse conhecimento pode ser um perigo e a nossa rezadeira aprendeu isso ao longo da vida, o tempo construiu seu caráter, que de aprendiz, tornou-se rezadeira.

Inúmeros rezadores morreram e foram esquecidos, por viverem no anonimato de suas rezas, outros foram acometidos por doenças que os deixaram inativos de praticarem as rezas, esses rezadores que ao longo de suas trajetórias recebiam muitas pessoas, hoje não recebem quase ninguém, mesmo praticando, outrora, muitos benefícios, através de suas “mãos”, que faziam gestos, captando energias de cura, hoje são carregados por outras mãos, sendo

cuidados por outras pessoas.

Ainda existem rezadores que vivem e praticam o ofício da reza, porém, tanto os que já morreram como os que estão vivos, forneceram esse legado, valendo-se ressaltar que o Brasil só se torna plural, porque ainda existem pessoas que praticam esses atos seculares, que nem mesmo o tempo e o mundo globalizado foram capazes de apagar e a cultura popular se exalta e se enriquece com as peculiaridades que as rezadeiras têm a oferecer, quer sejam elas atuando no meio rural, ou em lugares longínquos em que a medicina oficial não é capaz de atender, sendo muito mais requisitadas, quer seja no meio urbano, uma vez que as pessoas ainda possuem fé que podem ser curadas por estas rezadeiras. A presente dissertação se resume em enaltecer essas rezadeiras, por praticarem a ação social e fazer jus a tudo aquilo que os rezadores já fizeram pela sociedade paulivense e brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as práticas da reza são milenares e que foram repassados como legado para gerações posteriores, o que são denominados de conhecimentos tradicionais, repercutem na vida das pessoas por meios empíricos, sendo às vezes convergentes ou divergentes com o conhecimento científico.

A maneira como os povos da floresta conseguiram decifrar esses conhecimentos e fizeram surtir efeito nas suas vidas, desde a época que os seres humanos eram caçadores coletores, mas também em períodos que os remédios industrializados eram inexistentes, em algumas realidades, principalmente no cenário Amazônico, essas pessoas utilizaram as plantas para abrigo, comida, para pescar, caçar e com finalidades medicinais.

O saber-fazer dessas rezadeiras são resultados de rituais, que provém desde a iniciação, adaptação, as primeiras curas e aceitação por parte do meio social, não basta apenas ter o dom, tem que ter aptidão para isso, ter uma dieta a ser seguida, e saber respeitar os seres espirituais que protegem a natureza.

Ter habilidade de fazer o xarope com a medida exata de folhas, raízes, além disso, ter muita fé, os aprendizados adquiridos na roça, na plantação da horta, assim como o tempo necessário, para o crescimento das manivas e das hortaliças, assim também sucedeu na elasticidade do conhecimento da reza e na manipulação das plantas.

Essas mulheres também desafiam o catolicismo oficial, por desempenharem em determinados lugares, o papel que o padre exerce perante a sociedade, no qual vem ser mediador do homem para com Deus e também desafiam a medicina oficial, ao dizerem que também podem operar a cura, mesmo com a prática de remédios baseados na empiria, como é o caso de uma interlocutora, que afirma ter curado o câncer que, estava no seio de uma mulher, cuja medicina institucional não foi capaz de curar.

De acordo com a pesquisa realizada, pode-se constatar que os objetivos foram respondidos de maneira satisfatória. Os resultados revelam que “Os aspectos simbólicos de um ofício de fé”, sucederam por meio dessas mulheres ainda praticarem a reza no cotidiano de suas vidas.

Ao apontar uma vida de fé e de rituais xamânicos, baseados em interpretações adquiridas ao longo da vida, tendo o dom, como principal fator para que elas cumpram suas missões, uma dádiva que deve ser retribuída, pois, de graça receberam, de graça devem agir.

O papel dessas mulheres no meio social pode ser observado pela polifonia das vozes,

substanciadas pelo padre, que representa o catolicismo oficial, por meio das pessoas que foram curadas por elas e pelas palavras do médico, sendo narrativas cruciais para esta dissertação, ao passo que, representam falas de concordância, orientações, respeito e a legitimação delas perante à sociedade.

Prática tradicional interligada com conhecimentos sobre a natureza, rituais xamânicos compostos por rezas e ervas, juntamente com muita fé, as rezadeiras são mediadores do mundo terreno com o espiritual, recorrendo-se a Santos, Caboclos, a Santa Cruz.

Essas rezadeiras são mulheres simples, porém, que na simplicidade conseguem ajudar as demais pessoas, através de banhos, chás e garrafadas, e principalmente pela reza, além de motivarem as pessoas que as procuram, que dias melhores estão por vir, também são boas ouvintes, possuem conversas calorosas e renovadoras, o perfil das pessoas que procuram as rezadeiras, não só apenas evidenciam a importância, como serve de combustível, para se comprometerem em dar continuidade nessa prática.

Além de ser a resistência dessas mulheres, praticarem suas rezas, sem nenhum pudor, creem veemente em seus poderes de cura, sendo procuradas por pessoas da sociedade paulivense e de outros municípios, elas resistem não por praticarem algo coercitivo e sim pelo fato de suas ações, repercutirem nas vidas das pessoas, demarcando o lugar da mulher, além de demonstrar a força da mulher.

Trazendo no bojo de suas ações, conhecimentos ecológicos, sendo elas mais aguçadas para selecionar as melhores folhas, raízes, interagir com os espíritos da floresta, e serem orientadas por eles, para escolherem as melhores plantas, capazes de propiciar a cura.

Por meio de suas narrativas concluímos que, essa prática ainda continuará a existir, em virtude de, rezarem enquanto em vida tiver força e sabedoria, isso só enriquece a cultura popular, além de ser um alívio para as pessoas que precisam de seus cuidados, ressaltando que mesmo em pleno período pandêmico da Covid-19, duas rezadeiras ainda continuam com o ofício.

Podemos constatar que existe um hibridismo, que mesmo existindo Unidades Básicas de Saúde (UBS) e o próprio hospital, as pessoas ainda procuram as rezadeiras, a Medicina Institucional não interfere na prática dessas médicas populares.

Essa pesquisa traz algo exótico, ao explicar sobre a força da oração, e por trazer a reza ritualística do Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Não pudemos deixar de destacar, que foi algo muito árduo, novo, um enorme desafio, dado que, redigir uma dissertação, fazer as visitas em campo, observar como o Coronavírus

ceifou milhares de vidas e ainda continua ceifando, defender esta dissertação num momento conturbado, é termos a empatia de nos colocar no lugar das rezadeiras e saber que assim como a vida para elas nunca foi fácil, também não o é para nós.

Chegar até aqui, após um longo caminho percorrido é saborear o gosto belo e doce da vida, descortinar algo que muitas vezes é imperceptível mediante a sociedade, é relembrar sobre os amigos que fiz, sobre as perdas que tive, tais como: a perda do meu tio Manoel Pereira que era rezador e da minha própria avó Darcy, rezadeira e objeto desta pesquisa, é abordar sobre os professores que só acrescentaram na minha vida, a partir de suas disciplinas e superar os obstáculos contidos nessa etapa, é ter apenas o espírito de agradecimento às pessoas terrenas e aos espíritos que habitam nossas florestas e a Deus.

Portanto, nesta dissertação está contida toda dedicação e somos sabedores que foi apenas uma parte daquilo que pode ser retratado sobre as rezadeiras, ainda há muita coisa a ser desvendada, somente chegamos a um caminho, os quais foram propostos pelos objetivos. No entanto, mais estudos ainda poderão ser feitos e esperamos ter contribuído, trazendo coisas que poderão ajudar às pessoas que queiram se interessar pelos saberes amazônicos, pelos guardiões da floresta, pela temática que retrata sobre as rezadeiras, a antropologia, sobre religião e a sociologia, ou por pessoas que apenas queiram se aprofundar sobre o mundo da magia, praticados pelos povos da floresta e se aventurar nos horizontes xamânicos, degustando de uma leitura dos povos da floresta, redigido sob a ótica de uma indígena, pertencente a etnia Kaixana.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Katya Carvalho. **Saberes de cura e hibridismo:** Relações entre ciência, magia e saúde no morro da Conceição, no Recife. Recife-PE, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9692/1/arquivo9267_1.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2020.

ANTONIO, Gisele Damian; TESSER, Charles Dalcanale; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. **Contribuições das plantas medicinais para o cuidado e a promoção da saúde na atenção primária.** Interface (Botucatu), v.17, n.46, p. 615-33, jul./set. 2013. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/icse/2013.v17n46/615-633/pt>. Acesso em: 11 de julho de 2020.

ATHIAS, Renato. **Doença e Cura:** Sistema Médico e representação entre os Hupdë-Maku da Região do Rio Negro, Amazonas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 237-261, out. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0237.pdf>. Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da realidade:** Tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução de Floriano Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4168806/mod_resource/content/0/BERGER%20e%20LUCKMANN%20-%20A%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20realidade%20-%20tratado%20de%20sociologia%20do%20conhecimento%20%281%29.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2020.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/03/durkheim-emile-as-formas-elementares-da-vida-religiosa.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** [Tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/03/ELIADE-M.-O-sagrado-e-o-profano.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf. Acesso em: 9 de janeiro de 2020.

GOMES, Kirna Karoleni Vitor. **Descrição etnográfica da magia que contagia:** Dança do cordão do africano. Revista Wamon, V. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/wamon/article/view/5203/4153>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

HOEFFEL, João Luiz de Moraes; GONÇALVES, Nayra de Moraes; FADINI, Almerinda Antonia Barbosa; Cal SEIXAS, Sonia Regina da. **Conhecimento Tradicional e Uso de Plantas Mediciniais nas APAS'S Cantareira/SP e Fernão Dias/MG.** Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade. Nº 1, setembro de 2011. Disponível

em: <http://plone.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/conhecimento-tradicional-e-uso-de-plantas-medicinais-nas-apas-cantareira-sp-e-fernao-dias-mg.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2020.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4602372/mod_resource/content/0/Goffman%20Erving.%20A%20Representa%C3%A7%C3%A3o%20do%20eu%20na%20vida%20cotidian%20a%20%5BIntrodu%C3%A7%C3%A3o%20e%20cap%C3%ADtulo%201%5D.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2020.

HOROCHOVSKI, Marisete T. Hoffmann. **Velhas benzedeadas**. Mediações, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/viewFile/14025/11836>.

JÚNIOR, Hudson Roberto Beltrão; MENEZES, Gleilson Medins de; NEVES, Soriany Simas. **Fé e Cura: A Comunicação Popular das Benzedeadas de Parintins**. Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/expocom/EX44-0559-1.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

LANGDON, Jean M. (org.). **Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. Disponível em: <https://stream.docero.com.br/getpdf/624724/nxeveec/MTk1MzgZnJl4ODc3LjU>. Acesso em: 17 de julho de 2020.

LIMA, Widney. **Reza e Cura: Símbolos, Conceitos e Imagens de Rezadores em Benjamin Constant/Amazonas**. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2010.

LIMA, Widney Pereira de. **Reza e Cura: uma etnografia de rezadores em Benjamin Constant-Amazonas**. In: RODRIGUES, Gilse Rodrigues; JUSTAMAND, Michel. (Orgs). *Antropologia no alto Solimões*. Alexia Cultural: São Paulo, 2012, p. 59-84.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia**. ALVES, PC., and MINAYO, MCS., orgs. *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/tdj4g/pdf/alves-9788575412763-06.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

_____. **Um aspecto na diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. ESTUDOS AVANÇADOS 19 (53), 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WNMqZ8vbRk3khRh5nRsTtQz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro** — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

KOVALSKI, Mara Luciane; OBARA Ana Tiyomi; FIGUEIREDO, Marcia Camilo. **Diálogo dos saberes: O Conhecimento Científico e Popular das Plantas Medicinais na Escola**. Maringá, Paraná, 2010. Disponível em:

<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1647-1.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2020.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Prias. São Paulo: Centauro, 2001. Disponível em: https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf. Acesso em: 09 de julho de 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1975. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/04/L%C3%89VI-STRAUSS-C.-O-feiticeiro-e-sua-magia.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Precedido de uma *Introdução à obra de Marcel Mauss por Claude Lévi-Strauss*. Textos Georges Gurvitch e Henri Lévy-Bruhl. (Tradução: Paulo Neves). São Paulo: COSAC NAIFY, 2003. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/03/Marcel-Mauss-Sociologia-Antropologia-textos.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

MONTEIRO, Nayara de Lima. **REZADEIRAS E ERVEIRAS DO CARIRI: O FIO DECOLONIAL TECEDOR DAS PRÁTICAS DE CURA EM ABYA YALA**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://nusserge.paginas.ufsc.br/files/2020/05/MONTEIRO-N.-L.-Rezadeiras.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008, 2009**. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099784.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2020.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do; AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaienses**. Porto alegre, 2013. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi_ntiu-qnWAhXGSSYKHdsbAjoQFgg2MAI&url=http%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2FNauLiteraria%2Farticle%2Fdownload%2F43698%2F27901&usq=AFQjCNH2n25M-rJ-cJSge8vXriXZTRSq3w. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. Campinas, 193. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281765/1/Oliveira_EldaRizzode_M.pdf. Acesso em 23 de maio de 2020.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: brasiliense, 1999. Disponível em: https://stream2.docero.com.br/pdf_dummy/eyJpZCI6IjExOTE0NTciLCJuYW11IjojNC0xMS0gT1JUSVosIFJlbnF0byAtIGEgbW9ydGUgYnJhbmNlIGRvIGZlaXRpY2Vpcm8gbmVncm8iLCJleHRlbnNpb24iOiJwZGYiLCJjaGVja3N1bV9pZCI6IjY4NTcxNzYifQ. Acesso em: 07 de junho de 2021.

PATROCÍNIO, Marianne Shirley Azevedo do. **Uma história de fé e poder: estudo sobre as**

benzeções em Jardim do Seridó-RN. Caicó, 2016. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1967/6/Uma%20hist%C3%B3ria%20de%20f%C3%A9_Monografia_Patroc%C3%ADnio.pdf. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

PENAFORTE, Gilberxe Santana; PENAFORTE, Gilcirley Santana. **Ritual de benção:** entrelaçamento no parentesco e cultura Kaixana. In: JUSTAMAND, Michel; ALMEIDA, Sandra Oliveira de; ANDRADE, Vânia Cristina Cantuário de. (Orgs). *Fazendo Antropologia no Alto Solimões* 22. Alexa Cultural: São Paulo, 2019, p. 67-79.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **CIDADES VISÍVEIS, CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES IMAGINÁRIAS.** Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53. Junho de 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

PINTO, Renan Freitas. **A viagem das idéias.** Estudos avançados, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250983925_A_viagem_das_ideias/fulltext/039b166d0cf21122b71dec09/250983925_A_viagem_das_ideias.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 07 de julho de 2020.

RIBEIRO, Elder Pereira; DE SENA, Márcio Luis Moreira; ORESTE, Liverson Ferreira Santos. **Diálogo com o sagrado:** Narrativas das benzedeadas e rezadeiras de Santo Amaro. **ODEERE**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 366-374, dez. 2018. ISSN 2525-4715. Disponível em: <blob:http://periodicos2.uesb.br/772b9266-cc82-4a6a-9f2d-3ec70078e3a0>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural:** religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. Revista CPC, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.usp.br/cpcv1/imagem/conteudo_revista_arti_arquivo_pdf/fvsantos.pdf. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O paiz do Amazonas.** Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / UniNorte, 2004.

SILVA, Maria Elzarina Pastana da; PEREIRA, Elson de Menezes. **Parteiras e benzedeadas: porque sobreviver é preciso.** Anais do II Colóquio de Letras da FALE/CUMB, 2015. Disponível em: <http://www.coloquiodedeletas.ufpa.br/downloads/ii-coloquio/anais/282-maria-euza.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

SIMÕES, Juliana Pereira. **Benzedeadas de Maruípe:** Uma prática de cuidado humano em extinção. Vitória, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1211/1/Dissertacao.Juliana%20Paereira%20Simo.es.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

TORRES, Iraíldes Caldas. **A formação social da Amazônia sob a Perspectiva de Gênero.** Ciência e saberes na Amazônia: indivíduos, coletividades, gêneros e etnias/ organizadores Nelson Matos de Noronha, Renato Athias. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008, p. 169-185

TRINDADE, Deilson do Carmo. **As Benzedeadas de Parintins**: práticas, rezas e simpatias. Manaus: Edua, 2013.

VASCONCELOS, E. M. A construção conjunta do tratamento necessário. **Caderno de Textos – Grupo de Estudos em Educação Popular e Saúde**. Caderno I, p. 21 – 31, 2009.

VAZ, V. **As benzedeadas da cidade de Irati**: suas experiências com o mundo, e o mundo da benção. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A- PERGUNTAS AS REZADEIRAS

- 1) Como adquiriu o dom para rezar?
- 2) Quais são os itens que a senhora utiliza para a cura?
- 3) As pessoas que a procuram é mais homem, mulher ou criança?
- 4) Para que tipos de doenças a senhora reza nessas pessoas?
- 5) Ainda pretende continuar rezando?
- 6) Qual é o santo que a senhora é devota?
- 7) Quais os dias que a senhora reza? E os dias que não reza?
- 8) Em seu ponto de vista, o que é ser uma mulher rezadeira?
- 9) O que você rezadeira apresenta de diferencial?
- 10) Qual o ambiente (quarto, sala) que utiliza para rezar?
- 11) Como é vista no meio social?
- 12) O que motiva continuar rezando nas pessoas?
- 13) Algum dia já refletiu em deixar de rezar?
- 14) Você tem algum emprego? Qual?
- 15) Qual é a sua oração mais forte?
- 16) Algum dia já lhe chamaram de macumbeira?
- 17) Qual foi a sua primeira cura? Qual era o gênero: () masculino; () feminino; () criança
- 18) Como as pessoas procuram retribuir suas curas?
- 19) Qual foi a cura que a senhora não esquece?
- 20) Quantos dias são para fechar uma reza?
- 21) A senhora ainda está rezando agora nesse tempo de pandemia?
- 22) Você conseguiu acabar o ensino médio? Até que série você estudou?

**APÊNDICE B- PERGUNTA FEITA AS PESSOAS QUE PROCURAM AS
REZADEIRAS**

- 1) Qual a importância da rezadeira para você?
- 2) Qual a cura que já foi operada em você?
- 3) Essa cura foi feita por meio de rezas, banhos ou garrafadas?
- 4) O que os motiva a senhora procurar as rezadeiras, mesmo tendo postos de saúde e o hospital?
- 5) Quais as formas de pagamento pela cura obtida?
- 6) O que faz a senhora acreditar que as rezadeiras podem curar? Qual é o principal meio para se obter a cura? E por quê?
- 7) Você acha possível a cura de doenças físicas fora da medicina oficial? Por quê?
- 8) Qual é a diferença entre o tratamento médico e do rezadeira?
- 9) Quem indicou procurar a rezadeira? Foi a primeira vez que a procurou ou já tinha feito outras visitas?
- 10) Você procura por problemas sentimentais, judiciais (dificuldades na vida pessoal) ou por causa de doenças?

APÊNDICE C- PERGUNTAS FEITAS AO PADRE

I – Dados pessoais/formação:

- Nome:
- Idade:
- Origem:
- Formação:
- Como é trabalhar em comunidades católicas de pequeno porte, na qual se predomina o catolicismo popular?
 - Como convive com as manifestações do catolicismo popular.

II – Relação com as rezadeiras

- O que pensa sobre a prática da benção?
- Conhece ou conheceu alguma rezadeira ou rezador?
- Como explica a busca por benzimentos na comunidade?

APÊNDICE D- PERGUNTAS FEITAS AO MÉDICO

- 1) O que você acha das mulheres rezadeiras, que tem a reza como um conhecimento tradicional, herdado, como uma prática milenar, secular, uma prática ancestral?
- 2) O conhecimento empírico só reverberar quando traz luz com o conhecimento científico, quais as orientações você daria para as pessoas que procuram as rezadeiras? Pois as mesmas procuram tanto os polos de saúde indígenas, as Unidades Básicas de Saúde e o Hospital.
- 3) Seu pai era rezador, ele fazia algum ritual cerimonialístico para operar a cura?
- 4) Sobre os rituais de pajelança indígena, já conheceu algum praticante na sua estada aqui no polo?
- 5) E sobre os conhecimentos tradicionais que as rezadeiras possuem, ou dizem possuir, você não vai em contradição do que elas praticam?
- 6) O que você acha do polo possuir uma rezadeira ou pajé?
- 7) Você como médico, tem algum ritual antes de receitar, de fazer um diagnóstico em algum paciente?